

V SEMANA DE GEOGRAFIA (SEMAGEO):

A GEOGRAFIA E SEUS MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE O ESPAÇO



V SEMAGEO
CFP/UFCG/Cajazeiras-PB
03 a 07 de Novembro de 2014

CAGEO **CFP** **UFCG**

"A Geografia e seus múltiplos olhares sobre o Espaço"

email: vsemageoufcg@gmail.com
site: <http://semageo.webnode.com/>

PROGRAMAÇÃO E CADERNO DE TRABALHOS COMPLETOS

Centro Acadêmico de Geografia – CAGEO
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais – UACS
Centro de Formação de Professores - CFP
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Cajazeiras – PB
Novembro de 2014

PROGRAMAÇÃO E TRABALHOS COMPLETOS

V SEMANA DE GEOGRAFIA (SEMAGEO):
A GEOGRAFIA E SEUS MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE O ESPAÇO

COMISSÃO ORGANIZADORA

Coordenação Geral:

Professor Dr. Josué Pereira da Silva – CAG / UACS / CFP / UFCG

Professora Dr.^a Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo

Professora Dr.^a Cícera Cecília Esmeraldo Alves – CAG / UACS / CFP / UFCG

Professora Me. Renata da Silva Barbosa – CAG / UACS / CFP / UFCG

Professor Dr. Santiago Andrade de Vasconcelos – CAG / UACS / CFP / UFCG

Macio Bento Bezerra – CAGEO / CFP / UFCG

Pierre Campos Medeiros – CAGEO / CFP / UFCG

Maglandyo da Silva Santos – CAGEO / CFP / UFCG

Comissão Científica:

Professor Dr. Josué Pereira da Silva – UACS / CFP / UFCG

Professora Dr. Ivanalda Dantas Nóbrega di Lorenzo – UACS / CFP / UFCG

Professora Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves – UACS / CFP / UFCG

Professora Me. Renata da Silva Barbosa – UACS / CFP / UFCG

Professor Dr. Santiago Andrade de Vasconcelos – UACS / CFP / UFCG

Professor Me. Aldo Gonçalves de Oliveira – UACS / CFP / UFCG

Professor Dr. Aloysio Rodrigues de Sousa – CAG/UACS / CFP / UFCG

Professor Me. Henaldo Moraes Gomes – UACS / CFP / UFCG

Professora Dr.^a Jacqueline Pires G. Lustosa – CAG / UACS / CFP / UFCG

Professor Dr. Josias de Castro Galvão – UACS / CFP / UFCG

Professor Me. Luiz Carlos Timóteo Araruna – UACS / CFP / UFCG

Professora Dr.^a Mariana Moreira Neto – CAG/UACS / CFP / UFCG

Professor Me. Marcos Assis Pereira de Souza – UACS / CFP / UFCG

Professor Dr. Marcelo Henrique de Melo Brandão – UACS / CFP / UFCG

Secretaria:

José Ribamar Gomes de Sousa – CAGEO / CFP / UFCG

Maglandyo da Silva Santos – CAGEO / CFP / UFCG

Pierre Campos Medeiros – CAGEO / CFP / UFCG

Tesouraria:

Cícera Gomes de Brito – CAGEO / CFP / UFCG

Pierre Campos Medeiros – CAGEO / CFP / UFCG

Macio Bento Bezerra – CAGEO / CFP / UFCG

Comissão de Infraestrutura e logística:

Alvino Pereira da Silva Neto – CAGEO / CFP / UFCG

Erlando Marques dos Santos – CAGEO / CFP / UFCG

Maglandyo da Silva Santos – CAGEO / CFP / UFCG

Maria Aparecida dos Santos Silva – CAGEO / CFP / UFCG

Comissão de Cultura:

Macio Bento Bezerra – CAGEO / CFP / UFCG

Alvino Pereira da Silva Neto – CAGEO / CFP / UFCG

Fabio Oliveira – Graduando em Geografia / CFP / UFCG

Kassia Janny – Graduanda em Geografia / CFP / UFCG

Gilmara Cosmo – Graduanda em Geografia / CFP / UFCG

Comissão de Comunicação:

Alessandra Araújo – Graduanda em Geografia / CFP / UFCG

David Kennedy – Graduando em Geografia / CFP / UFCG

Fernanda Batista – Graduanda em Geografia / CFP / UFCG

Jéssica Góis – Graduanda em Geografia / CFP / UFCG

Ana Paula Freire dos Santos – Graduanda em Geografia / CFP / UFCG

Macio Bento Bezerra – CAGEO / CFP / UFCG

Comissão de Patrocínio:

Maria Lucine Tavares – Graduanda em Geografia / CFP / UFCG

Marcelo Gonçalves – Graduando em Geografia / CFP / UFCG

David Abreu – Graduando em Geografia / CFP / UFCG

Joana Dark Venceslau – Graduanda em Geografia / CFP / UFCG

Maria Aparecida – Graduanda em Geografia / CFP / UFCG

Realização:

Centro Acadêmico de Geografia – CAGEO

Coordenação Acadêmica de Geografia – CAG

Apoio:

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Centro de Formação de Professores, *campus* Cajazeiras – CFP

Unidade Acadêmica de Ciências Sociais – UACS

Programa de Monitoria da Geografia – CPG / UACS / UFCG

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID / CNPq

SUMÁRIO

01. APRESENTAÇÃO.....	06
1.1 Histórico do Evento SEMAGEO	07
1.1.1 I Semana de Geografia	07
1.1.2 II Semana de Geografia.....	07
1.1.3 III Semana de Geografia.....	08
1.1.4 IV Semana de Geografia.....	08
1.1.5 V Semana de Geografia.....	09
02. PROGRAMAÇÃO GERAL.....	11
2.1 Conferências, Minicursos, Mesas Redondas, Oficinas e Outros	12
2.2 Conferências.....	12
2.3 Mesas Redondas.....	13
2.4 Minicursos.....	14
2.5 Oficinas.....	15
2.6 Exposições.....	16
03. GRUPOS DE TRABALHOS.....	16
GT4. Questões Ambientais, Sociedade e Natureza	17
GT6. Práticas de Ensino em Geografia: currículo, pesquisas e metodologias.....	38
GT7. Estágio Supervisionado e a Práxis na Formação Docente.....	115

APRESENTAÇÃO

O Centro Acadêmico de Geografia (CAGEO) é uma entidade regida por Estatuto Social próprio, sem filiação política partidária e fins lucrativos, representa os estudantes de graduação em Licenciatura em Geografia, do Centro de Formação de Professores (CFP), Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), *campus* de Cajazeiras, sediado à rua Sérgio Moreira de Figueiredo, S/N, Bloco F, Sala 04.

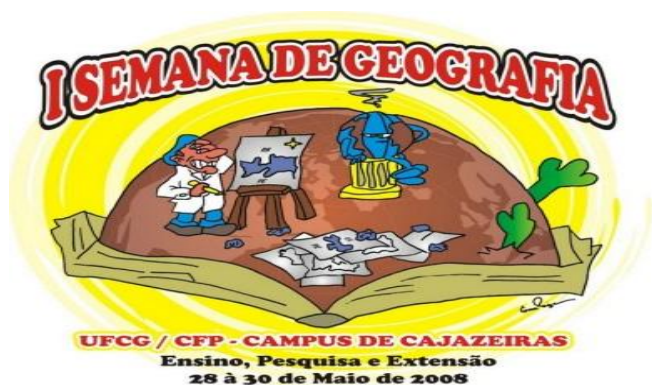
O CAGEO é a primeira instância de representação estudantil do curso de Licenciatura em Geografia do CFP/UFCG, e objetiva defender os estudantes do Curso nas reuniões de Colegiado, do Diretório Central dos Estudantes (DCE), da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais (UACS), bem como honrar com os princípios da Ciência Geográfica. Igualmente, em relação à movimentação de idéias e da busca de maior acessibilidade da população local/regional ao Ensino Superior.

No intuito de viabilizar este acesso, viemos por meio deste projeto, buscar promover, organizar e realizar a V SEMANA DE GEOGRAFIA (SEMAGEO) a realizar-se no CFP/UFCG, e que, nesta edição terá como tema: **A GEOGRAFIA E SEUS MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE O ESPAÇO**, a realizar-se no período de 03 a 07 de novembro de 2014, em Cajazeiras, Paraíba.

Este projeto trará informações importantes relacionadas à V SEMANA DE GEOGRAFIA (SEMAGEO), seu histórico, objetivos e público destinado, bem como, as orientações referentes a alojamentos, alimentação, patrocínios, dentre outros.

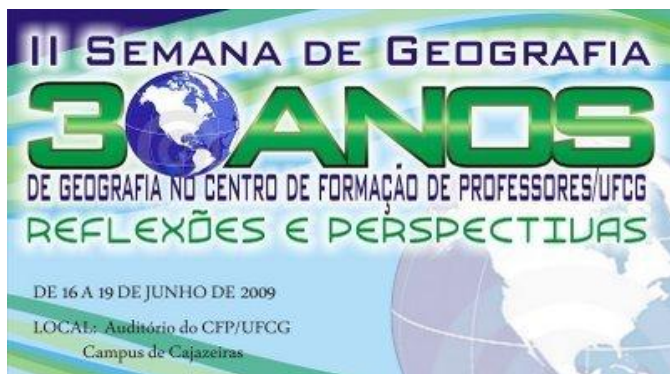
1.1 HISTÓRICO DO EVENTO SEMAGEO

1.1.1 I Semana de Geografia



A I Semana de Geografia constituiu-se como projeto idealizado pela Prof.^a Dr.^a Jacqueline Pires Gonçalves, auxiliada pelos alunos de graduação de Licenciatura em Geografia, *Campus* Cajazeiras, da Universidade Federal de Campina Grande, com o tema: ‘O Ensino, à Pesquisa e à Extensão’. Objetivou a realização de debates, palestras e mesas-redondas, os quais expuseram à realidade existente nos cursos de licenciatura como um todo, tanto no âmbito do CFP/UFCG, como nas demais Instituições de Ensino Superior (IES), possibilitando extrapolar os limites existentes entre a Unidade Acadêmica, os Docentes e Discentes, em prol de uma Universidade mais justa e igualitária, e pela aproximação entre o Ensino Básico e o Ensino Superior. A primeira edição, realizada entre os dias 28 e 30 de maio de 2008, criou e consolidou o Evento contribuindo para à expansão de eventos semelhantes em outros cursos de graduação do CFP/UFCG.

1.1.2 II Semana de Geografia



O sucesso da primeira edição da SEMAGEO implicou na sua continuidade e ampliação da mesma, considerando a participação massiva do corpo discente comprometido com a conjuntura organizacional e estrutural do Curso e do Evento. Realizada no período de 16 e 19 de junho, do ano de 2009, a II Semana de Geografia, teve como tema ‘30 Anos de Geografia no Centro de Formação de Professores –

Perspectivas e Reflexões, onde, professores e alunos puderam apresentar, relembrar e celebrar as experiências vivenciadas nas três décadas consideradas, no CFP/UFGC, para que assim, fosse proposto, elaborado e posto em prática novos sistemas de ideias.

1.1.3 III Semana de Geografia



DE 05 a 08 de outubro de 2010. No Centro de Formação de Professores-UFGC, campus Cajazeiras-PB.

O CAGEO, juntamente com uma Comissão Científica composta pelos professores Prof.^a Dr.^a Jacqueline Pires Gonçalves, Prof. Dr. Josenilton Patrício Rocha, Prof. Me. Henaldo Moraes Gomes, Prof. Dr.^o Josias de Castro Galvão e Prof.^a Dr.^a Maria

Luíza Schwarz, complementada por um grupo de alunos, realizaram a III SEMAGEO consolidando a importância do Evento realizado no período de 05 a 08 de outubro de 2010. A temática aludida na III SEMAGEO, '**Água: Usos, Escassez e Conflitos**', externou-se através de minicursos, palestras, mesas redondas e exposições, no intuito de refletir acerca do papel da Geografia e sua contribuição para a conscientização da sociedade para uso racional da água.

1.1.4 IV Semana de Geografia



A IV Semana de Geografia, a última realizada no CFP/UFGC realizou-se no período de 26 a 30 de setembro de 2010 apresentando a temática '**O Espaço Semiárido Nordeste: mudanças e permanências**', justificada pela inserção do Campus

Cajazeiras no Semiárido Nordeste, importando, desta forma no debate contextualizado; por conseguinte no conhecimento aprofundado acerca das realidades locais/regional.

1.1.5. V Semana de Geografia



Após quatro edições da SEMAGEO, propomos a realização da V Semana de Geografia (SEMAGEO), a partir deste Projeto idealizado para viabilizar um Evento de maior abrangência e significância, desta vez, incluindo a além de debates e mesas-redondas, as conferências, apresentação de

trabalhos em banner e comunicação oral, minicursos e oficinas. A V SEMAGEO apresenta o tema: **‘A Geografia e Seus Múltiplos Olhares Sobre O Espaço’**, propondo um debate transdisciplinar pautado na diversidade dos sujeitos que o fazem.

Contamos com o apoio integral do corpo docente e discente do CFP/UFCG envolvendo não apenas a comunidade acadêmica do CFP/UFCG, mas também pesquisadores, professores da Educação Básica e da Educação Superior, estudantes, a sociedade civil organizada, para discutir/refletir a Geografia e seus múltiplos olhares sobre o espaço.

A geografia e seus múltiplos olhares sobre o espaço; a cidade e seus múltiplos olhares; as múltiplas abordagens sobre gênero e população; a pesquisa em geografia: o Semiárido como referência; as distintas metodologias da pesquisa no ensino de geografia; as contradições e perspectivas do ensino de geografia, a pesquisa e a formação docente; diversidades de territórios, resistências e contradições; e, os caminhos de implantação de pós-graduação em geografia, dentre outros temas, comporão o rol de debates propostos para as mesas redondas e conferências.

No tocante aos minicursos várias temáticas serão abordadas a exemplo de novas e distintas metodologias e recursos didáticos, especialmente relacionados as novas tecnologias no ensino de geografia/ e as questões relacionadas à água, aos recursos hídricos e a degradação ambiental. Contudo, a apresentação de banner's e comunicações orais nos Grupos de trabalhos (GT's) e a publicação de artigos e trabalhos completos de pesquisadores, estudantes de

graduação e pós-graduação, nos Anais do evento contemplará vários e diferentes eixos de estudo da Ciência Geográfica.

Complementando a V SEMAGEO propomos a exposição fotográfica de imagens temáticas, a exposição de livros e de produtos e manifestações culturais locais/regionais.

Objetivos

- Fortalecer um espaço acadêmico e científico de diálogo entre pesquisadores, acadêmicos, professores das redes pública e privada de ensino, representantes do Estado e da sociedade civil organizada, acerca das dinâmicas de discussão/reflexão sobre a Geografia e seus múltiplos olhares sobre o espaço;
- Possibilitar ao público interessado debaterem temas relativos à problemática relativa à ciência geográfica;
- Enfatizar e dar visibilidade à geografia e seus múltiplos olhares sobre o espaço.

Público

A comunidade interessada, diretamente relacionada à atividade e formação docente em Geografia, como estudantes de graduação e pós-graduação, professores da Educação Básica e do Ensino Superior das redes municipal, estadual, federal e particular, pesquisadores, técnicos e a sociedade civil organizada.

2. PROGRAMAÇÃO GERAL

Data	Horário	Atividade
03/11	07h00min às 11h30min	Credenciamento
	13h00min às 16h30min	
	18h00min às 20h00min	
	18h30min às 19:20min	Cerimonial de Abertura
	19h20min às 20h00min	Homenagem ao professor Francisco Augusto de Sousa e a aluna Jardulina Gomes Amaro
03/11	20h00min às 21h30min	Conferência De Abertura
	21h30min	Atividade Cultural
04/11	07h00min às 10h00min	Credenciamento
	08h00min às 10h00min	
	10h30min às 12h30min	Mesa Redonda 01
	14h00min às 17h00min	Mesa Redonda 02
	19h00min às 22h00min	Minicursos
05/11	08h00min às 10h00min	Minicursos
	10h30min às 12h30min	Mesa Redonda 03
	14h00min às 17h00min	Mesa Redonda 04
	19h00min às 22h00min	Minicursos
	14h00min às 18h00min	Minicursos
06/11	08h00min às 10h00min	Oficinas
	10h30min às 12h30min	Mesa Redonda 05
	14h00min às 18h00min	Mesa Redonda 06
	14h00min às 16h00min	Oficinas
	16h00min às 18h00min	Apresentação de Trabalhos
		Apresentação de Banner

19h:00min às 22h:00min

Cinema, música e teatro

07/11	07h 00min	Trabalho de Campo
	19h15min	Conferência de Encerramento
	20h45min	Cerimonial de Encerramento
	21h30min	Confraternização

2.1. CONFERÊNCIAS, MESAS REDONDAS, MINICURSOS, OFICINAS E OUTROS

2.2. CONFERÊNCIAS

SEGUNDA-FEIRA (03/11)

18h30min às 19:20min	Cerimonial de Abertura	Composição da Mesa
19h20min às 20h00min	Homenagem ao Professor Francisco Augusto de Sousa e a aluna Jardulina Gomes Amaro	Prof. Dr. Josué Pereira
20h00min às 21h30min	Conferência de Abertura A GEOGRAFIA E SEUS MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE O ESPAÇO	Palestrante: Edson Vicente da Silva – UFC

SEXTA-FEIRA (07/11)

19h15min –CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO

CAMINHOS DE IMPLANTAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA	
APRESENTAÇÃO	Professora Dr. ^a Jacqueline Pires Gonçalves Lustosa
PALESTRANTE 01	Prof. ^o Dr. Xisto Serafim – UFCG

PLENÁRIA FINAL - 20h45min - ENCERRAMENTO

CERIMONIAL DE ENCERRAMENTO	
PRESIDÊNCIA	Professora Dr. ^a Jacqueline Pires Gonçalves Lustosa

2.3. MESAS REDONDAS

TERÇA-FEIRA (04/11)

08h00min às 10h00min – MESA REDONDA 01

CIDADES: MÚLTIPLOS OLHARES	
MEDIADORA	Professora Me. Luciana Medeiros – CFP/UFCG
PALESTRANTE 01	Professora Dra. Firmiana Fonseca Siebra – Geociências/URCA
PALESTRANTE 02	Professor Dr. Santiago Andrade Vasconcelos

10h30min às 12h30min – MESA REDONDA 02

POPULAÇÃO E GÊNERO: MÚLTIPLAS ABORDAGENS	
MEDIADOR	Professor Me. Henaldo Moraes Gomes – CFP/UFCG
PALESTRANTE 01	Professora Me. Luciana Medeiros de Araújo – CFP/UFCG
PALESTRANTE 02	Professora Dra. Mariana Moreira Neto – CFP/UFCG
PALESTRANTE 03	Professora Dra. Iveralda Dantas Nóbrega Di Lorenzo – CFP/UFCG

QUARTA-FEIRA (05/11)

08h00min às 10h00min – MESA REDONDA 03

GEOGRAFIA E PESQUISA: O SEMIÁRIDO COMO REFERÊNCIA	
MEDIADOR	Professor Dr. Josué Pereira – CFP/UFCG
CONVIDADO 01	Professor Dr. Marcelo Henrique de Melo Brandão – CFP/UFCG
CONVIDADO 02	Professora Dra. Jacqueline Pires Gonçalves Lustosa - CFP/UFCG

10h30min às 12h30min – MESA REDONDA 04

ENSINO DE GEOGRAFIA: CONTRADIÇÕES E PERSPECTIVAS DA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTES	
MEDIADORA	Professora Dra. Iveralda Dantas Nóbrega Di Lorenzo – CFP/UFCG
PALESTRANTE 01	Professora Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves – CFP/UFCG
PALESTRANTE 02	Professor Me. Aldo Gonçalves de Oliveira – CFP/UFCG
PALESTRANTE 03	Professor Felipe Venceslau Silva Almeida – Rede Estadual de Ensino – Sousa – PB

QUINTA-FEIRA (06/11)

08h00min às 10h00min – MESA REDONDA 05

METODOLOGIAS DE PESQUISA EM GEOGRAFIA	
MEDIADOR	Prof. Dr. Josué Pereira – CFP/UFCG
CONVIDADO 01	Profa. Dra. Doralice Sátyro Maia - PPGG/UFPB
CONVIDADO 02	Me. Pâmela Stevens de Oliveira - PPGG/UFPB

10h30min às 12h30min – MESA REDONDA 06

TERRITÓRIO(S): RESISTÊNCIAS E CONTRADIÇÕES	
MEDIADORA	Professora Me. Lireida Maria Albuquerque Bezerra - URCA
CONVIDADO 01	Professora Me. Renata da Silva Barbosa – CFP/UFCG
CONVIDADO 02	Professora Dra. Maria de Fátima Ferreira Rodrigues – PPGG/UFPB
CONVIDADO 03	Graduanda Cícera Cecília (CPT - UFCG)

19h:00min às 22h:00min - CINEMA, MÚSICA E TEATRO

CINEMA, MÚSICA E TEATRO	
APRESENTAÇÃO	TEATRO DO OPRIMIDO – IFPB/CAMPUS CABEDELO
RESPONSÁVEIS	Professor Ms. Rogério S. Bezerra – IFPB Campus Cabedelo-PB Educandos IFPB Campus Cabedelo-PB

2.4 MINICURSOS

TERÇA-FEIRA (04/11) e QUARTA-FEIRA (05/11)

14h00min às 17h00min

MINICURSO 01	O USO DA FOTOGRAFIA EM GEOGRAFIA	VAGAS:
	Professora Akene Shionara	15
MINICURSO 02	NOÇÕES BÁSICAS DE MAPEAMENTO	VAGAS:
	Professor Me. Luís Carlos Timóteo Araruna – CFP/UFCG Professor Dr. Marcos Assis Pereira de Sousa – CFP/UFCG	20
MINICURSO 03	SIG APLICADO À ECOLOGIA DA PAISAGEM	VAGAS:
	Professor Me. Pâmela Stevens de Oliveira – UFPB	15

MINICURSO 04	A QUESTÃO DA ÁGUA NO SÉCULO XXI	VAGAS:
	Professor Me. Henaldo Moraes Gomes – CFP/UFCG	20

19h00min às 22h00min

MINICURSO 05	APRENDENDO A SER PROFESSOR DE GEOGRAFIA: DILEMAS E DESAFIOS DE UMA CARREIRA QUE SE INICIA	VAGAS:
	Professor Me. Rodrigo Bezerra Pessoa -CFP/UFCG	20
MINICURSO 06	DEGRADAÇÃO AMBIENTAL: O MUNDO PEDE SOCORRO	VAGAS:
	Professora Dr. ^a Jacqueline Pires Gonçalves Lustosa	20
MINICURSO 07	INTRODUÇÃO AO SENSORIAMENTO REMOTO	VAGAS:
	Professor Dr. Aloysio Rodrigues de Sousa – CFP/UFCG	20
MINICURSO 08	RECURSOS HÍDRICOS NA BACIA DO RIO DO PEIXE	VAGAS:
	Professor Dr. Marcelo Henrique de Melo Brandão – CFP/UFCG	20

2.5. OFICINAS

TERÇA-FEIRA (04/11)

14h00min às 18h00min

OFICINA 01	TEATRO COMO OPÇÃO METODOLÓGICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA	VAGAS:
	Prof. Me. Rogério Bezerra – IFPB Cabedelo Educandos do Curso de Meio Ambiente – IFPB Cabedelo	20
OFICINA 02	USO DA IMAGEM COMO METODOLOGIA NO ENSINO DE GEOGRAFIA	VAGAS:
	Profa. Me. Joseane Abílio Profa. Me. Deusia Ângelo Graduando Joaquim Alves da Costa Filho / Lucas Alves de Figueiredo - CFP/UFCG	20
OFICINA 03	EDUCAÇÃO INCLUSIVA	VAGAS:
	Profa. Me. Geane Fonseca - CFP/UFCG	20

2.6. EXPOSIÇÕES

QUARTA-FEIRA (05/11) e QUINTA-FEIRA (06/11)

14h00min às 18h00min

Programação de Exposições:

Durante todo o evento nos espaços de circulação da UACS.

EXPOSIÇÃO TEMÁTICA DE FOTOGRAFIAS

Durante todo o evento nos espaços de circulação da UACS.

EXPOSIÇÃO DE PRODUTOS E DISTINTAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

Durante todo o evento nos espaços de circulação da UACS.

EXPOSIÇÃO DE LIVROS

3. GRUPOS DE TRABALHO

A V SEMAGEO tentará reunir aspectos que reflitam a pluralidade de estudos sobre a geografia e os múltiplos olhares sobre o espaço nos Grupos de Trabalhos (GT's). Será nos GT's onde diversos temas, pesquisas e opções teórico-metodológicas terão espaço para apresentações e debates. Além disso, estes espaços possibilitam o encontro de pesquisadores que estudam o mesmo tema, e coloca em contato diferentes níveis de estudo (estudos de iniciação científica, pesquisas de graduação e pós-graduação, grupos de pesquisa, práticas de ensino, dentre outros). Para isso, será proposta uma razoável quantidade de eixos temáticos, quais sejam: I – Educação e Ensino de Geografia; II – Epistemologia da Geografia; III – Dinâmicas Naturais; IV - O Espaço Semiárido; desdobrados nos seguintes Grupos de Trabalhos (GT's):

1. Abordagens Teórico-Metodológicas da Geografia
2. Estado, Políticas Públicas e Dinâmicas Migratórias
3. Educação contextualizada, Cultura(s) e Diversidade(s)
4. Questões Ambientais, Sociedade e Natureza

5. Campo e Cidade: Resistências e Transformações dos/nos Espaços Agrário e Urbano Brasileiros
6. Práticas de Ensino em Geografia: currículo, pesquisas e metodologias
7. Estágio Supervisionado e a Práxis na Formação Docente

GRUPOS DE TRABALHOS

- GT 1. Abordagens Teórico-Metodológicas da Geografia (Não houve inscritos)
- GT 2. Estado, Políticas Públicas e Dinâmicas Migratórias (Não houve inscritos)
- GT 3. Educação contextualizada, Cultura(s) e Diversidade(s) (Não houve inscritos)
- GT 4. Questões Ambientais, Sociedade e Natureza
- GT 5. Campo e Cidade: Resistências e Transformações dos/nos Espaços Agrário e Urbano Brasileiros
- GT 6. Práticas de Ensino em Geografia: currículo, pesquisas e metodologias
- GT 7. Estágio Supervisionado e a Práxis na Formação Docente

GT 4. QUESTÕES AMBIENTAIS, SOCIEDADE E NATUREZA

PAINÉIS

RUMO A CONSCIÊNCIA SUSTENTÁVEL

Sueleide Castro Fernandes

sueleide.castro@ig.com.br

RESUMO EXPANDIDO

Palavras-chave: Sustentabilidade – Conscientização - Meio ambiente

INTRODUÇÃO

Ao longo dos séculos, a humanidade tem explorado os recursos naturais visando o seu melhor aproveitamento, usando várias ferramentas objetivando usufruir de todos os recursos naturais de uma forma não sustentável. No decorrer desse processo, outras formas de sobrevivência foram surgindo e em consequência, novas necessidades e novos objetivos

induziram o homem a criar novas técnicas para atender suas necessidades, decorrentes do consumo exagerado e da produção em larga escala.

Os problemas ambientais da atualidade são decorrentes de um processo histórico, gerados ao longo da história da humanidade por práticas e atitudes inadequadas decorrentes da própria existência humana. Por outro lado, o acelerado processo de transformação da natureza provocado por ações humanas não seguiu o preceito de conservação e preservação, entretanto, priorizou as questões econômicas, provocando um caos ambiental a nível mundial. Temos observado que a ocupação humana tem propiciado a geração de impactos ambientais negativos.

De acordo com Brügger (2004, p. 15), “as questões ambientais passaram a ter maior importância por parte dos pesquisadores a partir da década de 1980, no momento em que os jornais começaram a noticiar os desastres ecológicos, que passaram a fazer parte de nossa vida”. A partir desta década o processo de industrialização foi tornando-se mais acentuado e conseqüentemente desencadeou notórios desequilíbrios ambientais, desde a extinção de espécies a intensos processos de mudanças climáticas.

A atual conjuntura econômica baseada na sociedade do consumo necessita que o processo de produção seja aplicado em larga escala, para tanto, faz-se necessário uma exploração desenfreada dos recursos naturais. Segundo Brasil (2001), esses processos de exploração são atualmente responsáveis por boa parte da destruição e degradação dos recursos naturais e ao mesmo tempo, estão colocando em risco a sua capacidade de renovação.

Sendo um processo, a Educação Ambiental proporciona o conhecimento mais apurado da realidade ambiental, a maneira de pensar no espaço global como sendo um reflexo de atitudes locais, permite também, a compreensão crítica e a adoção de posturas consciente relacionadas ao ambiente em que se vive. As ações voltadas para a sustentabilidade devem permear todo o discurso, aliando-o com práticas pedagógicas dinâmicas e adequadas as diferentes faixas etárias. Pensando nesta ótica e tendo em mente que a formação dos recursos humanos é um dos principais instrumentos da Política Nacional da Educação Ambiental, definida pela Lei 9795 de 27 de abril, que legisla sobre a introdução da Educação Ambiental no ensino formal.

Diante do exposto objetivou-se com esta pesquisa uma análise das experiências em educação ambiental em uma escola da rede privada da cidade de Patos, em amostragem. Tentaremos demonstrar que a promoção da educação ambiental deve partir de um processo de formação de educadores e ser consubstanciada em políticas públicas do município e a partir da conscientização e do conhecimento, sobretudo para pensarmos em atitudes e ações a se

tornarem realidade quanto a preservação de qualquer espaço em que estamos atuando na cidade.

DESENVOLVIMENTO

Na busca da realização de um trabalho que atenda a uma melhor qualidade de vida e a tomada de atitudes saudáveis para com o meio ambiente, a “Escola A” vem desenvolvendo como meta de trabalho, desde o ano de 2005, a realização de uma proposta pedagógica com enfoques voltados para o meio ambiente e tem como tema principal “*Rumo a Consciência Sustentável*”.

A complexidade da temática envolve a necessária construção de conhecimentos, valores e atitudes dos alunos e de toda a comunidade escolar. Conforme Loureiro (2000, p. 158):

a educação ambiental surge no cenário mundial como uma área a ser implementada, tendo em vista a crescente conscientização sobre a problemática ambiental, do qual é vitimado todo o planeta”. A educação ambiental deve ser reconhecida como um instrumento importante para promover mudanças nos valores e atitudes individuais e coletivas. Para que isso ocorra é necessário que, além de conceitos e informações as escolas se proponham a trabalhar com atitudes e com formação de valores.

Sendo um processo, a Educação Ambiental proporciona o conhecimento mais apurado da realidade ambiental, a maneira de pensar no espaço global como sendo um reflexo de atitudes locais, permite também, a compreensão crítica e a adoção de posturas consciente relacionadas ao ambiente em que se vive. A proposta tem como ponto de partida, a reflexão sobre a ação do homem para com o Meio ambiente, iniciando-se do contexto no qual estamos inseridos. Propõe-se que as ações de todos os que compõem a escola ocorram dentro das técnicas e princípios conhecidos de conservação, estudando seus efeitos para que se aprenda rapidamente com seus erros.

Durante o processo os professores e os alunos serão estimulados a voltar seus olhos para a vida real e assim “pensar globalmente e agir localmente”. Para efeito didático, as questões ambientais serão tratadas por meio de eixos temáticos de modo a facilitar a compreensão dos fenômenos ambientais, os efeitos do desenvolvimento e as possíveis alternativas para garantir a continuidade da vida no planeta.

Resultados Alcançados

A proposta em ação tem promovido a escola o desenvolvimento de ações integradas, culminando no avanço de olhares múltiplos acerca do meio ambiente, promovendo aos alunos a capacidade de argumentar sobre suas atuações na sociedade e a repercussão de suas práticas no âmbito local, assim como os seus reflexos numa perspectiva mais abrangente, para além do local.

CONSIDERAÇÕES

A aplicação deste projeto tem proporcionado mudanças significativas no modo de pensar e agir de toda comunidade escolar, contribuindo assim, para a formação de consciência sustentável, o que certamente implicará em expressivas mudanças do espaço onde estão inseridos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Meio Ambiente e Saúde. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed. Brasília: A Secretaria, 2001.

BRÜGGER, Paula. Educação ou adestramento ambiental. 3.ed. ver. e ampl. Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. (org). **Sociedade e Meio Ambiente: A Educação Ambiental em Debate**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO BIOMA CAATINGA: CONCEPÇÕES DOS EDUCANDOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE SÃO JOSÉ DA LAGOA TAPADA- PB

Jânio Trajano de Araújo

Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas- CFP/UFCG

e-mail: janio1949@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O bioma Caatinga possui uma área aproximada de 826.411 km², sendo um bioma exclusivamente brasileiro, na qual apenas 1,21% de seu território é de proteção integral (LEAL et al., 2005). Por muito tempo a Caatinga foi considerada como um bioma de pobreza paisagística e de pouca biodiversidade, características adotadas por quem desconhece a riqueza e importância deste ecossistema. Alves et al. (2009) afirma que a caatinga apresenta uma grande diversidade de espécies vegetais e animais, sendo muitas delas endêmicas. De acordo com Leal et al. (2005) a ação antrópica associada à fragilidade natural deste bioma provoca sérias consequências que acarretam em um desequilíbrio ecológico, ocasionado principalmente pelo crescimento rural, expansão da agricultura familiar e pela pecuária extensiva.

A contextualização da educação ambiental com o bioma Caatinga na educação formal contribui significativamente para sensibilização dos educandos quanto às fragilidades e as potencialidades deste meio (SOUZA, 2007). De acordo com Abílio et al. (2014) a escola como um espaço de formação de cidadãos, exerce um papel fundamental na construção da consciência ambiental, oferecendo subsídios que possam integrar o homem visando a formação de uma personalidade que leve a reflexão da relação dos seres com os ecossistemas, dando destaque para a preservação do meio ambiente. O presente trabalho teve como objetivo diagnosticar as concepções ambientais dos educandos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antônio Gregório de Lacerda, localizada no município de São José da Lagoa Tapada, sertão paraibano.

DESENVOLVIMENTO

Este trabalho se caracterizou como uma pesquisa de cunho qualitativo, onde foram utilizados como pressupostos teóricos metodológicos elementos do biorregionalismo e da Fenomenologia. Sato e Passos (2002) afirmam que o biorregionalismo busca o conhecimento local através das análises biológicas e narrativas da região, enquanto que a fenomenologia entende que entre o ambiente e o sujeito há um lugar de encontro e compartilhamento (um hábitat), onde o fenômeno é o que nos mediatiza para o mundo e que mediatiza o mundo para nós.

A pesquisa foi realizada no mês de outubro de 2014, na qual foram aplicados 54 questionários semiestruturados com educandos do ensino fundamental da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antônio Gregório de Lacerda no município de São José da

Lagoa Tapada-PB. Os questionários continham perguntas sobre Meio Ambiente, Educação Ambiental, Fauna, Flora e os principais impactos ambientais que assolam a Caatinga paraibana.

Dos que responderam ao questionário 15 eram educandos do 6º ano do ensino fundamental, 18 eram do 7º ano, 12 eram do 8º ano e 9 eram do 9º ano. A faixa etária dos mesmos era de 11 a 18 anos, na qual 50% eram do sexo masculino e 50% do sexo feminino. A primeira pergunta solicitava que os educandos apresentassem um conceito para meio ambiente, onde foram observadas as seguintes concepções: Natureza (57%), seres vivos (15%), local onde vivemos (13%), água (4%), vegetação (2%) e 9% não souberam ou não responderam. De acordo com Carvalho (2012) o conceito de Meio Ambiente não está vinculado apenas aos fatores físicos e biológicos, mas também engloba o meio social, cultural e político. A segunda pergunta tratava de apresentar um conceito para educação ambiental, onde as concepções diagnosticadas foram: Preservação (57%), conscientização (24%), conhecimento (11%) e 7% não souberam ou não responderam. Souza (2007) destaca a educação ambiental como um processo educativo interdisciplinar que amplia o foco do sistema educacional e que relaciona as ações culturais com o meio ambiente.

Com relação a biodiversidade as perguntas solicitavam que os alunos citassem cinco exemplos de animais e vegetais que fizessem parte da fauna e da flora do bioma Caatinga. Os animais mais citados foram: Cobra (27%), jumento (20%) e bode (19%), outros animais como o preá, tatu e raposa (33%) também foram mencionados. Com relação a flora os vegetais mais citados foram: Jurema (30%), juazeiro (20%) e mandacaru (19%), 38% também citaram a oiticica, aroeira e carnaúba. Em suma os educandos possuem uma excelente visão sobre os componentes da biodiversidade da Caatinga. Os animais e plantas citados fazem parte do cotidiano dos mesmos, visto que a maioria reside na zona rural do município. Na concepção dos educandos os impactos ambientais que mais afetam a Caatinga são as queimadas (42%), desmatamento (37%) e poluição (12%), também indicaram a caça (3%) e 6% não souberam ou não responderam. Estas concepções estão relacionadas ao fato dos mesmos vivenciarem estes impactos que atualmente se encontram em larga escala neste bioma.

CONSIDERAÇÕES

Diante da análise sobre as concepções dos educandos é possível visualizar uma extrema necessidade de desenvolvimento de atividades pedagógicas contextualizadas que

busquem ampliar o conhecimento dos educandos sobre o bioma Caatinga, onde a educação ambiental seja o veículo para a sensibilização dos mesmos, consolidando a formação de sujeitos ecológicos que adquiram conhecimentos capazes de contribuir para a conservação deste bioma tão vulnerável a ação antrópica.

Palavras Chave: Contextualização, Educação Ambiental, Concepção Ambiental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABÍLIO, F.J.P. Educação Ambiental: Conceitos, Princípios e Tendências. IN: Abílio, F.J.P. (Org.) **Educação Ambiental para o Semiárido**. João Pessoa-PB: Editora Universitária da UFPB, 2011.

ALVES, J. J. A; ARAÚJO, M. A; NASCIMENTO, S. S. Degradação da caatinga: uma investigação Ecogeográfica. **Revista Caatinga Mossoró**, v.22, n3, p 126-135, julho/setembro 2009.

CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental**: A formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2012.

LEAL, I.R., TABARELLI, M.; SILVA, J.M.C. **Ecologia e Conservação da Caatinga**. Recife, PE: Ed. Universitária da UFPE, 2005.

SATO, M.; PASSOS, L.A. Biorregionalismo: identidade histórica e caminhos para a Cidadania. In: Loureiro, C.FB, Layrargues, P.P. & Castro, R.S. (orgs). **Educação Ambiental**: repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez, 2002.

SOUZA, J. M. F. **Educação ambiental no ensino fundamental**: Metodologias e dificuldades detectadas em escolas de município no interior da Paraíba. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.

UM ESTUDO DE CASO NA COMUNIDADE RIACHO VERDE I, MUNICÍPIO DE AGUIAR – PB: UMA PROPOSTA DE RECICLAGEM DOS RESÍDUOS SÓLIDOS NA ZONA RURAL

Ailmo Xavier Soares

Discente do Curso de Geografia, Universidade Federal de Campina Grande.
ailmoxaviersoares@gmail.com

Rinaldo Gonçalves Leite Júnior

Discente do Curso de Geografia, Universidade Federal de Campina Grande. rinaljr@gmail.com

Cícera Cecília Esmeraldo Alves

Docente do Curso de Geografia da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais/Universidade Federal de Campina Grande.
ceciliaesmeraldo@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO

O destino final dos resíduos sólidos é um grande desafio enfrentado pela sociedade contemporânea, o mesmo causa grandes problemas ambientais e de saúde pública, principalmente, se não for cuidado corretamente.

A comunidade de Riacho Verde I, município de Aguiar - PB perpassa por problemas dessa ordem, no entanto, a comunidade buscou viabilizar e solucionar tais problemas, reaproveitando os resíduos gerados, diminuindo assim a quantidade de resíduos depositados de maneira incorreta.

A temática proposta tem como objetivo geral analisar a problemática de uma comunidade rural do município de Aguiar – PB, no uso e descarte domiciliar dos resíduos orgânicos e inorgânicos.

Este trabalho também objetiva sensibilizar essa comunidade com atividades de educação ambiental e algumas técnicas de reutilização.

A presente pesquisa é um estudo de caso realizado na comunidade rural do município de Aguiar – PB. Diante da problemática que esta comunidade apresenta em relação ao descarte dos resíduos sólidos e o comprometimento do ambiente, adotou-se uma metodologia com o apoio de literatura específica sobre resíduos sólidos, reciclagem, meio ambiente e educação ambiental.

Para uma melhor compreensão sobre o objeto de estudo, aplicou-se uma mostra de questionários junto a comunidade e algumas entrevistas a representantes da mesma. Também, trabalhou-se o registro fotográfico para uma posterior análise qualitativa da paisagem registrada, com a interação dos moradores em uma ação conjunta entre professores e alunos da escola municipal local.

Na contemporaneidade a reciclagem tornou-se uma medida para solucionar ou amenizar o destino dos resíduos sólidos para os lixões. O modelo de produção se dá com produtos que não apresenta uma durabilidade satisfatória contribuindo demasiadamente para o aumento desses resíduos. O reaproveitamento desses resíduos seja de forma artesanal ou industrial, contribui para a “geração de renda” e a conservação do meio ambiente.

A sociedade perpassa por sérios problemas ambientais, inundações, poluição de rios, atmosférica dentre outras, é necessário refletirmos sobre o ritmo e a qualidade de vida que temos: Será esse modelo de crescimento econômico condizente para a sociedade, a educação, saúde e qualidade de vida? Que políticas públicas estão sendo desenvolvidas para melhorar tal problemática?

Na comunidade Riacho Verde I presencia-se algumas medidas para minimizar os impactos ambientais, ou seja, uma parte dos resíduos são reutilizados através da reciclagem, desde os objetos mais simples, como garrafas pet entre outros. Assim, dando ênfase a questão socioeconômica da comunidade, tanto na ornamentação de jardins e decoração de ambientes, como em relação aos resíduos orgânicos (restos de alimentos) são utilizados na criação de animais domésticos.

As políticas educacionais devem direcionar ações, atividades educativas formal e/ou informal para incentivar o reaproveitamento dos resíduos e minimizar problemas tão preocupantes como o consumo, a forma de dispor os resíduos no solo, para não comprometer a saúde e os recursos naturais. Principalmente em áreas sem nenhum controle e aqui especificamente a comunidade pesquisada, por ser uma área “pequena”, mas, que apresenta todo esse diagnóstico.

A reciclagem não deve ser vista como a única solução para o problema dos resíduos sólidos, a mesma tem grande importância, mas, há outros mecanismos para minimizar tamanho problema. A sensibilização da população torna-se imprescindível para que de fato haja a sustentabilidade ambiental e que busquem a conservação do meio. Constata-se, que a comunidade pesquisada necessita-se de uma atenção maior e orientações educativas e ambientais para minimizar tal problemática.

Palavras-chave: reciclagem, sustentabilidade, meio ambiente.

BIBLIOGRAFIA

MATOS, Terceiro. **Lixo: uma Alternativa Sustentável.** Recife – PE: Soler Edições Pedagógicas, 2009.

RODRIGUES, José Manuel Mateo; SILVA, Edson Vicente da. **Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável: Problemática, tendências e Desafios.** 2ª ed. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

SANTOS, Euzimar Gregório dos. OLIVEIRA, Fernando Garcia de. **Resíduos sólidos no meio rural: o caso do assentamento queimadas no município de Remígio / PB.** Disponível: <<http://universidadescidades.ufcg.edu.br>>. Acesso em: 16 de out. 2014

TRABALHOS

ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL E A CONSERVAÇÃO DOS SISTEMAS NATURAIS: O CASO DA SERRA DAS ALMAS E A ESPÉCIE AROEIRA (*MYRACRODRUON URUNDEUVA*)

Francisca Clenilda Pereira Dantas¹

¹ Graduandas – CFP/UFCEG.

² Mestrando – CE/UFPE.

clenildapereiradantas@gmail.com

Maria Lucine Rocha Tavares¹

lucinetavares@hotmail.com

André Pereira da Costa²

andre.pcosta@yahoo.com.br

RESUMO:

Os seres vivos mantêm uma constante relação com o seu meio. O equilíbrio desses processos é vital para a manutenção da vida. Contudo, o homem com a sua ação predatória vem degradando os recursos naturais, perturbando as relações ecológicas dos ecossistemas. Espécies estão entrando em extinção e muitas correm sérios riscos, como é o caso da Aroeira (*Myracrodruon urundeuva*). A criação de Áreas de Proteção Ambiental, como a exemplo da Serra das Almas, localizada no município de Crateús – CE possibilita a proteção da biodiversidade do bioma Caatinga. Neste trabalho propomos uma discussão acerca da importância dessas Áreas de Proteção Ambiental, bem como da conservação e preservação dos sistemas naturais.

Palavras-chave: diversidade biológica, caatinga, aroeira, reserva ambiental.

1 INTRODUÇÃO

O meio ambiente disponibiliza as condições fundamentais para a sobrevivência e desenvolvimento dos seres vivos. Os organismos estabelecem uma constante e permanente relação com o meio abiótico. Processos que desempenham funções vitais na manutenção do equilíbrio ecológico, o qual é essencial para a vida no Planeta.

Desde a origem da civilização humana, o Homem ansiou por compreender o ambiente a sua volta, os seus fenômenos naturais, sua fauna e flora, para assim sobreviver. Esse contexto foi marcado pela utilização do fogo e, posteriormente, pela elaboração de outros instrumentos

que possibilitaram ao ser humano modificar o ambiente. Iniciando-se a degradação ambiental.

Em decorrência do desenvolvimento tecnológico, passamos a supor que necessitamos muito pouco da natureza, para complementar nossas necessidades cotidianas. Desta maneira, despreza-se a dependência do ambiente para sobrevivência, fato este contraditório, pois tudo o que temos hoje é o resultado de algum processo que envolve os recursos naturais como matéria-prima (ODUM, 1988).

Desta forma, fica evidente que ao longo da história da humanidade, o Homem sempre retirou da natureza o seu sustento, agredindo-a, mesmo que inconscientemente. Este fenômeno agravou-se com o surgimento das cidades e, em seguida, com o desenvolvimento da agropecuária e da indústria. Com o advento do maquinário no século XVIII, ou seja, com a Revolução Industrial, os problemas se ampliaram, pois uma maior quantidade de recursos naturais passou a ser explorada, somado ao crescimento desordenado da população.

Tudo isso favoreceu para um grande desequilíbrio nos vários ecossistemas. No Brasil, esse problema ambiental tem sido percebido desde a sua colonização, no século XV, com a exploração, pelos portugueses, do Pau-Brasil na Mata Atlântica, que ocasionou o início da degradação desse bioma. Ressaltando que os demais ecossistemas brasileiros, como é o caso da Caatinga, também vem sendo ameaçados pela ação predatória do Homem.

O fato do Homem não conseguir controlar a exploração dos recursos naturais de forma consciente e sustentável, demandou-se a elaboração de leis que orientem e punam os indivíduos que, de forma desordenada, acabam destruindo o Meio Ambiente e seus elementos. Também, são estabelecidas áreas especiais que garantam a preservação das espécies animais e vegetais, favorecendo condições adequadas de reprodução, evitando, contudo, sua extinção no meio.

A Lei nº 6.902, de 27 de Abril de 1981 dispõem sobre a criação de Estações Ecológicas e Áreas de Proteção Ambiental, visando conservar os processos naturais e a biodiversidade. A Área de Preservação Ambiental da Serra das Almas, localizada no município de Crateús – CE desempenha um importante papel na proteção do ecossistema local. No tocante a proteção das espécies animais e vegetais, podemos mencionar a Portaria nº 83N, de 26 de setembro de 1991, sancionada pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), que proíbe o corte e a exploração da Aroeira, entre outros recursos vegetais.

Diante do exposto, visamos com esse trabalho analisar e discutir os problemas desencadeados pela ação desmedida do Homem sobre o meio, interferindo no equilíbrio dos

ecossistemas e ameaçando a diversidade biológica. Destacando neste estudo o caso da Aroeira, listada entre as espécies em risco de extinção e a importância da referida Área de Proteção na conservação da qualidade ambiental.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O BIOMA CAATINGA

O bioma Caatinga localiza-se no Nordeste do Brasil, na região denominada Semiárido (Figura 1). Abrange cerca de 10% do território nacional, apresentando uma rica biodiversidade e altos índices endêmicos. É um dos biomas brasileiros que recebe menos proteção, pois um pouco abaixo de 8% de sua extensão é resguardada por áreas de conservação. Isto possibilita que vários elementos de sua fauna e flora estejam em crescente processo de desaparecimento, comprometendo o futuro das próximas gerações.

Figura 1 – Distribuição do bioma Caatinga3.



Fonte: <http://antonalacerda.blogspot.com.br/2010/10/nordeste-desponta-como-potencial-de.html>

O desenvolvimento da Caatinga ocorre sobre solos cristalinos e maciços maduros, cobertos por uma camada sedimentar. Embora apresentem pouca profundidade e salidade em alguns trechos, os solos desse bioma dispõem de minerais básicos em adequada quantidade para a cobertura vegetal. O grande agravante da região é o irregular regime de chuvas, ocasionando, desse modo, a secagem dos rios.

Seu clima é quente com estações prolongadas de estiagem, característica essa que acaba influenciando a vida dos seres vivos. Assim, a região apresenta um regime pluviométrico que varia de 300 a 800 milímetros por ano, que acaba favorecendo com o déficit hídrico.

Um quantitativo de aspectos básicos comuns determinam a Caatinga, com plantas caducifólias com caráter xerófito (resistente a falta de água), exibindo acúleos, espinhos ou suculências. Há diversos tipos de Caatinga, sendo a principal divergência fisionômica, entre eles o predomínio de arbustos ou árvores, diferenciando, assim, em: a Caatinga arbustiva, Caatinga arbustiva-arbórea ou Caatinga arbórea (ABÍLIO, 2010).

Na Caatinga, encontramos uma grande quantidade de espécies, entre elas, mencionamos: Mororó (*Bauhinia* spp.), Joazeiro (*Ziziphus joazeiro*), Pau-d'arco (*Tabebuia ochracea*), Jaborandi (*Pilocarpus spicatus*), Aroeira (*Myracrodruon urundeuva*), Jurema-preta (*Mimosa tenuiflora*), Sabiá (*Mimosa caesalpinifolia*), Jatobá (*Hymenaea* spp.), Mofumbo (*Combretum* spp.) Espinheiro (*Acacia glomerosa*). Dentre as espécies de cactos merecem atenção: o mandacaru (*Cereus jamacaru*), o xique-xique (*Pilosocereus gounellei*) e a coroa-de-frade (*Melocactus macrodiscus*).

No nordeste brasileiro, a ocupação do sertão representou o início do processo de degradação da Caatinga, especialmente, com o uso e ocupação do seu solo pela pecuária. Desta forma, esta atividade econômica foi responsável tanto pelo povoamento da região sertaneja como, também, o principal fator de devastação do bioma ora mencionado (ALMEIDA; RIGOLIN, 2005).

Esta degradação foi ocasionada pela predisposição geoambiental e pela atividade humana, porque a ocupação desorganizada ampliou os efeitos ao ambiente. A flora da Caatinga passou a ser empregada como fonte de energia em residências, oficinas de oleiro ou ceramista, panificadoras, casas de farinha, fábricas de gesso, indústrias de cimento e siderúrgicas.

Também, favoreceram profundamente para esta modificação: a pecuária extensiva, o extrativismo e a agricultura. E, as árvores altas foram utilizadas como matéria-prima na construção de moradias e de currais de gado no campo. Logo, essas ações impensadas têm ocasionado sérios danos tanto para a flora como para a fauna do bioma (MACIEL, 2010).

Segundo a Associação Plantas do Nordeste - APNE (2003, p.1):

O bioma Caatinga é o mais negligenciado dos biomas brasileiros, nos mais diversos aspectos, embora sempre tenha sido um dos mais ameaçados devido às centenas de anos de uso inadequado e insustentável dos solos e recursos naturais. Apenas recentemente houve um despertar de diversos setores governamentais e não-governamentais para a grave situação em que se encontra este bioma, pois além da grande necessidade de conservação dos seus sistemas naturais, ainda existe uma séria insuficiência de conhecimento científico.

Apesar deste panorama preocupante, não existe uma avaliação coerente acerca do quantitativo em que a Caatinga foi modificada pela espécie humana. Um dos motivos para a falta de conhecimentos é a complexidade técnica referente a classificação das distintas espécies vegetais existentes na Caatinga (CASTELLETTI; ET AL, 2003). Giansanti (2008, p.1) informa que:

Estudo recente lançado pelo Ministério do Meio Ambiente indica que o total da caatinga devastada saltou de 43,3% em 2002 para 45,3% em 2008 – crescimento de área equivalente à do município de São Paulo. Entre as principais causas apontadas para esse avanço estão o uso da cobertura para lenha e carvão e o avanço das frentes agrícolas e de pecuária [...]. O avanço preocupa porque apenas 7% da cobertura está protegida por unidades de conservação federais ou estaduais, com os habituais problemas de controle e fiscalização.

Como podemos observar pela imagem da Figura 2, a mancha amarela representa o desmatamento da Caatinga, enquanto que as porções verdes são as áreas remanescentes. É evidente que a maioria do bioma já foi modificado, necessitando uma tomada de decisão coerente que promova a manutenção e proteção da região.

Figura 2 – Mapa de Distribuição do Desmatamento no Bioma Caatinga de 2002 a 20084.



Fonte: <http://www.semiarido.org.br/UserFiles/20100412173654.pdf>

A preservação da Caatinga não é relevante apenas no que se refere a manutenção das suas espécies, mas, também, para o equilíbrio pluviométrico e conservação do clima, do acesso à água potável, de solos propícios ao cultivo, evolução da vegetação e dos seus elementos oriundos (frutos, caules, etc.).

No bioma do Semiárido brasileiro há 19 espécies vegetais em processo de extinção, a exemplo da aroeira (*Myracrodruon urundeuva*) e da baraúna (*Schinopsis brasiliensis*). Essas árvores possuem função relevante na ecologia da Caatinga, porque são as plantas mais importantes na formação da flora do sertão brasileiro. Elas mantêm forte relação com os animais da região, pois espécies de répteis, aves, mamíferos e insetos utilizam seus frutos, folhas e flores como fonte de alimentação e abrigo (KILL, ET AL, 2009).

Igualmente, uma Área de Preservação Ambiental (APA) desempenha um papel bastante relevante para a preservação do bioma. A APA é uma extensão delimitada, com um determinado nível de presença humana, com fatores abióticos e bióticos e, ainda, culturais, em especial, relevantes para o bem-estar e a qualidade de vida das comunidades humanas, objetivando resguardar a biodiversidade, orientando os sistemas de ocupação, garantindo o desenvolvimento sustentável regional.

Neste contexto, a Área de Preservação Serra das Almas em Crateús, no Estado do Ceará, desempenha um papel importante na preservação da diversidade biológica da Caatinga.

2.1 A ÁREA DE PRESERVAÇÃO SERRA DAS ALMAS

Localizada entre os municípios de Crateús, sertão do Estado do Ceará (Figura 3), e Buriti dos Montes (Piauí), a Área Particular do Patrimônio Natural Serra das Almas teve seu reconhecimento obtido, no ano 2000, com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (ASSOCIAÇÃO CAATINGA, 2014).

Figura 3 – Localização da Serra das Almas no município de Crateús – CE5.



5 Fonte: <http://www.acaatinga.org.br/index.php/reserva-natural-serra-das-almas/localizacao/>

Tal reconhecimento justifica-se pelo fato da reserva ambiental resguardar uma porção significativa do bioma da Caatinga, que já teve 43% de sua cobertura vegetal destruída pela ação antrópica, a exemplo do uso da Aroeira (*Myracrodruon urundeuva*) como lenha para diversos fins.

O gerenciamento dessa reserva é feito pela Associação da Caatinga, que é uma Organização Não Governamental (ONG) do estado do Ceará, sem arrecadação de fundos. A partir do ano de 2004, tal associação foi credenciada como OSCIP, ou seja, Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, pelo Ministério da Justiça. Desta forma, com o passar do tempo, esse órgão tem se empenhado a desenvolver projetos com a finalidade de garantir a preservação da diversidade biológica do bioma Caatinga (ASSOCIAÇÃO CAATINGA, 2014).

Com um total de 6.146 hectares de campo abrigado, a Serra das Almas resguarda um número relevante de espécies animais e vegetais da Caatinga (45 espécies de mamíferos, 237 de aves, 44 de répteis, 34 de anfíbios e 320 espécies de plantas), possuindo, ainda, três nascentes e espécies em processo de extinção. E, entre as espécies protegidas na reserva, podemos mencionar a aroeira, que apresenta grave estado de extinção, decorrente do alto índice de sua exploração (ASSOCIAÇÃO CAATINGA, 2014).

Além disso, são realizadas pesquisas científicas, atividades educativas, que favorecem o desenvolvimento da economia local de forma sustentável. Dentre as atividades desenvolvidas na Serra das Almas (Figura 4) citamos a meliponicultura, produção de cisternas, criação de mudas oriundas da Caatinga, recomposição de áreas florestais destruídas, cursos e capacitações artesanais e de cosmético, que favorecem a introdução dos jovens, que pertencem à população local, no mercado de trabalho (ASSOCIAÇÃO CAATINGA, 2014).

Figura 4 – Imagem aérea da Reserva Natural Serra das Almas⁶.



Fonte: <http://www.acaatinga.org.br/index.php/reserva-natural-serra-das-almas/>

Uma das principais técnicas para a manutenção da variedade biológica é o desenvolvimento de reservas abrigadas nas zonas conservadas do bioma antes que sua extinção seja de fato concluída. Sendo, desta forma, que esses locais tornam-se um lugar seguro para multiplicação das espécies, sem interferência antrópica.

2.3 AROEIRA (*MYRACRODRUON URUNDEUVA*)

A *Myracrodruon urundeuva*, também conhecida popularmente por aroeira, pertence à família Anacardiaceae. É uma espécie do bioma Caatinga, sendo possível identificá-la, em sua maioria, no semiárido nordestino. Essa árvore caducitólia, mede entre 5 a 20 metros, sendo que algumas dessas espécies, podem ser encontradas no Cerrado, chegando a medir até 27 metros de altura.

Na Caatinga, o tronco dessa espécie se apresenta curto e tortuoso, suas ramificações apresentam formas dicotômicas a irregulares, simpodiais, tendo copa irregular e paucifoliada. A casca externa se destaca por ter uma coloração castanho-escuro, de característica áspera, subdividida em placas em forma de escama nas árvores adultas, já nas árvores jovens, a casca apresenta-se lisa, cinzenta e coberta de lenticelas.

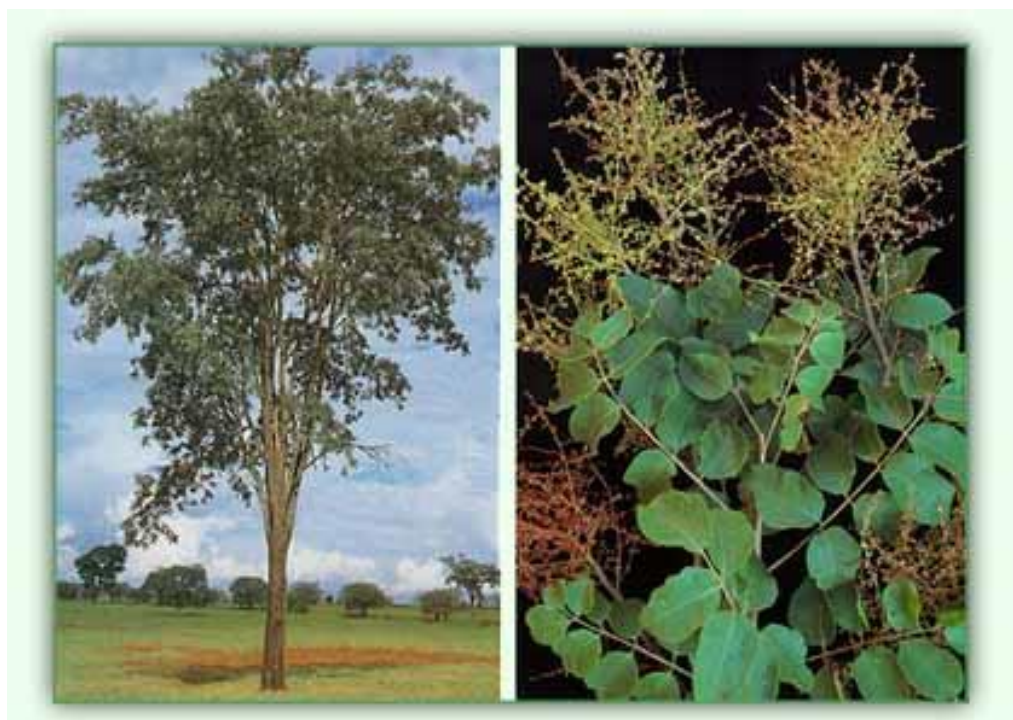
Possui folhas compostas por folíolos em número ímpar, ovados, com até 5 cm de comprimento e 3 cm de largura, exalando cheiro de manga. Suas flores arranjam-se em panículas de até 20 cm de comprimento, produzem pólen, que chama atenção dos apicultores. O fruto de coloração preta, mede até 5 mm de diâmetro, suas sementes são de

cor marrom, chegando a medir entre 3,5 a 4,2 mm de comprimento, e por possuir raiz pivotante, resistindo a longos períodos de estiagem (CARVALHO, 2003).

Algumas espécies da aroeira podem ser encontradas em outras áreas do País, como por exemplo: aroeira-vermelha (*Schinus terebinthifolius*), aroeira-mansa (*Schinus terebinthifolius*), aroeira-branca (*Lithraea molleoides*), aroeira-da-praia (*Schinus terebinthifolius*), aroeira-do-paraná (*Schinus terebinthifolius*), araguaraiaba (*Schinus terebinthifolius*), corneiba (*Schinus terebinthifolius*), fruto-de-sabiá (*Schinus terebinthifolius*), árvore-da-pimenta (*Schinus terebinthifolius*), entre outras (BAGGIO, 1988).

Devido à grande procura por madeira de qualidade para usos diversos, existe, hoje, sobre a Caatinga, em especial, na aroeira (Figura 5), uma grande extração para a obtenção de matéria-prima. Esta planta possui características atrativas para os exploradores, entre elas, mencionamos: resistência, durabilidade, alta qualidade, desta forma, faz com que a mesma seja acentuadamente utilizada por marcenaria, carpintaria, construção civil. Além disso, este recurso natural é utilizado na indústria farmacêutica, no tratamento de diversas doenças (hemorragias, infecções respiratórias, etc.) e cosmética (xampus, sabonetes, etc.) (PACHECO; ET AL, 2006).

Figura 5 – Imagem da Aroeira (*Myracrodruon urundeuva*).



Fonte:

<http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=Aroeira,+Aroe>

Em decorrência da grande procura e exploração, a aroeira faz parte da lista das espécies vegetais do bioma da Caatinga em processo de extinção. Tal fato tem gerado bastante preocupação por parte de órgãos governamentais e não governamentais, a exemplo, do IBAMA que tem desenvolvido legislação específica voltada para a preservação desse ecossistema.

Devido à importância da aroeira na composição da cobertura vegetal da Caatinga, a sua exploração em função do desmatamento, pode impulsionar processos erosivos do solo, pois fica desprotegido sem cobertura vegetal, propiciando a ampliação da degradação desse bioma, em razão do empobrecimento do solo, ou, ainda, estimulando a ampliação dessa degradação.

Seu cultivo é realizado a partir das sementes para obtenção de mudas, como, também, naturalmente pelo transporte feito pelo vento e animais (pássaros e insetos). Terminando, assim, pelo processo de brotação, resultando em uma nova árvore. Outra forma é por meio de toras dos galhos, que podem ser usados como morões nas cercas para delimitar as áreas de terras da Caatinga.

Na área medicinal, a casca do caule, as flores e os frutos da aroeira são muito utilizados principalmente pela população que vive no Semiárido Brasileiro no combate de diversos problemas de saúde, funcionando como adstringente, antialérgico, antiinflamatório, cicatrizante, entre outros. Além do uso na indústria de cosméticos, na qual, o sabonete de aroeira destaca-se, no mercado comercial, para tratamento dermatológico (BEZERRA; ET AL, 2006).

A aroeira do sertão também tem uma forte ligação com a cultura da região, chegando a despertar o desejo dos poetas em representá-la, a exemplo da poetisa Mary Anne M. Bandeira, que escreveu um belo poema que descreve as características e utilidades da aroeira.

É importante destacar que com uma Área de Preservação Ambiental, é possível equilibrar o uso comercial com a conservação da espécie, aliado com o desenvolvimento de práticas sustentáveis.

3. CONCLUSÃO

As Unidades de Conservação são excelentes alternativas de convivência com o Semiárido, já que por meio delas podemos vivenciar a harmonia tão relevante e necessária entre o Homem e o Meio Ambiente. E, considerando a gritante falta de conscientização da maioria da população, recomendamos a necessidade de formação e informação, da mesma, sobre o bioma ora mencionado, bem como, a realização de outros estudos sobre o caso, a exemplo deste estudo.

É importante salientar que, a visita a Serra das Almas pode torna-se uma oportunidade para a sensibilização das pessoas sobre as questões referentes à manutenção da flora e fauna nativas. Desta forma, o sujeito perceber-se-á como parte integrante do meio, e não algo dissociado dele como, geralmente, é proliferado.

Considerando a importância ecológica da aroeira na composição da cobertura vegetal da Caatinga, recomendamos a necessidade de sua preservação, pois, sua exploração contribui, fortemente, com processos erosivos, que são combustíveis para a desertificação na região do Semiárido brasileiro.

Caso contrário, isto é, se a Caatinga não for preservada, o prejuízo será imensurável, a exemplo de perdas de material genético, afetando a conservação da aroeira em seu ambiente natural. Desta forma, o futuro de nossos filhos e netos será incerto e obscuro.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, F. J. P. **Bioma caatinga: ecologia, biodiversidade, educação ambiental e práticas pedagógicas**. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 2010.

ALMEIDA, L. M. A.; RIGOLIN, T. B. **Geografia**. São Paulo: Ática, 2005.

APNE (Associação Plantas do Nordeste). **Bioma Caatinga**. Disponível em: 12 <<http://www.macamp.com.br/variedades/caatinga.htm>>. Acesso em: 08 de jan 2014.

ASSOCIAÇÃO CAATINGA. **Reserva Natural Serra das Almas**. Disponível em <<http://www.acaatinga.org.br/index.php/reserva-natural-serra-das-almas/>> Acesso em: 17 jan 2014.

BAGGIO, A. J. **A aroeira como potencial para usos múltiplos na propriedade rural**. Boletim de pesquisa florestal - Unidade Regional de Pesquisa Florestal, Colombo - PR, n.17, p. 25-32, 1988.

BEZERRA, E. S.; ET AL. Plantas medicinais para uso humano. In: LIMA, J. L. S.; ET AL. **Plantas medicinais de uso comum no Nordeste do Brasil**. 1. ed. Campina Grande (PB): Ludigraf Ltda., 2006. v. 1. 82p.

BRASIL. MMA/IBAMA/CONAMA. 2008. **Meio Ambiente e sua importância para humanidade**. Disponível em <<http://eraldoffi.blogspot.com.br/2008/12/meio-ambiente-e-sua-importancia-para.html>> Acesso em: 17 jan 2014

BRASIL. **Lei nº 6.902, de 27 de Abril de 1981.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6902.htm. Acesso em: 17 jan 2014.

CARVALHO, P. E. R. **Aroeira-Verdadeira:** taxonomia e nomenclatura. Embrapa Florestas, Circular Técnica, nº 82 Dezembro, 2003, 16 p. Colombo, PR.

CASTELLETTI, C. H. M.; ET AL. Quanto ainda resta da Caatinga? Uma estimativa preliminar. In: LEAL, I. R.; TABARELLI, M.; SILVA, J. M. C. **Ecologia e conservação da caatinga.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2003.

GIANSANTI, R. **Biomás brasileiros:** Caatinga. Disponível em: < <http://revistaescola.abril.com.br/geografia/pratica-pedagogica/biomas-brasileiros-parte-5-caatinga-558287.shtml>>. Acesso em: 08 de jan 2014.

KIILL, L. H. P. ; ET AL. **Caatinga:** flora e fauna ameaçadas de extinção. Mensagem Doce, São Paulo, p. 63 - 64, 01 mar. 2009.

MACIEL, B. A. Unidades de conservação no bioma Caatinga. In: GARIGLIO, M. A.; et al. **Uso sustentável e conservação dos recursos florestais da caatinga.** Brasília: Serviço Florestal Brasileiro, 2010.

ODUM, E. P.. **Ecologia.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

PACHECO, M. V.; ET AL. **Efeito de temperatura e substratos na germinação de sementes de Myracrodruon urundeuva Fr. All. (Anacardiaceae).** In: Revista Árvore, v. 30, p. 359-367, 2006.

SKORUPA, L. A. **Áreas de Preservação Permanente e Desenvolvimento Sustentável.** Disponível em: < http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/recursos/Skorupa_areasID-GFiPs3p4lp.pdf>. Acesso em: 07 de jan 2014.

GT 6 - PRÁTICAS DE ENSINO EM GEOGRAFIA: CURRÍCULO, PESQUISAS E METODOLOGIAS – Comunicação oral

PAINÉIS

O USO DA CHARGE COMO METODOLOGIA ESTIMULATIVA DE ENSINO/APRENDIZAGEM NAS AULAS DE PRÁTICA DE ENSINO EM GEOGRAFIA HUMANA

Mismana Morais Moura

Universidade Federal de Campina Grande/ CFP- Campus Cajazeiras/PB
mismanaqwe@gmail.com

Joana Dark Venceslau Celeste

Universidade Federal de Campina Grande/ CFP- Campus Cajazeiras/PB
joanadarkgeo@gmail.com

José Ribamar Gomes de Sousa

Universidade Federal de Campina Grande/ CFP- Campus Cajazeiras/PB
ribamar.gomes22@gmail.com

RESUMO

Nos atuais cursos de formação de professores, buscam-se metodologias didático/pedagógica que possam vir a incentivar os futuros docentes em sua formação acadêmica e profissional, motivada pela necessidade de ter a realização de atividades educacionais práticas e dinâmicas, direcionando um trabalho comprometido com a práxis.

O mundo em que vivemos vem passando por grandes transformações pelo processo de globalização, nessa esfera, o professor passa a contar com novas tecnologias, métodos e práticas de ensino, passando a contemplar as aulas com equipamentos que podem ser utilizados para proporcionar o melhoramento do ensino de geografia.

Dentro desse contexto, pode-se utilizar de diversas ferramentas que venham a possibilitar uma modificação na conjuntura de práticas e métodos já estabelecidos ao longo de décadas, proporcionando aos docentes um aprendizado diferenciado tendo como ponto norteador a construção do saber. Foram contempladas algumas dessas dinâmicas nas aulas de prática em geografia humana, momento este, em que, o docente pôde vislumbrar essas novas abordagens teórico/metodológico para aplicá-las em sala de aula.

Propomos trabalhar uma aula expositiva dialogada, com a utilização da *Charge*, enquanto recurso metodológico na construção do conhecimento docente, enquanto estímulo para a disciplina de prática de ensino em geografia humana, com a finalidade de dinamizar as aulas de geografia no ensino fundamental II, em sua vivência docente na geografia escolar.

Conforme afirma Bock (2002, p. 121) “A motivação está presente como processo em todas as esferas de nossa vida – no trabalho, no lazer, na escola”. Portanto, é por meio deste que o educador promove um aprendizado construtivo, estruturado no esforço e na produção do conhecimento. Aprender a ser, e ser para aprender no contínuo processo de ensino/aprendizagem dentro da ótica construtivista de desenvolvimento. O principal objetivo é compreender e utilizar a *Charge* enquanto instrumento didático, em que o professor passa a promover uma nova forma de aquisição do conhecimento, possibilitando superações cognitivas e de percepção, mudança de valores e hábitos tradicionais no meio educacional.

Havendo a ligação entre teoria/prática e vivência cotidiana de mundo, assim, podendo cumprir as etapas que formam as estruturas do pensamento, ou seja, recurso didático que pode facilitar a abstração e na construção de novos conceitos. Portanto, isso pode atravessar a ponte do tradicionalismo e proporciona uma abordagem relevante e dinâmica, colaborando com uma maior interação, debate e construção de conhecimentos qualitativos sobre os conteúdos e temas geográficos, favorecendo assim, a construção de um ensino/aprendizagem significativo.

A abordagem sistemática geográfica contida nas imagens proporcionam uma análise do tema em questão, condizente as interligações e contraposições existentes entre conceitos geográficos, tais como: Geopolítica, Agropecuária e Ecologia, como e porque os fatos e fenômenos se distribuem no espaço e no tempo nas relações naturais e humanas. Isso significa que a uma preocupação na forma como os alunos entendem os conceitos, como eles se interagem, a forma como promover o entendimento e a construção dos próprios conceitos expostos e de como aplicar essa perspectiva em sala de aula. Dar-se-á a importância da utilização de novos recursos como práticas pedagógicas na educação e nas aulas de geografia.

A experiência de ministrar micro aulas na disciplina de Prática de Ensino de Geografia Humana nos levou a meditar a necessidade de instigar os estudantes a novos interesses sobre a prática docente. Como recurso, foi escolhido o uso da Charge, pelo caráter crítico/reflexivo contido nas imagens, para despertar o interesse pelos conteúdos ministrados em sala. Nesse exercício, inicialmente foi proposto uma construção dos conceitos individuais, embasados nos conceitos formados de vários autores a cerca das temáticas: Geopolítica, Agropecuária e Ecologia, sendo apresentado em forma de slides, constataram-se a necessidade de um aprofundamento teórico desses conceitos, pois nas aulas de geografia, é comum estudar temas que a primeiro momento podem parecer distantes da realidade vivenciadas.

Fotos 01; 02 e 03 – Representação das Charges pelos Discentes



Fonte: Moura, 2014.

Nessa perspectiva, buscamos fazer uma ponte entre o conceito e a realidade dos alunos, a cerca dos conteúdos inerentes expressos e idealizados inicialmente mentalmente e posteriormente ganhando traços e formas em papéis, jornais e outros mecanismos.

Posteriormente, surgem as indagações a cerca do conteúdo apresentado em sala a fim de promover o debate e a construção do conhecimento, por fim, foi direcionado para os alunos a construção de seus próprios conceitos e relatassem a partir da charge as idéias e as impressões mediante o processo de análise e compreensão do recurso. Em seguida, foram divididos em três grupos, cada um para um conceito específico, depois, de todo o processo manual visando o aprofundamento dos conceitos, foi pedido que um representante de cada grupo fosse à frente e relatasse o processo de construção de cada conceito e o que eles entenderam explicando a influência deste na sociedade.

E por meio de cartazes foram feitos desenhos, propondo, assim a interação da turma e de forma expositiva dialogada, fizeram a exibição com a apresentação de suas opiniões formadas. Ao observar esse modelo de apresentação de micro aula, podemos considerar um modelo de educação por competência cidadã, que segundo Silveira (2010) “Podemos conceituar competência como um conjunto de conhecimentos e capacidades de diversas naturezas – recursos – integrados e mobilizados”. E ainda destaca que “isto possibilitam ao indivíduo ter inteligibilidade de si próprio e dos demais seres humanos, dos vários fenômenos da natureza e da sociedade, e agir em relação aos mesmos” (SILVEIRA, 2010).

Em outras palavras, se realiza uma competência cidadã quando o professor pensa em novas metodologias por meio do leque de recursos existentes e tem a capacidade de fazer essa relação,

teoria X prática X vivência do aluno, formando assim cidadãos compreensivos de seu verdadeiro papel na sociedade e não apenas decodificadores de conteúdos.

Palavras – chave: Ensino. Prática. Aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BOCK, A. M. B.: **Psicologia: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13. Ed. Reform. E ampl.- São Paulo, 2002.

CASTELLAR, S. **Ensino de geografia**. – São Paulo, 2010

KIMURA, S. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. – 2. Ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2011.

SILVEIRA, R. M. G. **Uma reforma curricular em um contexto de muitas mudanças**. João Pessoa, 2010.

LEITURA DE MAPAS E DE PAISAGENS: “NOVAS” POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DA GEOGRAFIA

Francisco Odair Dantas

Escola Municipal Matias Duarte Rolim – Cajazeiras-PB

odairdantaspb@hotmail.com

Francisca Clenilda Pereira Dantas

Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia – UFCG

clenildapereiradantas@gmail.com

O presente trabalho visa apresentar o projeto desenvolvido com os alunos do 6º ao 9º ano da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Matias Duarte Rolim, que é um estabelecimento educacional integrante do Sistema Municipal de Ensino, localizado no Bairro dos Remédios, Município de Cajazeiras-PB.

O respectivo projeto refere-se a “Semana de Leitura”, realizada durante o mês de abril de 2013, o qual instigava a prática da leitura em todos os componentes curriculares. Isto posto, foi realizado na disciplina de geografia, leituras direcionadas à compreensão/identificação dos mapas e das paisagens naturais e/ou artificiais.

Considerando as situações de aprendizagens diagnosticadas na Escola, as quais, por vezes não despertam o interesse dos alunos, sentimos a necessidade de trabalharmos mais

intensamente a leitura de mapas e de paisagens com o objetivo de conhecer na prática, a realidade física, social, econômica e humana do entorno da escola, onde a maioria dos alunos residem. Com isso, estabelecemos comparações com outros tipos de paisagens e realidades encontradas no Brasil e no mundo.

Além da observação e olhar direcionado para o espaço em análise, o projeto teve como objetivos específicos, oportunizar aos alunos, leituras de textos diversificados sobre paisagens; ajudar a conhecer mudanças provocadas pelo homem no meio ambiente; inserir os alunos no espaço em que vivem, provocando interação com o meio e minimizar as dificuldades de observação, leitura e escrita.

O início do desenvolvimento do projeto, que foi intitulado “Leitura de Mapas e de Paisagens”, aconteceu com a distribuição de mapas nas aulas de geografia, para todos os alunos, que passaram a observar o título, a legenda, a escala, os símbolos, as cores e todas as informações contidas nos mesmos. Após o tempo determinado, cada aluno apresentava para os demais as informações obtidas com a leitura dos mapas, iniciando sempre pelo mapa-múndi, em seguida pelo mapa da América, do Brasil e da Região Nordeste. A partir deste, destacaram o estado da Paraíba, ampliando-a até nos localizarmos no mapa do município de Cajazeiras. E para melhor ficar ilustrado, utilizamos como auxílio o site *Google Maps*, o mapa da região em que está inserida a escola.

Destarte, é sabido que a aula de campo é um recurso muito importante no ensino de Geografia. Partimos então para as discussões em sala de aula, pautando-nos na localização geográfica através de mapas, a observação das paisagens do entorno da escola, anotações de campo e fotografias de todos os elementos que compõem a paisagem, sejam eles naturais ou humanizados.

Instigamos ainda, a observarem os danos causados ao ambiente através da intervenção do ser humano. Ao chegarmos ao portão de saída da escola, já foi identificada a presença de porcos famintos, à procura de alimentos destruindo as sacolas de lixo, deixando a rua suja e mal conservada. Bem à frente da escola, nos deparamos com esgoto correndo a céu aberto, como também a presença de lixo. Um dos alunos escreveu: “constantemente visualizamos agravos ao meio ambiente, como desmatamentos, uso de agrotóxicos, lixo e esgotos a céu aberto. Atualmente, existe uma grande preocupação quanto a este fato, pois já são visíveis os sinais da natureza que estão respondendo ao ser humano devido a sua falta de cuidado e conservação dos recursos naturais.

É importante elucidar que as paisagens identificadas pelo alunado, no decorrer da aula de campo, sempre vinham atreladas a alguns problemas que denunciavam as disparidades socioeconômicas, bem como a má utilização/preservação dos recursos naturais. Para exemplificar o exposto, ao chegarmos na primeira rua, vimos que esta não era

pavimentada, apresentava casas pequenas, baixas, sem nenhum conforto, com a presença de entulhos nos quintais por falta de espaço, em condições de calamidade para os moradores.

Mais adiante, já estávamos próximo à represa do açude grande, onde foi visível aos alunos, a presença de elementos naturais, como água e vegetação que fazia exuberar o verde tão admirado por todos. Identificamos algumas espécies vegetais de nossa região características da vegetação de Caatinga, como também espécies de plantas ornamentais nos jardins das residências, compondo assim, a paisagem modificada.

Ao longo da aula de campo, verificamos que as moradias apresentavam outro estilo de construção, mais espaçosas, com garagens, mais altas, com muitos detalhes, quando os alunos logo perceberam a diferença do padrão de vida dos moradores, despertando a curiosidade e interesse das alunas que relataram: “é o sonho de todo mundo! Muitas pessoas tem um sonho de terem casa, um carro de luxo, morar em uma rua com vegetais, mas para isto, temos também que estudar, trabalhar, ter responsabilidade, para realizar nosso sonho, além de refletirmos sobre a desigualdade social existente.

Segundo uma aluna, “não é tão difícil realizar nossos sonhos como queremos porque temos escolas públicas, que lá tem professores formados que não ganha tão bem, mas eles querem que saímos com uma educação melhor...”. Outra aluna relatou: “nesta foto, observo carros, árvores, plantas, casas lindas onde todo mundo desejaria morar com sala de estar, muro grande com um chuveiro, uma sala de ginástica, uma garagem bem grande, com um banheiro, uma piscina bem grande, com um terraço, também observo uma rua calçada e uma paisagem linda”. Podemos perceber que, lendo ou observando e analisando a paisagem que nos cerca podemos alimentar os nossos sonhos e buscar meios para concretizá-los.

Em seguida, observamos uma moradora lavando a calçada com uma mangueira, ocasionando o desperdício de água, situação em que não é mais permitido ou aceitável, devido a consciência do uso racional da água por conta de sua escassez nos últimos anos. Estendendo o percurso da aula de campo, para além da área central do espaço urbano do município de Cajazeiras notamos a presença de animais soltos, à procura de alimentação ocupando terrenos baldios.

Por fim, chegamos a um local onde é extraído rochas magmáticas, utilizadas na construção civil, devido o solo da região ser raso e favorecer a extração de rochas que proporcionam um dos meios de sobrevivência para os moradores do bairro. Ainda no sentido econômico, constatamos o desenvolvimento da pecuária e avicultura praticado por algumas pessoas.

No setor de serviços e humanização, tomamos conhecimento da existência da Fundação Luís Antonio Bezerra, que presta serviços gratuitos educacionais através de oficinas para crianças, adolescente e jovens carentes residentes no bairro dos Remédios, além da Unidade de Saúde José Jurema, localizada também no bairro e que atende toda a população através dos serviços de saúde. Na parte religiosa, existe a Capela dos Remédios onde alguns alunos participam de pastorais e movimentos. Após outras observações, retornando ao ponto inicial, ou seja a Escola Matias Duarte Rolim.

Nas aulas subsequentes, passamos a produzir o relatório da aula em campo, analisando as imagens e dividindo-as com os alunos para que pudessem fazer reflexões a cerca do que era visível na imagem. Por fim, a cada imagem foi criado um texto e composto a conclusão dos trabalhos, que como proposta e visão do professor acrescentou outras imagens de momentos vividos com os alunos para completar o objeto de estudo da paisagem.

Como resultados, sentimos o despertar dos alunos para as questões naturais, sociais, humanas e econômicas, através da sensibilização e do olhar crítico sobre a realidade da paisagem observada e da relação teoria prática.

O USO DOS RECURSOS DIDÁTICOS NAS AULAS DE GEOGRAFIA

Daiane Braga Vitoriano
Deuziana Raissa Paulino Ferreira
daianevitoriano@hotmail.com
deuzianafereira.l@hotmail.com

RESUMO: Este artigo tem por objetivo despertar nos professores a importância de usar os recursos didáticos nas aulas de geografia. Os métodos utilizados para elaboração desse trabalho foram de caráter bibliográfico, considerando as situações vivenciadas no período de estágio. As aulas devem fugir do método tradicional proporcionando aos discentes, aulas dinâmicas nas quais o aluno possa capacitar-se para produzir conhecimento. O uso desses recursos reflete em resultados positivos, a partir dos quais os alunos são estimulados, através de aulas diferenciadas facilitando o aprendizado. Isso se reflete em aulas mais interessantes e conteúdos facilmente assimilados por um professor, mediador do processo de ensino-aprendizagem, responsável pela organização de recursos didáticos, novas linguagens e conteúdo contextualizados com a realidade do aluno.

Palavras - chave: Recursos Didáticos – Ensino-aprendizagem – Ensino de geografia.

Introdução:

Os recursos didáticos ou metodológicos são vistos de diferentes formas e constituem-se como modos de conduzir uma aula criativa e produtiva. Porém, muitas vezes, esses recursos são vistos como algo equivocado na importância do ato de aprender, confundindo-se com ludicidade sem aprendizagem, camuflando o ato de aprender os conteúdos, fato que culmina em opiniões controversas que contribuem para a geografia ser vista como uma disciplina sem importância e, desnecessária para a educação dos alunos.

Acredita-se que aulas com a utilização de novos recursos podem inovar e facilitar o entendimento dos conteúdos. O professor procura métodos para atingir os objetivos proposto para sua aula, embora o quadro e o giz tenham sido e sejam amplamente utilizados como principais recursos para o desenvolvimento de uma aula.

Com o passar dos anos, as aulas se tornaram ultrapassadas e ficou na responsabilidade do professor procurar novos métodos, metodologias, recursos e linguagens que chamem a atenção dos alunos. Outras linguagens surgiram tendo em novos recursos como os jogos didáticos, vídeos, música, mapas, poemas, imagens, projetor multimídia, globos, etc., que podem ser aproveitados e usados em uma boa aula de geografia.

Passini (2011, apud Vieira e Sá) afirmam: “Todo o professor sempre segue um método de ensino. Para ensinar deve haver um método, mesmo que este seja simples”. Cada professor exerce em suas aulas um método ou também pode ser considerado como uma metodologia aplicada as aulas.

Complementa Passini (2011 apud Viera e Sá): “A voz, o quadro-negro e o giz são os recursos didáticos e da dinâmica da aula.” São esses os recursos mais antigos, utilizados pelo professor que não estão ultrapassados por completo. Apenas precisam ser complementados com vídeos, revistas, jornais, produções textuais, entre outros recursos didáticos.

Nem todo recurso metodológico garante uma boa aula de geografia, mais uma boa aula será julgada pela atitude do professor em sala e, de como ele contribui para a educação dos alunos, no âmbito educacional. Todos sempre esperam da escola e do professor a responsabilidade de educar. O professor acaba sendo visto como responsável único pela educação do aluno, pois por vezes ocorre de a família passar a responsabilidade de criar e educar os filhos, para a escola. Mas, esse assunto é muito amplo para ser desenvolvido nesse momento. A nossa preocupação aqui exposta é a relação professor/aluno, como um respeito recíproco.

Nos momentos atuais, as crianças e jovens estão sempre vivenciando a tecnologia como um apoio de muita importância. A escola, por vezes tem transferido a função do professor de construir conhecimentos para o computador e os programas que ele pode oferecer.

O computador é visto como um recurso didático, e isso já sabemos. Mas, ele influencia, negativa ou positivamente, na vida de uma criança e de um adolescente, mais que a família ou a escola. Embora com o auxílio desta tecnologia, a educação está cada vez mais desvalorizada, e somos nós, futuros professores que devemos pelo menos tentar mudar algumas situações negativas e usar das tecnologias como um apoio construtivo.

É necessário levar em consideração que o professor pode usar esses recursos didáticos, mas jamais estes podem tomar o seu lugar de mediador de conhecimento, pois, todas essas metodologias não falam por si só e é de suma importância que o professor faça bom uso dessas tecnologias, não permitindo ser substituído. Sem dúvida o educador com o advento das novas tecnologias não poderia excluir essas da sala de aula, mais sim deve saber usá-las.

Considerações

Os recursos didáticos podem ser utilizados por qualquer disciplina, e pela geografia, principalmente já que essa tem como objeto de estudo o espaço. Os recursos didáticos e as novas tecnologias podem ser usados para aproximar o ensino da realidade do aluno, fazendo com que esses desenvolvam o raciocínio crítico.

Analisando algumas aulas de geografia durante a execução dos Estágios Supervisionados, uma vez que somos licenciandas em geografia, observamos que ainda existe aquele professor tradicional, que insiste somente no uso do livro didático com teor explicitamente mnemônico e descontextualizado da vida do aluno. A de ser um importante recurso, já não atende a expectativa dos alunos nos dias de hoje, podendo ser essa uma das causas da indisciplina, da não aprendizagem, e conseqüentemente do fracasso escolar que se retrata hoje no país inteiro.

Muitas vezes, o professor reclama do comportamento dos alunos mais em momento nenhum eles para param para pensar que ele pode estar contribuindo para esses

acontecimentos, continuam insistindo em um ensino e em métodos que não levam a aula a lugar nenhum, muito menos contribui para a formação de seres humanos crítico-reflexivos.

É necessário que o professor de geografia reflita que o bom uso de um recurso didático pode transformar uma aula. O professor de geografia deve dar sua aula sempre levando em consideração que o aluno pode aprender mais quando este estuda o conteúdo a partir do seu espaço de vivência, e o livro didático não é o único recurso para que uma aula se desenvolva, mas deve levar em consideração que o aluno seja capaz de interpretar o espaço em que vive, e o professor tem vários recursos para proporcionar uma boa aula.

Referências:

VIEIRA, C. E. ; SÁ, M. G. Recursos didáticos: do quadro-negro ao projetor, o que muda? In: PASSINI, Elza Yasuko. (Orgs) **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 101-116.

TRABALHOS

O CURTA-METRAGEM NAS AULAS DE GEOGRAFIA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA

Ana Cristiane Ferreira Neta. UFCG-CFP
Cristiane_ana22@hotmail.com

Ana Cristina Ferreira Neta- Mestranda PPGG-UFPB
cristinaegeo@hotmail.com

Cicera Hildervânia Torquato. UFCG-CFP
Chtorquato.geo@gmail.com

RESUMO

O curta-metragem é um recurso didático que proporciona a alunos e professores a construção de uma série de conceitos inerentes às diversas áreas do conhecimento, incluindo a Geografia. O objetivo central é apresentar uma proposta metodológica, que faz uso do curta-metragem como recurso didático no ensino da Geografia Escolar. Para tanto, organizamos o trabalho da seguinte forma: iniciamos pela escolha da temática geográfica que nortearia a nossa proposta de uso do filme, optou-se pela abordagem da categoria “lugar”, tendo em vista a sua relevância para a compreensão do espaço geográfico. A partir de então, realizou-se uma pesquisa iconográfica que resultou na escolha do curta-metragem

“Vida Maria”, que traz uma discussão, que no orientam no sentido, de compreender os saberes e fazeres do cotidiano que constroem a dinâmica de vida que permeiam o lugar.

Palavras-Chaves: Curta-metragem. Proposta Metodológica. Ensino de Geografia.

INTRODUÇÃO

Na tentativa analisar e explicar o espaço geográfico para seus alunos o professor de geografia pode apropriar-se de diferentes linguagens o cinema é uma delas. Portanto, para discutimos o uso no ensino de Geografia, faz-se necessário reconhecê-lo, enquanto “linguagem”, considerando a sua capacidade de transmitir mensagens.

Essa linguagem está “associada á imagem em movimento, com diferentes gêneros em sua narrativa: aventura, drama, infanto-juvenil, romance, comédia, documentários” (GIANANTI, 2009, p. 15). É um disseminador de ideias, sendo dotado de um teor artístico característico, complementado pelas “suas regras de expressão, aparatos técnicos, gêneros e estilos, tradições narrativas” (NAPOLITANO, 2009, p. 12).

Além disso, da sua origem esta relacionada á função de registros o cotidiano que representam a realidade em diferentes dimensões interesses da atividade humana. Por isso, não havia preocupação em contar uma história (KUNZ e OLIVEIRA, 2013, p. 81).

Na realidade o desafio é criar situações, traçar estratégias pedagógicas considerando a realidade do aluno e as particularidades de cada faixa etária de ensino. Um dos caminhos possíveis para superar as problemáticas de aprendizagem é busca de diferentes metodologias incluídas os recursos audiovisuais.

Diante destas questões organizamos o trabalho da seguinte forma: iniciamos pela escolha da temática geográfica que nortearia a nossa proposta de uso do filme, optou-se pela abordagem da categoria “lugar”, tendo em vista a sua relevância para a compreensão do espaço geográfico. A partir de então, realizou-se uma pesquisa iconográfica que resultou na escolha do curta-metragem “Vida Maria”.

O curta em questão foi selecionado considerando os seguintes critérios, qual idade e estilo, suas temáticas e sua relevância para os estudos geográficos. Esta proposta tem como público alvo, alunos do 1º ano do regular devido às especificidades apresentadas pelo documentário, que serão comentadas na proposta pedagógica que segue. Outro aspecto, a ser

mencionado é o fato de que os *Parâmetros curriculares* PCNs para o Ensino Médio recomendam um trabalho guiado por conceitos estruturantes, (paisagem, lugar, território, região e espaço), identificamos que o “lugar” é um dos conceitos do qual o professor deve partir para trabalhar conteúdos no Ensino Médio.

Considerando os objetivos colocados indicamos a organização metodológica da proposta pedagógica, cujas atividades didáticas que em vez de construírem iniciativas isoladas, representam um conjunto de possibilidades para basilar a aula do professor, tendo como linha norteadora o desenvolvimento de competências e habilidades. Acreditamos que o uso articulado e orientado do filme, como ferramenta de estudo, contribui na construção da autonomia do aluno. Tendo como referencial os parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio e suas estratégias didáticas.

Cabe destacar que os objetivos da aprendizagem geográfica não é a de ensinar conceitos. De acordo com Lesann (2009, p.42) o conceito resulta de um processo histórico e contínuo que reúne os conhecimentos acumulados pelos indivíduos no decorrer do tempo.

Revelar as tradições, e as experiências de cada um, que evoluem continuamente. O professor deve fazer uso do conhecimento cotidiano dos seus alunos, fornecendo subsídios teóricos facilitando o processo de construção de conceitos.

No trecho a seguir Cavalcanti (2010, p.26) afirma que ensinar conceitos é uma das problemáticas que contribuem para o questionamento da geografia. Neste sentido segundo a autora afirma que:

“a experiência tem mostrado a ineficácia de ensinar conceitos a criança ou ao jovem apenas transmitindo a eles o conceito definido no livro ou elaborado pelo professor. (...) o professor deve propiciar condições para que o aluno possa formar, ele mesmo, um conceito. Por essa razão, é relevante o investimento intelectual para compreender o processo de construção de conceitos.

Assim a função da Escola não é a reprodução do saber acadêmico pela Transposição didática essa ideia que se criou sobre alimenta uma cultura no ambiente escolar que segundo Vesentini (2004, p. 335) é um dos fatores responsáveis pela desvalorização da Educação básica, que vivência uma situação extremamente:

[...] precária. Além dos problemas de baixos salários dos professores, do elevado número de aulas por semana que eles são obrigados a cumprir e do

excesso de alunos por sala, devemos acrescentar ainda a generalizada falta de equipamentos: ausência quase total de vídeos, computadores, projetores em geral (principalmente os multimídias), mapas, maquetes, laboratórios algumas vezes até simples giz.

Aqui, trata-se de um curta-metragem que é a obra audiovisual de 5 (cinco) a 15 (quinze) minutos de duração. “Vida Maria” (2006) é um curta-metragem que nos permite explorar diferentes conteúdos geográficos, porém aqui destacamos a dimensão o lugar de vida das “Marias” personagens do curta-metragem que devido a questões econômicas e culturais lhes era negado acesso a educação por sua vez prejudicando a sua ascensão social.

O USO DO CURTA-METRAGEM NAS AULAS DE GEOGRAFIA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA

Segundo Callai (2000, p. 93) o teor do conteúdo de geografia que é trabalhado em sala de aula é resultado de um conflito proeminente de “[...] outros saberes (do professor, de outros interlocutores), o seu conhecimento. Este conhecimento, partindo dos conteúdos da Geografia, significa uma consciência espacial das coisas, dos fenômenos, das relações sociais que travam no mundo”.

Neste sentido, trabalhar com recursos didáticos na escola, exige uma preparação e reflexão sobre o processo de ensino e aprendizagem, domínio dos conteúdos, definição de objetivos. Porém, não existem receitas prontas e, sim caminhos possíveis para pensar o ensino das temáticas geográficas e adequá-las ao contexto específico de cada escola.

Cavalcanti (2010) afirma que a configuração da geografia escolar se organizada em “última instância” na prática diária do professor, pode originar dois tipos: o primeiro fundamentado numa visão tradicional produtivista, baseada na memorização. O segundo fundamentado na construção de conceitos, sendo o docente mediador garantindo espaço para troca de saberes entre os sujeitos do processo de ensino aprendizagem.

Na tentativa de para reflexão e o uso das linguagens para o ensino de Geografia que elaboramos uma proposta metodológica tendo com base o curta-metragem Vida Maria (2006) produzido no Brasil, cujo estilo é animação, sobre a direção Márcio Ramos. Essa representação fílmica traz uma história da personagem Maria José, em várias gerações de Marias se passa em um lugarejo no interior.

Portanto, aqui uma ferramenta midiática é transformada em um recurso didático básico e auxiliador, nas aulas de geografia para trabalhar conteúdos e categorias geográficas, neste caso, a de “lugar”, esta por sua vez pode ser adaptada a realidade do professor. Tendo em vista contribuir para a formação de indivíduos críticos dotados de autonomia intelectual para ler e intervir no mundo que os cerca. Nesta proposta, os nossos objetivos estão sintetizados nos seguintes princípios:

- Sociabilizar o Jovem

Colocando-o como sujeito participativo e conhecedor dos processos de organização do espaço geográfico partindo da noção de lugar.

-Demonstrar a importância do pertencimento:

Trazendo questões que busquem construir no indivíduo a possibilidade dele valorizar o espaço onde vive e pensar o mundo a partir desse espaço, construindo assim sua identidade que proporcione a formação do cidadão.

-Articular os educando:

Por meio do conhecimento construído na sala de aula, demonstrar a ação do mesmo enquanto sujeito participante da organização desse espaço e da vida cotidiana, na busca pela formação de educandos críticos com capazes de ler e intervir na realidade.

Seqüência didática da Proposta Pedagógica.

Apresentação do tema e leitura e discussão de um texto base

Objetivos específicos da aula:

- Apresentar o tema Lugar considerando o conhecimento prévio dos alunos;

- Compreensão do texto;

Sequência de conteúdos

- Conceito de Lugar;
- Leitura do texto base.

Aula 2

Vida Maria, produção e a produção de sentidos sobre o lugar.

Objetivos específicos da aula

- Contextualizar o autor e a obra fílmica em seu espaço temporal;
- Verificar as características do filme (autor e documentário, ficha técnica, gênero cinematográfico, estrutura narrativa, contexto histórico-espacial).

Sequência de conteúdos

- Breve biografia do (autor) e a contextualização da obra fílmica, construção da ficha técnica com os alunos;

Atividade 1

Dimensões de lugar e produção do curta-metragem

1. Realize uma pesquisa a respeito do lugar e da produção do curta-metragem “Vida Maria” (2006), com as informações recolhidas a reapresentem de forma sintética na ficha técnica.

Orientações didáticas (metodologia de ensino)

Na primeira aula o trabalho do professor foi dividido em dois momentos: A priori é necessário que o professor apresente o tema a ser trabalhado o conceito de “Lugar”,

considerando o conhecimento prévio do aluno. No segundo momento o professor irá trabalhar um texto base, para reforçar o suporte teórico.

Na segunda aula, biografia do (autor) e a contextualização da obra fílmica, e a construção da ficha técnica com os alunos. Além de uma apresentação prévia do autor e do documentário, que será estudado, resumindo a história, contada na produção fílmica e projeção do documentário.

Nesta aula é importante da prioridade a uma atividade que leve os alunos a pesquisar a cerca do filme a ser assistido, assim como construir a ficha técnica para auxiliar o professor no trabalho com filmes.

O livro Série professor em ação: atividades para aulas de Geografia: ensino fundamental, 6º ao 9º publicado pela editora Nova Espiral, São Paulo 2009. Em que o autor Roberto Giansanti, trabalha em artigo intitulado “Análise de filmes” que faz referência a ficha técnica dentre outros elementos que podem ser trabalhados para o entendimento de questões acerca do filme, incluindo traz o modelo de ficha técnica que fora adaptado para o trabalho, este já contém informações sobre o filme.

Ficha técnica	
Título: Vida Maria	
Gênero: Animação	
País/Ano: Brasil, 2006	Duração: 9min
Direção: Márcio Ramos	
Produção: Joelma Ramos, Márcio Ramos	
Roteiro: Márcio Ramos	
Edição: Márcio Ramos	
Direção de Arte: Márcio Ramos	
Trilha sonora: Hérlon Robson	
Sinopse: Maria José necessita deixar seus estudos e seus sonhos para trabalhar. Morando no sertão do Ceará, sem perspectiva de uma vida melhor, cresce, casa, tem vários filhos e envelhece.	
Premiações: - 3o. Prêmio Ceará de cinema e vídeo", realizado pelo governo do estado do Ceará.	
Referências Revista Eletrônica Viacg. ¹	

Fonte: Ficha Técnica adaptada do livro o livro Série professor em ação: atividades para aulas de Geografia: ensino fundamental, 6º ao 9º. Autoria Roberto Giansanti, publicado pela editora Nova Espiral, São Paulo 2009.

¹: www.viacg.com

Aula 3

Projeção do filme Vida Maria (2006).

Aula 4

Aspectos do conhecimento geográficos em “Vida Maria”

Objetivos específicos da aula

- Analisar a noção de Lugar da vida dos personagens representados;
- Identificar os elementos caracterizadores do Lugar;
- Compreender o processo de dominação e alienação espacial, dos povos israelenses e palestinos;
- Relacionar a temática com o cotidiano;

Sequencia de conteúdos

- Trabalho de entendimento do documentário “Promessas de um Novo Mundo”;
- Exercício de crítica ao filme;

Atividade 2

Minha casa, meu lugar: Uma análise da imagem do curta



Figura-1. Vista da entrada da casa de Maria José.

Fonte: Imagem retirada do filme “Vida Maria” (2006) com a ferramenta “PrtEsc” e recortada no programa “Paint”. O vídeo está disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=YqY2CPEkIWI>.

1. Quais as características do lugar representado no curta-metragem?
2. A casa de Maria é um lugar?

Atividade final

Produção de Texto geográfico

Atividades propostas para os alunos

- a) Descreva as sensações que o lugar de vida dos personagens provocou em você?
- b) Quais as semelhanças dos lugares representados no curta-metragem e os lugares reais?
- c) Qual a leitura de “leitura do mundo” dos personagens a partir das “transformações que vão ocorrendo em diferentes momentos históricos, a partir dos e das condições geográficas?

Orientações didáticas

Partindo das questões a seguir relacionadas produza um texto discutindo a lugar que permeia curta metragem. A leitura do livro. O Espaço e lugar: a perspectiva da experiência, publicado pela editora Difel, São Paulo em 1983. Em que o autor Yi-Fu Tuan discute a partir de três dimensões-chaves: a percepção, a experiência e

Valores que o indivíduo imprime na sua relação com o lugar. Neste sentido compreender a topofilia para com os lugares.

Avaliação:

O processo de avaliação foi pensado considerando os seguintes padrões de análise:

- Debate em grupo. (envolvimento com a temática);
- resolução de questões subjetivas e produção de texto (objetividade, clareza, coesão e coerência).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a prática educativa, também está condicionada na busca constante por diferentes metodologias de ensino, estas por sua vez, devem propiciar a Geografia escolar uma reflexão crítica, bem como a construção de conceitos geográficos. Identificamos que o uso planejado do filme permite interpretações subjetivas, estas possivelmente aguçam a curiosidade dos alunos e professores que estão envolvidos nessa atividade e promovem o debate.

Constatamos que a obra selecionada “Vida Maria”, permite o trabalho com outras temáticas como: geopolíticas, impactos culturais, relações sociais e econômicas, aspectos territoriais, e a questão de valores sociais e humanos. Porém, neste artigo optamos por trabalhar o conceito de lugar, partindo da geografia.

Identificamos na curta-metragem que a Maria personagem principal da obra relaciona seus hábitos de vida com as características do lugar, evidenciando seus pontos positivos e negativos sobre o mesmo. Enfim, percebemos que o lugar, para esses

personagens do curta metragem, preenchem suas necessidades de vida e impregnadas de uma dimensão simbólica.

Essa proposta metodológica orienta o professor para o trabalho com uso de obras cinematográficas como é o caso do curta “Vida Maria”, pretendendo aguçar os olhares sobre a obra em questão, assim articulando-a com a categoria geográfica lugar, bem como demonstrando que é possível, o uso do filme como ferramenta metodológica.

Nesta perspectiva cabe ao professor dinamizar as aulas de geografia, e o uso dos filmes/curtas, podem representar uma das vertentes para maior enriquecimento, pois no processo de ensino/aprendizagem o professor não é unicamente o detentor do conhecimento, em outras palavras, através do dialogo participativo e do olhar crítico ambos os lados são beneficiados.

Assim vale ressaltar que os curtas metragens, utilizados de maneira adequada tem grande importância na obtenção do rendimento escolar e na construção do conhecimento. E no ensino da Geografia a contribuição é muito significativa por ser um recurso que auxilia na elaboração de aulas mais dinâmicas e motivadoras.

Esperamos que as orientações didáticas aqui propostas possam contribuir para desenvolver pensar crítico dos sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais –. 2 ed. Rio de Janeiro: 2000.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia escola e Construção de Conhecimentos**. Campinas, ed. 16ª. São Paulo: Papirus, 2010.
- CALLAI, H. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- GIANSANTI, Roberto, *Análise de Filmes, Série professor em ação: atividades para aulas de geografia: ensino fundamental, 6º ao 9º ano*/Roberto Giansanti. – 1. Ed. – São Paulo: Nova Espiral, 2009.
- KUNZ, Marinês Andrea; OLIVEIRA, Ana Paula Marques Cianni de. O desvendar da enunciação no curta-metragem Vida Maria. *Revista Comunicação Midiática*, v.8, n.1, pp.76-95, jan./abr. 2013. Disponível em: <<http://www.mundodigital.unesp.br>> Acesso em: 24/10/2014.
- LESANN, Janine. Construção conceitual. *In: Geografia no ensino fundamental I- Belo Horizonte*, MG: Argvmentvm, 2009. 52-53.
- VESENTINI, José William. Realidade e perspectivas no ensino de Geografia no Brasil. *In. O ensino de Geografia no século XXI*. Campinas – SP: Papirus, 2004, p. 219 – 248.

GEOGRAFIA E CINEMA: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL PARA O ENSINO?

Valcilene de Assis OLIVEIRA¹

Valcilene.oliveira1914@hotmail.com

Universidade Federal de Campina Grande-UFCG-CFP

Jéssica da CONCEIÇÃO²

Jessica199105@hotmail.com

Universidade Federal de Campina Grande-UFCG-CFP

Orientador: Prof. Josué Pereira da SILVA³

Josuedaterra@yahoo.com.br

Universidade Federal de Campina Grande-UFCG-CFP

RESUMO

O diálogo entre o ensino de geografia e o mundo cinematográfico não é algo recente, mas tende a se tornar cada vez mais necessário em função tanto da necessidade de novos recursos didáticos para o ensino, como das possibilidades da utilização das películas fílmicas para os estudos geográficos. Este trabalho traz uma reflexão sobre a aproximação entre a Geografia e o Cinema e sua possível relação visando o ensino de geografia. Aborda, a princípio, o cinema como categoria de análise para os estudos geográficos, apontando possíveis leituras e interpretações do espaço dentro de um contexto fílmico. Apresenta a possibilidade do uso de filmes dentro do ensino de geografia, suas dificuldades e possibilidades. Neste contexto analisa o filme *Coriscoe Dadá*, trazendo apontamentos do contexto geográfico a ser trabalhado, porque fazê-lo e como fazê-lo. Busca focar as possibilidades de abordagem de temas tais como o papel da mulher na sociedade atual, violência, dentre outros. Enfoca a importância de um diálogo entre a obra e os problemas da sociedade atual. Aponta para a eficácia tanto do recurso como de suas possibilidades para um ensino sistematizado e adequado que contribua para qualidade do processo ensino/aprendizagem e consequentemente uma formação cidadã crítica/reflexiva do aluno.

Palavras Chaves: Filme. Educação. Ensino de Geografia.

APRESENTAÇÃO

A atual sociedade vive um contexto cada vez mais imbricado de visualizações imagéticas, provindas das mais diversas fontes e providas dos mais diversos interesses. Intencionais, ou não, essas imagens se apoderam do imaginário do receptor para produzir conceitos e ideologias a respeito do Homem e os espaços por ele habitado e produzido.

Com o advento do Cinema a partir do final do Séc. XIX, as imagens ganharam vida e a aproximação com a Geografia foi inevitável. Assim, aponta-se entre estudiosos da educação geográfica, a necessidade de que professores saibam se utilizar dessa ferramenta visando o ensino, e a formação cidadã crítica do aluno.

O espaço geográfico, como categoria de análise, consiste num impregnado de representatividade da relação Homem/Meio muitos vezes presentes na ficcionalidade das obras fílmicas. Centrando-se em Fiovarante e Silva (2013) traremos, a princípio apontamentos, da possibilidade do uso do cinema para um estudo do espaço geográfico. Segundo Fiovarante e Silva (2013) a Geografia tem dado pouca importância às imagens como se essas não fossem acentuadamente parte do cotidiano e da maioria das relações sociais.

Dentro da perspectiva de filmes como recurso didático para o ensino escolar Utilizando-se de autores como Santos (2013), Campos (2006), Martins e Batista (2013), dentre outros, este trabalho, visa contribuir para a já existente discussão sobre o uso de obras cinematográfica no ensino de geografia, por fazer uma reflexão a respeito tanto das dificuldades como das possibilidades do uso de filmes para o ensino. Entendo que a relevância do tema se dá a partir da necessidade de manter o ensino de geografia vivo e dinâmico, num contexto social e educacional em que se torna cada vez mais difícil despertar e manter o interesse do aluno em sala de aula.

Este trabalho procura ainda por em foco como o professor pode preparar e trabalhar uma obra cinematográfica em sala de aula a partir da escolha de um filme e do objetivo a ser atingido, apresentando sugestões de como fazê-lo. Neste contexto busca trabalhar a obra fílmica *Corisco e Dadá* numa prerrogativa de possíveis temas a serem abordados em sala de aula dentro de um contexto geográfico.

O uso de filmes em sala de apresenta-se como importante ferramenta didático/ pedagógica desde que o professor dela se apodere de forma habilitada e visando um ensino pautado no cotidiano e na formação plena do aluno.

O CINEMA COMO CATEGORIA DE ANÁLISE

A Geografia como campo científico, que se além ao estudo do espaço geográfico e suas constantes transformações, tem buscado cada vez mais se aprimorar nos seu métodos de apreender e compreender esse espaço, buscando uma análise cada dia menos fragmentada dos fenômenos quer físicos, quer sociais.

Essa busca constante da Geografia, por novos campos de atuação visando seu aprimoramento, faz com que esta reconheça novas categorias de análises, conforme aponta Fiovarante e Silva (2013), como é o caso do cinema. Essa aproximação entre Geografia e

Cinema, no entanto, não é algo novo, mas remonta ao próprio surgimento dessa forma de expressão no Séc. XIX.

Ao tratar das primeiras aproximações entre Geografia e o Cinema, Fiovarante e Silva (2013) apontam que o primeiro objetivo foi o pedagógico. Ou seja, o Cinema foi visto como possibilidade de recurso para o ensino da geografia. Essa visão se dava devido ao fato de que o cinema, até aquele momento, era tido como uma expressão da realidade. Essa realidade, outrora foco principal das obras fílmicas, perdeu o protagonismo em função dos avanços nos modos de produção e nos interesses das empresas cinematográficas, mas não deixaram de estar presente nos enredos, seja de forma direta ou indiretamente.

Vive-se atualmente no que estudiosos apontam como Pós-Modernidade. Para Fiovarante e Silva (2013), Os trabalhos mais populares que buscam uma visão mais pós-modernista na Geografia e também no Cinema tratam das questões urbanas e a fragmentação desses espaços. Geralmente a problemática é trabalhada a partir das relações conflituosas dos personagens com esses espaços e o seu cotidiano. Para Fiovarante e Silva (2013), a arte pós-modernista tende a ser “irônica e reflexiva, refletindo uma estilização da vida cotidiana”. O que podemos entender que o cinema trabalhado sobre o foco Pós-Moderno traz esse aspecto do pensar o dia-a-dia e as suas formulações de uma maneira crítica e sobre vários ângulos que não apenas os tão obviamente perceptíveis.

Uma das possíveis leituras que pode ser feita a partir de uma análise de conteúdos em obras cinematográficas estão os relacionados à paisagem. A paisagem, como categoria de análise geográfica, sempre esteve ligado a um cunho imagético. Apesar do conceito de paisagem ter sofrido mudanças ao logo do seu desenvolvimento e pesquisadores como Sauer (1925), Bertrand (1971) e Tricart (1976), citados por Maciel (2011), entenderem a paisagem como algo muito mais complexo do que a imagem, a ideia do visual como inerente a este conceito é perceptível em outros autores. Um exemplo disso é a percepção de Milton Santos, geógrafo crítico de grande expressividade, sobre o que seria paisagem. Santos (1996) define paisagem como: “[...] tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista alcança. Não é apenas formada de volumes, mas também de cores, movimentos, atores, sons, etc”. Esse conceito de Santos, que traz a ideia de paisagem como sendo tudo o que a vista alcança aborda a importância da imagem como percepção do que seria paisagem.

As perspectivas de paisagem presente nas obras cinematográficas fazem do cinema uma importante ferramenta para a análise dessa categoria geográfica. Para Fiovarante e Silva (2013), dentro das obras cinematográficas o conceito dialoga de forma plural. Segundo os

autores a paisagem cinematográfica ajuda a compreender as “materialidades e subjetividades” construídas dentro da obra e focaliza o que seria imagem como *Psique* dos personagens.

Outra categoria geográfica, que é apontada como possibilidade a ser estudada dentro de uma aproximação entre geografia e cinema como campo investigativo, é a cidade e a sua representatividade dentro dessas obras. O cinema que foi apontado por Moreira (2012) como eminentemente urbano, sempre trabalhou sob o imaginário das cidades e seu modo de vida. As cidades são apontadas como indo muito além do servir apenas como cenários para os filmes. Para Fiovarante e Silva (2013), apesar de ser ousadia firmar as cidades como assumindo um papel central dentro dos roteiros fílmicos, as cidades dão significação as tramas assumindo caractere de personagem. Os autores chamam a atenção de que o espaço faz parte da narrativa e daí a importância da sua escolha. O rural também faria parte das possibilidades a serem estudadas dentro de uma obra cinematográfica.

Segundo Santos (2010), o cinema, como modo de representatividade, pode evidenciar “representações sociais” através da criação imagética de um determinado evento histórico a partir das concepções do cineasta. O cineasta seria antes de tudo um sujeito pertencente a um grupo social específico e que se propõe a falar por ele por meio de sua obra cinematográfica. Esta obra, assim, apresentará elementos ideológicos, políticos, imagéticos e mesmo projetos que são defendidos por este grupo.

Esta ideia de que os filmes não devem ser concebidos apenas como representações do imaginário, mas também como representações de ideologias sociais, que continuamente constroem e desconstroem o mundo como o conhecemos, não é defendida apenas por historiadores, a exemplo de Santos (2010). Mas também, por geógrafos como Fiovarante e Silva (2013). Cresswell & Dixon (2002), citado por Fiovarante e Silva (2013). Neste contexto podemos entender o cinema como um possível sub-campo de investigação para as Ciências Sociais a exemplo da História e da Geografia.

Além de campo investigativo para as Ciências Sociais é importante que se acentue a discussão a respeito do cinema qual campo de instrução dentro do ensino de geografia e da própria história, aqui tratada como ciência auxiliar para a compreensão do espaço geográfico. Essa relação do cinema com o ensino da geografia, conforme vimos, foi à concepção primária para a aproximação entre esses dois campos representativos.

O CINEMA COMO VIÉS EDUCATIVO PARA O ENSINO DA GEOGRAFIA

O ensino de geografia tem sido apresentado por alguns autores, que discutem a educação, como importante ferramenta de socialização por ser uma disciplina que tende a desenvolver cidadãos críticos da sua realidade. Por trabalhar os achados da ciência geográfica, a geografia escolar acaba por herdar um contingente muito grande de campos a ser abordados em sala de aula, entre eles o artístico/cultural; daí o fato da necessidade de se buscar uma relação mais aproximada entre algumas manifestações culturais, a exemplo do cinema, e o ensino de geografia.

Segundo Harvey (1992) citado por Moreira (2012), dentre as muitas formas artísticas o cinema talvez seja a que tenha maior capacidade de tratar de maneira “robusta” de temas entrelaçados do espaço e do tempo.

O cinema, quando visto pelo viés educativo conseguiria transcender os recursos didáticos tradicionais. O trabalho com obras cinematográficas em sala de aula seria um meio de ajudar a escola a reencontrar a cultura cotidiana sob um aspecto mais elevado. O cinema seria um campo no qual estética, lazer, ideologia e os valores sociais são sintetizados em uma mesma obra de arte (MARTINS E BATISTA 2013).

A utilização de obras cinematográficas, como recurso para o ensino já tem sido apontado por pesquisadores de várias áreas, a exemplo da Ciência, (PASSOU *et. al.*), Física (XAVIER, 2010), Química (SANTOS *et.al* 2013), Geografia (MOREIRA 2012) dentre outros, como importante ferramenta a ser utilizada em sala de aula. Entre as muitas virtudes apontadas por estudiosos está o fato das obras cinematográficas serem hoje, além de extremamente acessíveis, um tipo de recurso audiovisual capaz de promover um verdadeiro encantamento entre os jovens.

Alguns livros didáticos já apontam uma série de referências de filmes hábeis para serem utilizados em sala. Um exemplo disso é o Projeto “Conexões de Geografia”, uma coleção composta por três volumes destinados ao Ensino Médio, das autoras Ligya Terra, Regina Araújo e Raul Borges Guimarães (2010). Esta obra traz a indicação de cerca de 80 filmes distribuídos entre os três volumes. A lista é bastante variada e engloba os mais diversos temas. No entanto, listas como essa muitas vezes passam despercebidas aos professores, no sentido de que estes poucos se utilizam dessas obras como recurso para o ensino, ou quando o fazem, fazem como recurso “tapa buraco”, que acabam confundindo o aluno quanto à importância ou significação da exibição daquela obra. E daí, não raro, o que se vê são salas de aulas vazias durante a exibição desses filmes.

Assim, há a necessidade de se discutir não apenas a utilização desse recurso, mas também de métodos adequados para garantir sua eficácia como instrumento capaz de

promover o intercambio de conhecimento em sala de aula. Assinalando algumas das dificuldades encontradas por professores ao se trabalhar filmes em salas de aula, Magno (1998) chama a atenção ao fato de que para muitos professores o cinema transita entre o fascínio que desperta e o medo de não saber utiliza-los.

Dentre as muitas dificuldades que se apresenta a utilização do cinema em sala de aula está a duração de alguns filmes (CAMPOS, 2006). Em média os filmes considerados de longa metragem duram cerca de 90 a 120 minutos ao passo que algumas aulas nas séries bases têm a duração fixada entre 45 e 50 minutos. Apesar de disciplinas como geografia terem uma carga horária fixada em três ou quatro aulas semanais, estas muitas vezes são fragmentadas, o que obriga que a exibição desse tipo de filmes também ocorra de forma fragmentada, resultando na perda de interesse por parte dos alunos. Para Campos (2006) o uso dos chamados “curta de ficção”, ou mesmo documentários, geralmente com menor duração do que os longas tem maior eficácia por possibilitar, tanto a exibição quanto a discussão durante o período de uma única aula.

Conforme exposto acima, alguns geógrafos tem buscado uma relação entre o cinema e a geografia na busca de um novo subcampo para análise do espaço geográfico, em especial na chamada perspectiva pós-moderna. Campos (2006), no entanto adverte de que apesar dos filmes apresentarem a capacidade de entrelaçar temas numa perspectiva tempo e espaço, o uso desse recurso em sala de aula deve lembrar aos alunos que trata-se de uma projeção da vida real e não a vida real. Isso é importante pra que estes compreendam que mesmo os filmes possuem ideologias que devem ser percebidas.

Os filmes, neste caso, devem ser utilizados pelos professores como fins ilustrativos para o conteúdo abordado, ou visando um confronto discursivo da representação ficcional com a realidade do aluno ou mesmo histórica. Para Campos (2006) as aulas se instituem em momentos de apreciações críticas da vida real onde os filmes não devem ser usados apenas como “algo novo” mais que nada acrescenta a vida do aluno e a sua capacidade de sonhar uma outra realidade.

Para Martins e Batista (2013), citando Pelegrini (2009) ao se trabalhar o cinema em sala de aula o professor deve se ater a se o filme ou documentário ‘dialoga com os problemas da sociedade, se questiona ou não posturas políticas vigentes, se propõe soluções para os impasses apresentados no enredo’. O que denota que ao escolher um filme deve haver por parte do professor uma preparação prévia para tal atividade. Esta deve englobar não apenas a escolha da obra, mas, o motivo pelo qual se dá sua utilização, o método de sua abordagem e o objetivo a ser alcançado.

Martins e Batista (2013) argumentam que: “O desafio do professor é mostrar ao aluno o filme buscando leituras ambiciosas que façam que os alunos interessem em serem mais que um expectador, mas agente cheio de criticidade propondo relações entre o conteúdo e a linguagem filmicas”. O que nos leva a considerar que a eficácia ou não de um filme, para atingir o objetivo tensionado pelo professor, passará a se definir a parti da escolha da obra. As perguntas que surgem então são: que obra trabalhar? Por que trabalha-la e com que objetivo trabalha-lha? A análise da obra fílmica *Corisco e Dadá* (1996), a seguir, busca uma análise de maneira prática do uso de uma obra cinematográfica para o ensino de Geografia pautado nos questionamentos acima.

Que obra trabalhar?

Partindo da ideia de que a escolha de uma obra fílmica a ser trabalhada em sala deve ter em consideração aspectos tais como o dialogo entre a obra e os problemas da sociedade. A escolha do filme *Corisco e Dadá* se torna pertinente em vários aspectos: 1º porque traz uma visão histórica do que foi o Cangaço como movimento que influenciou uma regionalização; 2º porque traz uma perspectiva: evento/tempo/espaço, importante relação a ser compreendida pela geografia; 3º, permite discutir temas tais como: núcleos sociais, ideologias, jogo de poderes, capacidade política organizacional do sertanejo, regionalização, religiosidade, mito sertão/mar, aspectos ambientais do semiárido, violência, coronelismos, o papel da mulher, dentre outros.

O Cangaço, como movimento de importante relevância na historia brasileira, segundo Santos (2012), foi marco no Nordeste brasileiro entre os anos 1870-1940. Tendo a participação tanto de homens quanto de mulheres. Estes atravessavam o sertão brasileiro com o “ideal de justiça e vingança”. Os saques de grandes propriedades, os assassinatos, os sequestros de mulheres e outros desmandos eram comuns no movimento, que tinha embutido, além dos já citados motivos, questões de cunho políticos. Segundo a autora, bandos se formavam para combater os abusos dos coronéis e da Coluna Prestes (1925-1927).

O filme, *Corisco e Dada* (1996), do diretor Rosemberg Cariri, preza por esta narrativa histórica por trazer, além do imaginário, cenas documentais que comprovam os fatos. A união dos personagens principais, por exemplo, nasce de um sequestro por parte de Corisco, cangaceiro também conhecido como o “Diabo Loiro” e amigo de Lampião, que sequestra Dadá e a violenta. Esta, mais tarde, aceita resignada a sua sorte na vida e acaba por

construir uma história dentro do movimento do Cangaço e ao lado de Corisco seu sequestrador.

O cangaço não só representou, mas ainda representa, no Brasil, um misto de controvérsia entre o heroísmo e o banditismo, principalmente na região Nordeste, local em que se deu o movimento. Apontados por alguns como heróise por outros como bandidos, personagens como Lampião, Corisco, Maria Bonita e Dadá, bem como outros que faziam parte do movimento, foram bastante abordados pelo cinema brasileiro. Talvez se possa mesmo afirmar que nenhum outro tema tenha sido tão exaustivamente explorados, pelos cineastas nacionais como o Cangaço e seus personagens. Com destaque para obras mais recentes tais quais: “O Cangaceiro” (1997); “*Corisco e Dadá*” (1996); e “Baile Perfumado” (1997).

Por que trabalhar Corisco e Dadá

Qualquer um dos filmes, acima mencionados, se tornaria uma boa escolha para aulas de Geografia. Então porque trabalhar *Corisco e Dadá*? A resposta está justamente no fato do filme prezar por uma narrativa que permite a compreensão de que se trata de uma história passada permitindo ao professor ater-se ao fato histórico como um evento que modificou o espaço tornado o tempo empírico. Essa abordagem dentro de um contexto geográfico permite ao aluno compreender o espaço atual como o resultado de diversos fatores que se firmam no tempo e no espaço, mas que ao mesmo tempo pode ser modificado por novos eventos: quer naturais, quer sociais. Tal compreensão permitirá ao aluno, se estimulado, uma análise crítica sobre suas ações presentes e seu reflexo sobre o espaço e a gerações futuras.

O filme ainda permite trabalhar a geografia dentro de um contexto interdisciplinar haja visto tratar-se de uma obra baseada em fatos reais que permeia tanto os livros didáticos de história quanto algumas obras literárias. Permitindo, assim, abordagens interdisciplinares entre essas disciplinas e também a disciplina de arte.

Com que objetivo trabalhar Corisco e Dadá

O objetivo com o qual o professor vai trabalhar *Corisco e Dadá* vai depender de uma Serie de aspectos anteriormente analisados. Por exemplo: Qual o seu objetivo ao trabalhar um filme? De que trata o filme? Qual seu objetivo na aula? O filme se adéqua a sua

proposta de aula? Quais dos temas identificados poderá trabalhar em classe? Qual a relevância da aula?

Conforme foi abordado, a utilização de um filme em sala de aula propõe vários objetivos, entre eles abordar temas relevantes para a sociedade de uma maneira lúdica, que desperte a atenção e o lado crítico do aluno. Conforme também explorado, percebemos que o filme *Corisco e Dadá* permite uma ampla abordagem de temas geográficos incluindo o papel da mulher dentro do Cangaço. Imaginemos então que o tema da nossa aula seja “O atual papel da mulher dentro da sociedade”. Com que objetivo trabalhar *Corisco e Dadá*?

O filme retrata não só *Dadá*, mais também outras mulheres que tiveram participação efetiva dentro do movimento. Dentro de um contexto interdisciplinar o professor pode fazer um comparativo em como se dava a participação daquelas mulheres dentro do movimento, a sua relação com a vida social e política daqueles dias e como isso se dá na atualidade. Daí o professor pode questionar seus alunos sobre se esta relação se dá de maneira igual ou diferenciada, pode ainda ser solicitado que eles apontem cenas no filme que evidencie suas respostas. Estes questionamentos podem tanto serem feitos antes como depois da exibição do filme. Se antes. O professor deve pedir que os alunos tenha por objetivo responder essas questões ao final. O objetivo proposto, neste caso seria avaliar a evolução do papel da participação mulher na sociedade. Discutindo a participação feminina na vida política e social brasileira.

Outro tema a ser abordado é a violência contra a mulher, um tema transversal de grande relevância na sociedade atual. No filme, a personagem *Dadá*, interpretada por Dira Paes, é sequestrada e violentada aos 13 anos de idade. O professor neste caso pode perguntar aos alunos se atualmente ocorre esse tipo de violência contra a mulher? Se isto ocorre. será que esta é a única forma de violência praticada contra as mulheres ou existem outras formas? Eles conhecem ou já ouviram falar de relatos de alguma mulher que sofreu ou sofre determinados tipos de violência? Qual é a opinião deles sobre o assunto? O objetivo deve ser discutir a importância de proteger a mulher contra abusos e violência. Para esta aula, talvez o professor opte por apresentar apenas algumas cenas relevantes do filme que contribua para a abordagem do tema. A opção por apresentação apenas de cenas relevantes pode vencer a barreira dificultosa da utilização dos chamados filmes de longa duração.

Percebemos assim que há muitas possibilidades a serem trabalhadas pela utilização do filme *Corisco e Dadá*; Sendo possível ao professor trabalhar tanto aspectos mais aplicados da geografia (conteúdo), quanto aspectos transversais, como é o caso da violência,

quer de uma forma generalizada, quer mais específico contra a mulher. Cabe ao professor definir sua meta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância de se encontrar recursos didático-pedagógicos que permitam ao professor de Geografia contribuir para o intercâmbio de conhecimento em sala de aula, e proporcionar ao aluno melhor compreensão do espaço em que vive, é com certeza uma necessidade permanente. Daí, quando se aponta a utilização de filmes como de relevância para tal fim reconhecemos que, como recurso, ele permite não só expor os conteúdos programáticos, mas também proporcionar ao aluno essa compreensão tensionada, o que demonstra que geografia e Cinema pode e deve estabelecer um relação íntima para o ensino.

Tendo como base o acima exposto, para que haja uma eficácia, na utilização desse recurso, carece-se de uma boa utilização por parte do profissional docente. O que, infelizmente, nem sempre acontece. Percebemos que muitas são as dificuldades encontradas por professores para a utilização desse recurso o que acaba por inviabilizar a sua eficácia.

A relação Geografia/Cinema permeia o próprio desenvolvimento dessa que é considerada a sétima arte e apresenta entre os jovens grande fascínio e aceitação. No entanto apontamos que para que um filme contribua para a formação cidadã crítica do aluno ele deve vir corroborado por uma intencionalidade prévia por parte do professor, o que significa uma antecipada compreensão do conteúdo geográfico a ser trabalhado e da presença desse conteúdo na obra fílmica a ser abordada.

Entendemos que o principal dilema quanto o emprego de filmes para o ensino de geografia, não está na extensão que apresentam algumas obras fílmicas, conforme apontado por alguns autores, mas na preparação para sua utilização. Apesar de os chamados longas metragens apresentarem algumas dificuldades essas não inviabiliza a seu uso. O que de fato inviabiliza a utilização desses ou mesmo dos chamados curta metragem é a má preparação do profissional para a utilização desse recurso em sala de aula.

Assim, cursos de graduação para formação docente que oferecem em sua grade disciplinas como Geografia e Cinema e que se atém não apenas a explicação da relação entre Geografia e a sétima arte, mas parte para viabilização prática do uso desse recurso vem a contribuir para que se tenha profissionais melhor habilitados para atenderem as novas demandas da educação e cumpram o papel de educadores e não apenas de transmissores de conhecimentos.

REFERÊNCIAS

- ABUD K. M. A construção de uma Didática da História: **algumas idéias sobre a utilização de filmes no ensino História**, São Paulo, 22 (1) p. 183-193, 2000 Disponível em: www.scielo.br/pdf/his/v22n1/v22n1a08.pdf Acesso em 10 de jul. 2014
- CAMPOS, R.R. Cinema, Geografia e sala de aula. *Estudos Geográficos*, Rio Claro, 4(1): 1-22, Junho - 2006 Disponível em: www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm. Acesso: 12 de jul. de 2014
- FIOVARANTE, K. E.; SILVA, W. D. Aproximações entre a Geografia e o Cinema: em busca de um novo subcampo in: ENCONTRO DE GEOGRÁFOS DA AMÉRICA LATINA, 14., Peru 2013. **Anais**. Disponível em: <http://www.egal2013.pe/1-enfoques-teoricos-metodologicos-de-la-geografia/> Acesso em: 01 de jul. 2014
- MACIEL A. B. C.; LIMA Z. M. CO conceito de paisagem: **diversidade de olhares Sociedade e Território**, Natal, v. 23, nº 2, p. 159 - 177, jul./dez. 2011. Disponível em: ufrn.emnuvens.com.br/sociedadeeterritorio/article/view/3505/2818. Acesso: 07 de jan. de 2013.
- MAGNO, M. I. C. *Videografia*. **Revista Comunicação e Educação**, São Paulo (11): 113 - 115, jan./ abr. 1998.
- MARTINS, B. M. L.; BATISTA, M.R. O ensino de geografia e a linguagem do cinema. In: ENCONTRO INTERDISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO., V., Mourão, 2013, **Anais...** Mourão: UNESPAR/FECILCAM. Disponível em: http://www.fecilcam.br/anais/v_enieduc/data/uploads/geo/trabscompletos/geo06209881939.pdf Acesso em: 15 de Jul. de 2014
- MOREIRA, T. A. Ensino de geografia com o uso de filmes no Brasil. **Revista do Departamento de Geografia – USP**, Volume 23 (2012), p. 55-8
- PASSOU, A. S., MELO, W. V., ANDRADE, L., PEREIRA, R.M.M.. Fatores que influenciam na utilização de filmes como recurso didático pelos docentes de ciências, UERJ – DECB Disponível em: www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R1240-1.pdf Acesso: 03 de ago. de 2014
- SANTOS. C.L. Do real ao imaginético - as representações do cangaço na linguagem cinematográfica in: ENCONTRO DE NOVOS PESQUISADORES EM HISTÓRIA, 3., Bahia **Anais...** Bahia: PPGH-UFBA. 2010. P. 276-288. Disponível em: <http://www.novospesquisadores.ufba.br/downloads/Anais%20-%202020Encontro.pdf> Acesso: em 10 de jul. 2014
- SANTOS, F. G. F.; LINS, A. S.; Rocha, M. S.; SILVA, D. S.; Filme: Uma forma didática para o ensino de química in: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO QUÍMICA, 11., Teresina 2013. Disponível em: <http://www.abq.org.br/simpequi/2013/trabalhos/1912-15973.html> Acesso 06 de jul. 2014
- SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- TERRA, Lygia; ARAÚJO, Regina; GUIMARÃES, Raul Borges. O mundo urbano in: **Conexões estudos de geografia geral e do Brasil** Vol. 2 São Paulo: Moderna, 2010 p. 27-40
- XAVIER, C. H. G. et al. O uso do cinema para o ensino de física no ensino médio, **Experiências em Ensino de Ciências – V5** (2), pp. 93-106, 2010. Disponível em: www.pucrs.br/famat/viali/tic_literatura/filmes/o_uso_do_cinema.pdf Acesso em: 23 de jul. de 2014
- FÍLMOLOGIA:**
- CORÍSCO E DADÁ**. Direção; Rosemberg Cariry . Brasil, 1996. (120 min.). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=1wgm4SpRS34> Acesso em: 20 de jun. de 2014.

TECNOLOGIAS E ENSINO: UM MEIO DE SUPERAÇÃO FRENTE ÀS METODOLOGIAS TRADICIONAIS

Lucas Alves de Figueiredo²

Graduando em Geografia pela Universidade Federal de Campina Grande-UFCG
lucassj1@oi.com.br

Amanda Giseli Freitas Bezerra³

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande-UFCG
giselyamanda@hotmail.com

Elidinaldo Gabriel Tavares⁴

Graduando em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande-UFCG
elidinaldoproinfo@gmail.com

Resumo: As tecnologias estão cada vez mais presentes no ambiente escolar, hoje o uso de computadores e internet para fins educativos tem ganhado muita amplitude. Há algum tempo diversas linhas de pesquisas abordam esse tema, onde são considerados os avanços científicos e tecnológicos no decorrer do século XXI e seus reflexos na vida das pessoas através do processo de globalização. No âmbito escolar esse processo provoca um maior fluxo de informações e conhecimentos, principalmente pela facilidade e disponibilidade de dados na rede mundial de computadores. Este trabalho objetiva discutir a importância dessas tecnologias para o ensino, através das experiências adquiridas durante as práticas de estágio no curso de geografia. O levantamento bibliográfico referente à temática subsidiou o andamento da pesquisa durante todas as suas fases, permitindo a problematização referente ao tema, como também para compreender os elementos a serem analisados através da observação. Dessa forma foi possível entender o papel do professor nesse processo, e também diagnosticarmos a necessidade da formação continuada e da importância do planejamento durante todo o processo de ensino aprendizagem. Por meio desse trabalho foi possível constatar a relevância do uso das tecnologias para a melhoria do ensino e consequentemente para a superação das metodologias tradicionais.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Tecnologias. Planejamento.

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea é o reflexo da evolução tecnológica, científica e informacional decorrente de várias revoluções ao longo do tempo. Esse momento específico consiste na consolidação de um processo em escala global, onde padrões e hábitos ganham espaços frente à cultura local que por sua vez é sucumbida em detrimento de culturas mais dominantes.

² Autor

³ Coautor

⁴ Coautor

O ensino é uma ferramenta para difusão científica, de valores e conseqüentemente cultural, contextualizando essas revoluções para os dias atuais é preciso entender de onde nasce à preocupação com o uso das TIC's⁵ e qual a necessidade de utilizá-las em sala de aula? Essas inovações estão presentes por toda a parte, quer seja em celulares smartphones, notebooks, tablets entre outros, porém, ainda não houve uma apropriação dessa tecnologia por parte de todas as pessoas e, sobretudo, não há um pleno domínio dos usuários desses equipamentos sobre as suas inúmeras possibilidades de uso.

Parece cada vez mais comum a presença das tecnologias na rede pública de educação Brasil afora, contudo, não houve uma preparação adequada para a recepção desses recursos em sala de aula. Quando nos referimos à preparação estamos falando em formação profissional adequada e também no planejamento para execução das atividades, visando promover algo que seja significativo na vida do educando e conseqüentemente para o próprio docente.

Nesse ponto de vista, a metodologia proposta para se trabalhar junto aos currículos escolares e conteúdos de cada disciplina específica terão grande parcela de contribuição para o uso das TIC's⁴ como recurso didático em sala de aula, onde o papel do docente ganhará novos aliados para engrandecer o processo de ensino aprendizagem. Mais adiante serão abordadas essas questões, trazendo diversos aspectos significativos para a promoção e efetivação da superação das metodologias tradicionais do ensino por meio da inovação tecnológica através dos recursos didáticos.

OBJETO DE ESTUDO

Trata-se das atividades realizadas através da disciplina Estágio Curricular Supervisionado IV sob responsabilidade do Professor Ms. Marcos Assis Pereira, na qual desenvolveram-se no ambiente da Escola Estadual de Ensino Médio Prefeito Joaquim Lacerda Leite localizada na Rua Raimundo Alves S/Nº, Bairro Santo Antônio no município de São José de Piranhas-PB.

O objeto em questão trata-se da turma no 1º Ano “C” do Ensino Médio da referida instituição a qual pertence ao PROEMI⁶ (Programa Ensino Médio Inovador). Através da concessão da Professora Josefa Ferreira da Silva também foram observadas suas práticas

⁵ Tecnologias da Informação e Comunicação.

⁶ O Programa Ensino Médio Inovador- PROEMI, instituído pela Portaria nº 971, de 9 de outubro de 2009, integra as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE, como estratégia do Governo Federal para induzir a reestruturação dos currículos do Ensino Médio.

docentes para melhor entender a dinâmica de ocorrência das aulas, a profissional em questão é Licenciada em Geografia pela UFPB, Pós-Graduada em Psicopedagogia pela Faculdade Francisco Mascarenhas atuando profissionalmente há 25 anos na rede pública estadual de ensino do estado da Paraíba que atenciosamente permitiu todo o desenvolvimento das práticas realizadas durante o estágio.

PROBLEMATIZAÇÃO

O uso de tecnologias como recurso didático não é algo tão recente quanto se pensa, na verdade há muito tempo são utilizados equipamentos que auxiliam a prática docente como: retroprojetores, computadores e data shows. De fato em alguns lugares ainda não estão disponíveis devido a questões de acesso remoto, porém, a nível global essa pode ser entendida como uma crescente que abarca um número bastante considerável de indivíduos.

A educação precisa estar em constante aperfeiçoamento para atender aos interesses da sociedade contemporânea, pois a mesma é muito dinâmica e requer eficiência para evolução e produção científica. Quando surgem as tecnologias de forma mais expressiva nesse cenário mundial é preciso que haja uma apropriação dessas pelos sujeitos, fato esse que resulta a necessidade de aquisição de equipamentos no ambiente escolar.

Essas tecnologias da informação e comunicação exercem inclusive a necessidade de adaptações exclusivas no ambiente físico das escolas, para que permitam o amplo acesso à informação e a pesquisa. Devemos ainda considerar o uso dessas tecnologias para outras formas de expressões, sobretudo, artísticas e culturais já que as escolas representam a pluralidade existente dentro de uma sociedade.

Outro ponto significativo parte da necessidade do docente rever constantemente suas práticas e metodologias, procurando à superação dos desafios encontrados em diversas realidades presentes nas salas de aula. Embora pouco evidenciado existem muitas incertezas do profissional docente em relação ao uso dessa tecnologia, será que o professor poderá ser substituído em sala de aula? Como lidar com o livre acesso aos dados e não ser manipulado? Qual o papel do professor na sociedade contemporânea?

Questionamentos como esses são muito significativos e nos permitem mais adiante aprofundar teoricamente essa discussão na ótica da superação do ensino tradicional, sobretudo, no aspecto metodológico.

REFERENCIAL TEÓRICO

O uso da tecnologia no ensino pode ser um grande aliado no desenvolvimento de um ensino aprendido de qualidade, há uma crença que o uso desses recursos possa vir a comprometer em um futuro não muito distante a função do professor em sala de aula. Existe a desconfiança de muitos docentes em relação ao uso das TIC's, na verdade a grande pergunta gira em torno da seguinte prerrogativa: “Seremos nós substituídos em sala de aula pela máquina?”.

Na visão de NEGROPONTE (1996): “No início do próximo milênio será possível que os seus botões de punho ou seus brincos esquerdo e direito comuniquem entre si através de satélites de órbita baixa e que possuam uma capacidade de computação maior que o seu PC atual. O seu telefone não tocará discriminadamente; receberá, escolherá, e talvez responda às chamadas que lhe fizerem do mesmo modo que um mordomo inglês bem treinado o faria. (...) Convivemos em comunidade digitais para os quais o espaço físico será irrelevante e o tempo desempenhará um papel diferente”.

A situação em que o ensino vem sendo encaminhado nos dias atuais demonstra que o desejo que se tem é a mudança pautada na inovação das práticas e métodos, visando compreender um número maior de indivíduos e que também possa conseguir dar um significado real para o aprendizado na vida desses educandos. Há um grande esforço conjunto para que haja essa consolidação, as parcerias entre escolas e universidades através dos programas de estágio e iniciação à docência são de suma importância. Os professores atuantes em sala de aula também devem acatar essas parcerias para aprimorar ainda mais suas práticas docentes, o estagiário por sua vez deve usar esse espaço para a reflexão e para observação das suas posturas em sala de aula. Segundo Oliveira e Pontuschka (2006, p.119):

O estagiário é, geralmente, independentemente da disciplina em questão, um aprendiz, estranho à sala de aula, que a ela se incorpora visando observar minuciosamente a experiência viva do trabalho do professor e (principalmente) dos alunos.

O papel do professor na construção do conhecimento junto aos seus alunos após a passagem do estagiário também é significativo do ponto de vista didático. Segundo Schon (1997, p.82 apud BARREIRO, 2006, p.32), o professor deve comportar-se:

[...] ajudando-o a articular o seu conhecimento na ação com o saber escolar. Esta forma de ensino constitui-se uma reflexão na ação, que exige do professor uma

capacidade de individualizar, isto é, de prestar atenção no aluno [...] tendo noção do seu grau de compreensão e das suas dificuldades.

Atualmente, a maior parte das universidades e escolas públicas do Brasil vem adotando a execução de projetos educacionais com o objetivo de atingir um público cada vez maior de alunos. Vale a pena destacar que essas práticas possibilitam que os estagiários tenham mais liberdade ao desenvolver seus projetos e que também os alunos possam ter seus interesses atendidos. Segundo Hernandez (1998), o tema do projeto pode surgir com base nas ações e atitudes apresentadas pelos alunos e o professor, atento às manifestações dos alunos, conseguirá identificar o problema e sugerir um projeto. O aluno deve interagir com o projeto, estar por dentro de todo o assunto e se sentir livre para opinar, desenvolver, planejar, se posicionar diante dele, favorecendo o desenvolvimento da autonomia.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

A autonomia refere-se à capacidade de posicionar-se, elaborar projetos pessoais e participar enunciativa e cooperativamente de projetos coletivos, ter discernimento, organizar-se em função de metas eleitas, governar-se, participar de gestão de ações coletivas, estabelecer critérios e eleger princípios éticos etc. (BRASIL, 2001, p. 94).

Diante das questões colocadas visualizamos que é possível atender a uma gama diferenciada de sujeitos, onde ainda é possível inserir a multidisciplinaridade para ampliar os horizontes a ser alcançados. Entender as relações existentes entre vários campos do conhecimento passa a ser a grande aposta da implantação de projetos dentro das escolas, permitindo assim o despertar para o aprendizado em sala de aula.

Os projetos educacionais destacam-se pela proposta de inovar o ensino, em casos específicos o uso de tecnologias passa a ser a grande aposta, e que através deste o professor terá de desenvolver novas habilidades e competências. Brás (2003) apud Morais (2006, p.37) ressalta que:

O novo professor assume funções pedagógicas, necessariamente, mas deverá ser também coordenador e gestor de recursos e preparador de equipamentos. Assim, é necessária a formação técnica ao nível das ferramentas e instrumentos – competência técnica – mas também a aquisição e desenvolvimento de novas competências didáticas e pedagógicas.

Tais competências supracitadas tem ligação direta com a importância da apropriação das tecnologias por parte de seus usuários, ou seja, o professor deve estar preparado para a chegada desses recursos em sala de aula. Tal preparação depende exclusivamente do planejamento das atividades a serem realizadas, e conseqüentemente pela capacitação profissional através de cursos específicos sobre as TIC's⁷.

O planejamento no âmbito escolar é essencial para práticas exitosas. Segundo Martinez e Oliveira (1997, p.11):

Entende-se por planejamento um processo de previsão de necessidade e racionalização de emprego dos meios materiais e dos recursos humanos disponíveis a fim de alcançar objetivos concretos em prazos determinados e em etapas definidas a partir do conhecimento e avaliação científica da situação original.

De acordo com Libâneo (1994, p.222) o planejamento tem grande importância por tratar-se de: “Um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social”. Através dessas colocações podemos entender que esse processo deve fazer parte continuamente do dia a dia de cada escola, que seja pública ou privada. Outro ponto crucial está na metodologia a ser empregada para o alcance dos objetivos almejados, onde Libâneo (1994, p.222) indica que:

A ação de planejar, portanto, não se reduz ao simples preenchimento de formulários para controle administrativo, é, antes, a atividade consciente da previsão das ações político – pedagógicas, e tendo como referência permanente às situações didáticas concretas (isto é, a problemática social, econômica, política e cultural) que envolve a escola, os professores, os alunos, os pais, a comunidade, que integram o processo de ensino.

Embora o planejamento seja indispensável para a efetivação do ensino e das metodologias é preciso salientar que alguns docentes são avessos a essa prática. Segundo Menegola e Sant'Anna (2001, p.43), alguns professores não simpatizam com o ato de planejar:

Parece ser uma evidência que muitos professores não gostem e pouco simpatizem em planejar suas atividades escolares. O que se observa é uma clara relutância

⁷ Tecnologias de Informação e Comunicação.

contra a exigência de elaboração de seus planos. Há uma certa descrença manifesta nos olhos, na vontade e disposição dos professores, quando convocados para planejamento.

Deste modo, embasados teoricamente será possível dar continuidade as discussões referentes ao ponto de vista metodológico.

METODOLOGIA

Este trabalho é constituído em basicamente três etapas: a primeira consiste no aporte teórico, onde através de levantamentos bibliográficos por meio de artigos científicos, leituras e fichamentos referentes à temática foram amplamente refletidos para dar credibilidade e confiabilidade nos propósitos a serem alcançados.

A segunda etapa ocorreu através de observações das aulas na E.E.E.M. Prefeito Joaquim Lacerda Leite sob responsabilidade da Sra. Josefa Ferreira da Silva e posteriormente a essas foram ministradas aulas durante o período de realização das atividades na disciplina Estágio Curricular Supervisionado IV do Curso de Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Federal de Campina Grande-Campus Cajazeiras-PB.

Na terceira etapa deu-se a análise e a interpretação das experiências vivenciadas sistematizando-as conforme o propósito a ser alcançado por este trabalho.

O ESTÁGIO COMO OBSERVAÇÃO E O ESTÁGIO COMO PRÁTICA

O fato de observar nos permite então, prever muitas situações cotidianas antes mesmo de começarmos a regência das aulas de estágio. É comum julgarmos um professor pelas suas práticas, mais se buscarmos examinar profundamente suas ações é possível encontrarem-se diversas motivações para que isso aconteça, não devemos aceitá-las, mais é nossa obrigação se por no lugar do outro para ver as necessidades mais básicas a serem atendidas.

De fato inovar um sistema de educação secular é algo bastante complexo, pois boa parte dos alunos prefere assim do jeito que está e alguns professores acham até mais fácil desenvolver suas aulas nesse formato. A grande carga horária e turmas muito numerosas dificultam o planejamento das atividades realizadas em sala de aula.

No caso da regência do estágio, mesmo com uma única turma para lecionar já foi bastante difícil desenvolver as aulas tanto quanto ao número dos alunos em sala de aula e pelo tempo das aulas. O formato escolhido foi de aulas através dos grupos de estudo, onde nos deslocamos da sala de aula convencional para o laboratório de informática, isso foi essencial para despertar o interesse dos alunos.

Outra preocupação foi em planejar as atividades e a metodologia utilizada nas aulas. Os conteúdos abordavam a localização no espaço geográfico, onde trabalhamos o conteúdo de maneira a quebrar a sequência proposta pelo livro didático, fazendo uma abordagem do local para o global primeiramente ilustrando a localização através dos astros, bússola e alguns sistemas de informações geográficas presentes no dia a dia de cada aluno.

Com isso buscamos selecionar as exposições mais pertinentes ao assunto e paralelo a isso foram lançados questionamentos orais falando da importância da Geografia na compreensão dessas questões. As aulas sortiram efeitos positivos despertando o interesse desses alunos para a disciplina, mas tive que traçar algumas estratégias para envolvê-los nas aulas.

Partimos da idéia de falar do cotidiano dos alunos relacionando com a localização no espaço geográfico, o porquê da necessidade de aprender, quais os recursos que possuímos para isso e quais critérios são adotados para delimitar esse espaço. Para Castrogiovanni (1999, p.83):

O processo de aprendizagem deve possibilitar que o aluno construa não apenas conceitos e categorias já elaboradas socialmente, mas que (re)signifique tais instrumentais a partir da compreensão do particular (...).

A abordagem temática da localização no espaço perdurou durante a regência de nossas aulas, buscando trabalhar aspectos de orientação e compreensão de conceitos a respeito do espaço geográfico e suas complexidades. Nossa missão propôs investigar metodologias que alcancem um melhor nível de aprendizagem, maior interação professor e alunos, e ainda discussões das questões colocadas em sala com relação aos temas geográficos desenvolvidos no processo ensino aprendizagem junto aos sujeitos abordados.

As principais dificuldades encontradas por mim no Estágio Curricular Supervisionado IV são as questões ligadas à importância da Geografia na construção do cidadão, as colocações dos alunos implicitamente dizem para que aprender isso; qual a importância disso para minha vida e assim por diante. Outras questões como falta de ventilação e estrutura no ambiente escolar dificultam as aulas, no período da manhã já faz

muito calor e isso faz com que os alunos precisem abrir as janelas para amenizar a temperatura no interior da sala. Quanto aos recursos didáticos estes são acessíveis, porém nem todos os docentes usam nos como instrumento que possibilite práticas inovadoras.

Considero estágio de suma importância junto à reflexão das teorias vistas na universidade, pois o que se vivencia no cotidiano escolar requer levar em consideração os contextos sociais, espaciais e temporais. Sabemos que formar cidadãos críticos não é uma tarefa das mais fáceis, embora seja nosso maior objetivo a ser alcançado. Essas realidades encontradas não devem desestimular os futuros profissionais docentes e sim acrescentar mais inspiração a luz de teorias que realmente tenham o propósito de contribuir nas práticas, já que ambas jamais devem ser individualizadas, devemos buscar nos nortear através da fusão dessas pautados na ação e reflexão.

O USO DO SOFTWARE P3D INTERATIVO NAS AULAS DE GEOGRAFIA

O software P3D Interativo é um programa de cunho educativo voltado para promover a participação e a interatividade dos alunos durante as aulas. Esse programa utiliza imagens tridimensionais, permitindo a reprodução de movimentos e animações gráficas de modo realístico.

Entre muitas das vantagens o mesmo tem caráter multidisciplinar e engloba as disciplinas de Biologia, Geografia, Química e Ciências. Os conteúdos desse programa são destinados para todas as séries de Ensino Fundamental e Médio. O mesmo não possui guia de voz nem de texto, permitindo ao professor ter a autonomia de escolher o conteúdo de acordo com seu plano de aula. Segundo a VTS Brasil fabricante e distribuidor do software P3D interativo o mesmo conta com mais de 1.000 modelos 3D para trabalhar nas disciplinas disponíveis em seu ambiente de trabalho para usar como quiser. Outro benefício desse programa é sua disponibilidade para outras plataformas e sistemas operacionais como: tablets e celulares smartphones.

Segundo a VTS Brasil os objetos de aprendizagem da P3D facilitam o processo de ensino e aprendizagem. Entre eles são:

- Os objetos não lineares: não possuem guia de voz nem guia de texto. O professor escolhe a ordem em que os conteúdos são apresentados.
- Os conteúdos da P3D são baseados em Modelos 3D interativos e não em filmes (filmes são lineares).

- Realidade virtual como ambiente para diversos contextos de pesquisa, ensino e aprendizagem.
- Ambiente motivador, dinâmico, criativo e instigante.
- Estimula a participação ativa do estudante, em um ambiente educacional de encantamento.
- Trabalha com familiarização gradativa dos conceitos em um ambiente que permite descoberta e exploração.

As aulas aconteceram no laboratório de informática da E.E.E.F Prefeito Joaquim Lacerda Leite, onde os alunos puderam ter a experiência de uma aula diferenciada do cotidiano escolar. Os materiais utilizados foram: Data Show, Notebook, Pendrive e o Software P3D. A aula aconteceu na modalidade de grupos de estudo, onde os alunos podiam participar ativamente promovendo o questionamento e posteriormente o debate referente à temática.

Os pontos mais significativos foram à localização no espaço geográfico do local para o global, onde foram exercitadas a localização geográfica, a importância dos astros e a dinâmica terrestre. Pode se dizer que esse momento foi bastante proveitoso do ponto de vista qualitativo, pois as respostas foram positivas e permitiram trabalhar dinamicamente o conteúdo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das atividades realizadas foi possível, a obtenção de rica experiência para a compreensão das dinâmicas existentes nos ambientes escolares, onde nossa formação docente passa a ser enriquecida pelo estágio propiciando significativos ganhos para nossas práticas pedagógicas.

De fato para haver uma efetiva mudança é preciso um grande esforço, sobretudo, por parte dos professores, das famílias, comunidade e de toda escola a fim de participar dos acontecimentos da vida escolar dos alunos. Reforçamos ainda que os professores precisam estar em constante processo de amadurecimento, revendo suas posturas, procurando suprir suas deficiências através da reflexão sobre as suas ações.

Em nossa compreensão o planejamento e capacitação são caminhos que levam para o sucesso de qualquer atividade, mais que isso, é um caminho que possibilita a libertação e o desenvolvimento científico ao passo, que o ato de refletir busque adaptar se a cada geração que passar pelo processo de formação educacional, não só como cliente, mais como filho dessa escola.

Para concluir, o nosso maior objetivo a ser alcançado é buscar sempre a postura de pesquisar a luz do saber científico, revendo e amadurecendo nossas práticas, entendendo que a escola é um espaço diversificado, ou seja, a forma em que vive uma sociedade e que as tecnologias não tem o objetivo de tomar o lugar do professor, mas sim tornar se um grande aliado no processo de ensino aprendizagem.

Como indicações sugerimos outras leituras pertinentes à temática e sugerimos aos leitores que acessem o site do P3D interativo para conhecer um pouco mais sobre suas funcionalidades e possibilidades para se trabalhar não somente Geografia, mas também os outros campos do conhecimento ou até mesmo de forma multidisciplinar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas, 1952. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores/** Iraíde Marques de Freitas Barreiro, Raimunda Abou Gebran. – São Paulo: Avercamp,2006.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: Introdução. MEC / SEF – 3 ed. Brasília: A Secretaria, 2001.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. E agora, como fica o ensino da geografia com a globalização?. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. et al. **Geografia em sala de aula**: práticas e reflexões. 2 ed. Porto Alegre: UFRGS, 1999. P.81-84.

_____. Educação e Planejamento: a escola como núcleo da gestão. In OLIVEIRA, Dalila Andrade. *Gestão Democrática da Educação: desafios contemporâneos*. Petrópolis, Rio de janeiro: Vozes, 1997.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. *A organização do currículo por projetos de trabalho*. Porto Alegre: Editora Artmed, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos, Didática. São Paulo. Editora Cortez. 1994.

MENEGOLLA e SANT'ANA, Maximiliano e Ilza Martins. *Porque Planejar? Como Planejar? Currículo e Área-Aula*. 11º Ed. Editora Vozes. Petrópolis. 2001. Parâmetros curriculares nacionais. Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais/Secretaria de educação fundamental –Brasília. MEC/SEF, 1998.

MORAIS, Carla Susana Lopes. (2006) – ‘+Química Digital’ Recursos digitais no ensino da Química uma experiência no 7º ano de escolaridade, Dissertação de Mestrado em Educação Multimídia, FCUP, 2006.

NEGROPONTE, N. (1996). *Ser Digital*. Editorial Caminho. Lisboa, 1996.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de; PONTUSCHKA, Nídia N.. Repensando e refazendo uma prática de estágio no ensino de Geografia. In: VESSENTINI, José Willian et al. **Geografia e ensino**: Textos críticos. 9. Ed. Campinas: Papyrus, 2006. P.117-134.

TEORIA E PRÁTICA DO ENSINO DE GEOGRAFIA: ALGUMAS REFLEXÕES

*Adriana de Sousa Fonseca
Graduada em Geografia/ UFCG
paieterno23@hotmail.com*

*Maria da Consolação Fernandes da Silva
Graduada em Geografia/UFCG
consola_sol@hotmail.com*

Resumo:

Este artigo aborda o tema Teoria e prática da geografia no ensino, tendo como objetivo a reflexão sobre o planejamento de metodologias que favorecem a didática da ação docente viabilizando o desenvolvimento profissional de professores participantes do processo de ensino aprendizagem. Os métodos de trabalho possibilitam muitos ganhos na medida em que foca saberes específicos dos educandos, os saberes da docência, os contextos específicos das escolas e o referencial teórico-metodológico da Geografia Escolar. Neste sentido, para que a escola transforme seus alunos em cidadãos críticos, pensantes e próximos da realidade, o educador deve estar sempre atualizado, buscando coisas novas sem prender-se a sistemas fechados, como utilizar apenas o livro didático. A proposta de ensino é viabilizar a cada aluno a oportunidade de aprender e ser autor na construção do seu próprio conhecimento, tanto quanto sua capacidade permitir, entretanto, uma questão preocupante do profissional que ensina é a falta de interesse de alguns alunos em participar das atividades propostas em sala de aula, que podem estar vinculadas à própria prática de ensino de Geografia. A utilização de diferentes recursos didáticos, a investigação e análise crítica da realidade só terão sentido se professor e aluno perceberem que são construtores do conhecimento.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Teoria. Prática.

1. Introdução

2.

Neste trabalho procuramos mostrar que a Geografia escolar para dar conta do seu objeto de estudo, o espaço geográfico, deve lidar com as representações da vida dos alunos, sendo necessário associar o conhecimento do cotidiano aos conteúdos escolares, afinal, as atividades docentes não se restringem a uma pequena reprodução de saberes estruturados e sistematizados. Ao contrário, envolve a construção da cidadania, a formação de pessoas mais humanas e solidárias num mundo complexo.

Diante da necessidade de mudar para continuar existindo e de desenvolver um método científico propício à interpretação de problemas contemporâneos e propor-lhes soluções, a Geografia passou a estudar a sociedade em sua dimensão espacial, perspectiva contrária a reprodução de uma estrutura conteudista, fragmentada, impeditiva da percepção por parte dos alunos acerca das relações existentes entre as partes e o todo.

A geografia escolar vem tentando aperfeiçoar-se afim de proporcionar situações de aprendizagem que valorizem o conhecimento científico, mas também as referências dos alunos, suas experiências e modo de vida. Neste sentido, teoria e prática constituem-se como indissociáveis no processo de ensino-aprendizagem em Geografia, quando o professor desenvolve sua ação educativa a partir da elaboração do planejamento da aula, pautando-se na pesquisa referente ao trabalho docente e apresentando um conjunto de materiais didáticos que possibilitem experiências positivas, capazes de aprimoramento do ensino de Geografia na escola.

O desenvolvimento deste trabalho compreende cinco partes, incluindo introdução e considerações: 2- Geografia e Ensino; 3- O método e a práxis; 4- Alternativas Metodológicas Cotidianas no Ensino de Geografia.

2.Geografia e Ensino

Além de colaborar para o expansionismo colonial, a Geografia contribuiu para a formação de estudantes. O ensino da Geografia no Brasil remonta à primeira metade do século XIX. Assim como na Alemanha, também em nosso país não existiam cursos superiores para formar professores de Geografia para atuarem nas escolas primária e secundária (atual Ensino Fundamental e Médio). Essa preocupação torna-se mais expressiva no fim do século XIX e início do século XX, quando aumenta o número de escolas normais, voltadas para a formação de professores para atuarem nas escolas primárias, nos então chamados “grupos escolares”. Na escola secundária, as aulas de geografia eram ministradas por advogados, médicos e engenheiros.

Somente em 1934 ocorreu em nosso país a institucionalização da Geografia no Ensino Superior na Universidade de São Paulo. Como podemos perceber, no Brasil à geografia primeiro se difundiu na escola para depois se expandir na universidade. Nesse sentido polemizar sobre o ensino da geografia no Brasil implica também a problemática do livro didático. Em vez de encararmos o manual como bode expiatório para as mazelas do ensino, como muito se faz, devemos analisá-lo sem preconceitos, como instrumento usual e

contraditório da atividade de aprendizagem. Vivemos, enfim, um momento de pluralidade e experiências diversificadas e muitas vezes alternativas, em que o professor de geografia em grande medida vai aprendendo que pode criar e inovar, que pode contribuir para a construção de uma nova geografia escolar, um saber crítico que auxilie o educando no seu posicionamento frente ao mundo em que vive. Uma geografia renovada não deve permanecer com as mesmas práticas da geografia tradicional, pois tudo muda ao mesmo tempo: os conceitos, categorias, métodos, temas. O ideal seria o próprio professor elaborar seus textos, a partir do conhecimento da realidade de seus educandos e procurar fazer com que estes sejam coautores do saber.

No ensino ela se preocupa com a criticidade do aluno e não com arrolar de fatos para que ele memorize. O conhecimento a ser alcançado no ensino, na perspectiva de uma geografia crítica, não se localiza no professor ou na ciência a ser ensinada ou vulgarizada, e sim no real, no meio em que o aluno e professor estão situados e é fruto das práxis coletivas dos grupos sociais.

3- O método e a práxis

Para compreendermos a importância do ensino da geografia é necessário tomarmos conhecimento das práxis, uma vez que a práxis nos faz refletir o que vamos pôr em prática aquilo que objetivamos, ou seja, qualquer atividade que praticamos requer uma atitude teórica, onde permite que façamos primeiro uma reflexão para depois agirmos.

Para Vásquez(1968) a atividade humana é também atividade prática, ou seja, adequada a objetivos, cujo cumprimento exige certa atividade de conhecimento (atividade teórica).

O autor, tendo explicitado a atividade humana como práxis, na qual foi necessário distinguir a atividade humana prática para estabelecer a unidade entre ambas enquanto práxistransformadorasvai, a seguir, explicitar o que chama de forma de práxis(produtiva, política, criadora). Essa denominação decorre do objetivo sobre o qual o sujeito exerce sua ação.

O ponto de partida da geografia crítica escolar é uma relação dialética entre a realidade e o saber. Realidade tanto do aluno (sua faixa etária, seu potencial, seu desenvolvimento, sua situação), quanto do seu meio (cidade, meio rural), da sociedade nacional e do espaço mundial. E saber como explicação da realidade, oriunda tanto da leitura de obras escritas, leitura crítica na qual o texto é recriado ou refeito pelo leitor, quanto de pesquisa\ observações\ entrevistas\ reflexões a partir de aspectos desse real

Desta forma a geografia crítica escolar, deve ser ao mesmo tempo uma forma concreta de prática educativa e vir a ser, isto é, estará sempre em construção, mesmo sendo implementada. Isso quer dizer que o ensino crítico de geografia pressupõe a recusa de qualquer modelo; não há nenhuma geografia crítica escolar pronta, nem nunca haverá, pois a sua substância é a inovação, a criatividade, a atualização constante, o diálogo professor\aluno\pensamento\real.

É por isso que no ensino crítico, não é possível que o docente elabore o seu plano de curso sem conhecer a realidade (econômica, social, intelectual) dos alunos e do meio onde vivem; tampouco é possível que “programas oficiais” sejam levados a sério – no máximo poderão ser encarados como “sugestões” que podem e devem ser discutidos e reelaborados. "Verificamos, assim, que o profissional que não consegue investigar questões específicas de sua área de conhecimento ou que não tenha tido oportunidade de pesquisar-se a si mesmo não terá condições de projetar seu próprio trabalho, de avaliar seu desempenho” (Fazenda,1991 apud Pimenta e Lima, 2004). O que mais vale para o ensino moderno são atitudes cognitivas (raciocínio lógico, criticidade, etc.), e não o conhecimento em si que, na realidade, é um instrumento para desenvolver certas potencialidades do educando. Um professor que apenas reproduz conhecimentos já prontos nunca vai contribuir para que o educando seja co-autor do saber, sendo mais um obstáculo para o desenvolvimento da criatividade do aluno. Kropotkin propôs que uma educação para a liberdade só pode existir com professores que vivam (e aprendam) em relação de reciprocidade com os alunos e com a comunidade, o que significa que se deve ter planejamentos (e programas) pouco rígidos e sempre abertos a novos acontecimentos e experiências. Neste sentido vale ressaltar que:

É imprescindível o convívio do professor com o aluno em sala de aula, no momento em que pretende desenvolver algum pensamento crítico da realidade por meio da Geografia. É fundamental que a vivência do aluno seja valorizada e que ele possa perceber que a Geografia faz parte de cotidiano, trazendo para o interior da sala de aula, com a ajuda do professor, a sua experiência. Para tanto, o estudo da sociedade e da natureza deve ser realizado de forma interativa. No ensino, professores e alunos poderão procurar entender que tanto a sociedade como a natureza constituem os fundamentos os quais paisagem, território, lugar e região são construídos. (PCNs,2001, p.30)

A intenção do ensino não é a produção do conhecimento, mas o crescimento do aluno, das novas gerações, a formação de mentes inventivas, críticas, que sejam capazes de conceber coisas novas e não apenas repetir o que outras gerações fizeram. Um elemento importante aqui é o grau de desenvolvimento psicogenético do educando, sua capacidade de maior ou

menor abstração. De nada adianta, por exemplo, querer ensinar cartografia na 5ª série de forma dedutiva (dando definições e exemplos de escalas, mapas, etc.), pois tal procedimento é inadequado para essa faixa etária. O correto neste caso é usar o método indutivo, indo do concreto ao abstrato (do desenho e medidas da sala de aula chegar às noções de mapa e escala- e assim por diante).

Outro elemento importante é a realidade social do aluno, os seus interesses existenciais. Por exemplo, não devemos deixar de focar a questão agrária quando estamos lecionando para filhos de acampados ou de “boias-frias”. E não podemos deixar de trabalhar a questão da violência policial para alunos da periferia dos grandes centros urbanos. É motivador (motivação é algo basilar para o ensino). E assim por diante. Ou seja: não se trata nem de partir do nada, nem de aplicar no ensino o saber científico, deve haver uma relação dialética entre esse saber e a realidade do aluno – daí o professor não ser um mero reproduzidor, mas um criador.

A geografia escolar consiste numa prática educativa na qual não apenas se reproduz, mas de fato se produz saber, na qual professores e alunos recriam textos escritos e demais obras culturais e tornam-se afinal coautores de conhecimentos geográficos. Consiste numa geografia ligada à realidade do educando, na qual ele sinta que, através desse estudo, passou a refletir e compreender melhor o mundo em que vive – desde a escala planetária até anacional e a local – podendo se posicionar frente a essa realidade histórica com suas contradições, conflitos e mudanças.

Particularmente, a Geografia escolar tem procurado pensar seu papel nessa sociedade em mudança, indicando novos conteúdos, reafirmando outros, reatualizando, questionando métodos convencionais, postulando novos métodos. Numa análise da história dessa disciplina no Brasil é possível marcar o final da década 1970 como o início de um período de mudanças significativas em torno de propostas de pesquisa e ensino, que ficou conhecido como Movimento de Renovação da Geografia. Desde então, muitos caminhos foram escolhidos para se fazer uma análise crítica da fundamentação teórico- metodológica da ciência geográfica e para propor alternativas ao modo de trabalhar essa ciência como matéria escolar. (CAVALCANTI, 2002, p. 11).

O fundamental é estar aberto às inovações e procurar aprender com os alunos e a realidade. Com o passar dos anos há professores que não preparam aulas, pois já as memorizou, a aula virou rotina, o que leva o desinteresse dos alunos. Mas é de fundamental importância que o docente esteja sempre reavaliando sua prática de ensino para assim encaminhar a transformação tanto sua como da realidade na qual está inserido. Deste modo entende-se que

conforme Lima (2004), as teorias são para o professor como um norte que oferecem instrumentos para o educador investigar, questionar, suas práticas e ações, as teorias nada mais são que explicações temporárias da realidade, passíveis de mudança.

O pensamento humano se alimenta e se constrói no contato com o mundo no qual ele exercita a prática, a atividade, o fazer imerso na realidade desse mundo. Para a ocorrência da aprendizagem é essencial atribuir-lhes um sentido. Para tanto, devemos lembrar alguns pressupostos como a necessidade de o aluno tomar conhecimento do que é para ele fazer, qual a finalidade de suas atividades, etc.

Somente se, no caminho da realização, surgem obstáculos intransponíveis, outros recursos de visualização podem substituir a realização concreta. Nestes casos há a possibilidade de o professor fixar no quadro, por esboço, todo o decorrer da execução. Contudo, dentre as práticas de ensino de geografia como exercício de uma práxis transformadora, o professor lança mão de algumas estratégias metodológicas, como veremos a seguir.

3.1. Colocações do problema

No começo de um empreendimento, deve situar-se a colocação de um problema vivo, um projeto que faça os alunos vibrarem. Significa que é preciso desenvolver o saber geográfico de maneira contextualizada, colocando ao aluno as diversas facetas possíveis de uma questão, apresentando-lhe problemas a serem analisados.

3.2. A execução da ação

A forma de ensino se caracteriza pelo fato de os alunos resolverem um problema e conseguirem conhecimentos de maneira autônoma. Durante a execução do trabalho, o professor mantém-se reservado, não demonstrará aos alunos como devem fazer, mas deixará que eles mesmos procurem e encontrem as soluções.

3.3. A interiorização da ação

Nas lições de que nos ocupamos, o que menos se deseja é dar ao aluno habilidade prática. O primeiro degrau para a interiorização é introduzido depois da conclusão da ação prática. Com isto se alcança o segundo grau de interiorização da ação: o aluno imagina o desenrolar da ação enquanto se apoia numa representação do processo de construção. Na terceira fase, o

aluno deve reproduzir as ações que foram realizadas. Daí são alcançadas duas metas. De um lado, ele grava o assunto através da repetição, de outro, ganha visão de conjunto que integra a pluralidade dos elementos da representação.

O ensino da geografia não pode ser um ato mecânico, resumido ao ato de informar, no qual o professor dá atividades e o aluno realiza. Tem que ser um ato mais complexo, no qual a discussão, o debate, a reflexão sejam estimulados, contribuindo para a construção das competências sócio-político-culturais. Para tanto, o professor promove a ação mediadora a partir de distintos recursos metodológicos.

4. Alternativas Metodológicas Cotidianas no Ensino de Geografia

A seguir são apresentadas algumas práticas que podem ser interessantes e tem como objetivo uma maior participação dos alunos, estimulando-os a abandonar uma postura passiva de reprodução de informações.

4.1 O livro didático: observações críticas

O ideal do professor que propõe um trabalho pedagógico que rompe com a lógica da dominação, seria a implementação de atividades que contribuem para desenvolver personalidades críticas e autônomas com elaboração de textos apropriados à realidade social e existencial de seus alunos, de debates frequentes sobre temas cruciais. Sabemos que isso de fato é uma realidade um pouco distante de ser efetivado.

Os baixos salários, o número de aulas que são obrigados a assumir para tentar aumentar seu orçamento, a elevada quantidade de alunos e a ausência de condições ao trabalho docente (projetores de filmes ou vídeos, bibliotecas, etc.) são fatores que levam os professores a adotar livros didáticos, já que com eles pode-se ter menos trabalho com as lições.

De acordo com Vesentini (2008) os livros didáticos não se colocam com objetivo o desenvolvimento da criticidade, do raciocínio lógico, da sociabilidade ou da criatividade no aluno. Muitas vezes, o professor acaba sendo manipulado pelo livro didático, em vez de tomá-lo como base para novas práticas, percebe-se aí ausência de percepção da sociedade onde vivem e do papel social que a escola assume.

O professor utiliza o livro apenas para repassar de forma descontextualizada o conteúdo, divulgando apenas o assunto, mostrando os fatos da geografia, no entanto o educador deve buscar contribuir para formar cidadãos, de integrá-los (criticamente) ao meio em que vivem para que possam se tornar críticos capazes de interferir de forma coerente na sociedade.

O livro didático deveria configurar-se de modo que o professor pudesse tê-lo como instrumento auxiliar de sua reflexão geográfica com seus alunos, mas existem fatores limitantes para tal.

A proposta é que o professor seja ousado e criativo, trabalhe em parceria com alunos também ousados e criativos, provocando a recriação das ideias e extrapolando os muros da escola. Assim, mais do que nunca os tempos atuais favorecem a renovação. O espaço a ser ocupado aí está, cabe ocupá-lo.

4.2 A música como recurso

Esta atividade consiste em solicitar que, com o emprego de uma música de livre escolha, os alunos façam uma montagem, uma colagem ou um desenho que tenham relação com a letra da música, na interpretação deles.

O trabalho com imagens em Geografia é tão importante quanto o trabalho com mapas. Através de fotos podemos analisar as paisagens que sofreram ou não a ação do homem: prédios, plantações, fábricas, etc. Tudo pode ser interpretado pela luz da Geografia. Todas estas leituras podem ser feitas usando as suas colagens e desenhos.

4.3 Viajando através dos mapas

Essa atividade é mais lúdica e desdobra-se em duas tarefas, que podem ser realizadas em ambientes abertos. A primeira consiste em distribuir um mapa do mundo aos alunos para que escolham cinco países que gostariam de visitar. Devem escrever dados sobre este país e justificar a escolha de cada um deles. Pode-se auxiliar perguntando: qual a idéia que tiveste ao pensar neste país? O resultado é interessante. Muitos querem conhecer os mesmos países, sobretudo os europeus. O Egito (pirâmides) e a Austrália (surfe) se destacam. Percebemos aqui a importância da mídia na construção desses ideários. A ligação com a Geografia da percepção é bastante rica.

A segunda consiste em fornecer aos alunos uma tabela com três colunas (A, B, C), cada uma delas com uma lista de países. A turma é dividida em três grupos. Em sequência, os alunos de cada grupo terão de localizar um país da sua lista no mapa-múndi. Vence a coluna que chegar primeiro ao último país. A atividade é importante porque, como todos os grupos querem ganhar, os alunos mostram-se muito interessados.

4.4 O uso das charges

É um estilo de ilustração que tem por finalidade satirizar, por meio de uma caricatura, algum acontecimento atual com uma ou mais personagens envolvidas. Mais do que um simples desenho, a charge é uma crítica político-social onde o artista expressa graficamente sua visão sobre determinadas situações cotidianas através do humor e da sátira. Para entender uma charge não precisa ser necessariamente uma pessoa culta, basta estar por dentro do que acontece a seu redor.

Considerações

Procuramos ao longo deste trabalho, enfatizar a produção de saber na prática educativa, a criatividade na observação do real, na interpretação crítica de textos. É aqui que temos que nos posicionar, para enfrentar a questão, deixando de lado nosso provincianismo que julga que a geografia nesse tema e que a solução para tal dicotomia virá dos escritos de algum geógrafo sozinho ou em equipe.

Nesta situação que possibilita experimentos e inovações, é evitar sistemas teóricos fechados, conteúdos que valorizem os conceitos – entendidos como definições – e assim deixam pouco espaço para a reflexão sobre o novo a partir do real e, nesse ato, a elaboração dos conceitos, que nada mais devem ser expressões que nos ajudam a compreender o real e, estão constantemente sujeitos a reformulações. Pois este é o escopo de um ensino libertário: não ensinar, mas ajudar a aprender, orientar no crescimento intelectual-cognitivo-político, formar pessoas criativas, críticas e capazes de fazer coisas novas.

Por fim, cabe ao professor como mediador do conhecimento trazer novas metodologias de ensino para a sala de aula, deixando de trabalhar somente com o livro didático e com assuntos que não tem conexão com a realidade dos alunos. Isso acaba por gerar desinteresse pelas aulas de Geografia, tida por muitos alunos como uma disciplina que é simplesmente “para passar” e que não se tira nenhum conhecimento para vida, é apenas memorizar e depositar na prova. Deste modo, a Geografia perde a sua importância como disciplina que serve para que o aluno saiba ler e pensar o mundo que está a sua volta e participar da sociedade em que vive. Sendo assim, cabe a nós professores vencer o pensamento de Geografia estática que foi por muito tempo repassado nas escolas, como forma de manutenção da sociedade hierarquizada. Para isso, é preciso instigar a curiosidade do aluno

para que ele possa trazer suas contribuições para a sala de aula, gerando um espaço onde haja trocas de conhecimento, diálogo e contato com realidades diferentes.

Referências

AEBLI, Hans. Prática de ensino. Petrópolis RJ, Vozes, 1971.

BRASIL. Secretária de Educação Fundamental Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia. Brasília: MEC/SEF, 2001.

Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano\ Antônio Castrogiovanni, organizador. - Porto Alegre: Mediação,2000. 176p.

FILIZOLA, Roberto. Teoria e prática do ensino de geografia: memórias da terra: volume único: livro do professor\ Roberto Filizola, Salette Kozel. – 1.ed. São Paulo: FTD, 2009.

Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio: volume 2/ organizadores, Nelson Rego, Antonio Carlos Castrogiovanni, Nestor Kaercher. – Porto Alegre: Penso, 2011.

KIMURA, Shoko. Geografia no ensino básico: questões e propostas/ Shoko Kimura.- 2ed., 1ªreimpressão.- São Paulo: Contexto, 2011.

PIMENTA, Selma Garrido, 1943. O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática \ Selma Garrido Pimenta. – 6 ed. – São Paulo: Cortez,2005.

Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado/ Elza YasukoPassini, Romão Passini, Sandra T. Malysz, (organizadores).-2. ed. São Paulo: Contexto,2011.

PONTUSCHKA, NídiaNacib. Para ensinar e aprender Geografia/ NídiaNacibPontuschka, TomokoIydaPaganelli, NúriaHanglei Cacete. - 3ªed. - São Paulo: Cortez, 2009.

VESENTINI, José William. Para uma Geografia Crítica na Escola. Editora do Autor. São Paulo, 2008.

_____. O método e a práxis (Notas polêmicas sobre a geografia tradicional e geografia crítica). Terra Livre. São Paulo: 1987.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. Filosofia das práxis. Clacso. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

MÚSICA, ESTUDO DE CAMPO E CHARGE: RECURSOS DIDÁTICOS IMPORTANTES NO ENSINO DA GEOGRAFIA

Maria da Consolação Fernandes da Silva
Graduada em geografia/UFMG
consola_sol@hotmail.com
Adriana de Sousa Fonseca
Graduada em Geografia /UFMG
paieterno23@hotmail.com

Resumo

O presente artigo tem como objetivo discutir e analisar a importância de recursos didáticos como: música, estudo de campo e charge no ensino-aprendizagem da Geografia. A produção musical vai ativar a criatividade do aluno e facilitar a aprendizagem em Geografia. E através desse recurso o aluno vai identificar interpretar e analisar conteúdos geográficos encontrados em diversas músicas, podendo também fazer a interação da Geografia com outras disciplinas. Dialogar de maneira discursiva sobre a importância do trabalho de campo procurando debater o Ensino da Geografia diante da atual realidade, que não é estática e vive em mutação, assim como suas contribuições para uma aprendizagem mais efetiva. Outra possibilidade é a utilização da charge, quando pensada para trabalhar no Ensino da Geografia com algo que seja criativo, mas ao mesmo tempo crítico, questionador, mas também com humor, para assim sair das rotineiras aulas e ganhar um resultado satisfatório na aprendizagem. Dessa forma, esses recursos didáticos podem ser utilizados como ferramentas para desmistificar e valorizar o ensino da Geografia.

Palavras- chaves: Música. Trabalho de campo. Charge.

Abstract

This article aims to discuss and analyze the importance of teaching resources such as music, field study and in charge of teaching and learning Geography. The musical production will enable the creativity of students and facilitate learning in Geography. And through this feature will identify the student interpret and analyze geographic content found on several songs and can also make the interaction of geography with other disciplines. Discursive way of dialogue on the importance of fieldwork seeking discuss the Teaching of Geography in the face of current reality, which is not static and changing lives as well as their contributions to a more effective learning. Another possibility is the use of charge when designed to work in Teaching Geography with something that is creative, yet critical, questioning time, but also with humor, so to get out of the routine classes and earn a satisfactory result in learning. Thus, these educational resources can be used as tools to demystify and enhance the teaching of geography.

Keyword: Music. Fieldwork. Charge.

1- Introdução

O professor como mestre de saberes precisa se adequar às mudanças que estão ocorrendo no mundo e principalmente na educação, pois permanecer no mesmo processo didático sem inovação, deixa as aulas cada vez mais exaustiva e sem motivação para os alunos. Segundo Vieira, (apud RODRIGUES, 2004 p. 02). “A educação permanece essencialmente inalterada: continuamos a confundir um amontoado de fatos com o conhecimento; muitos professores insistindo em permanecer em posição frontal diante de suas classes, transmitindo seus poucos conhecimentos”.

Por isso, o desafio de ensinar e ensinar com qualidade é uma tarefa árdua para qualquer professor e principalmente na área de Geografia, por ser uma disciplina discriminada dentre as outras, conhecida popularmente como de “decoreba” e “fácil”, dentre outros atributos recebidos que fazem com que dificulte o processo de ensino-aprendizagem da mesma. O professor dessa ciência encontra vários obstáculos para conseguir realizar seu trabalho, como: alunos desmotivados, que dizem que “a aula de Geografia é chata” ou que “não precisa assistir às aulas para passar de ano” e etc.

O professor precisa acabar com esse tabu, desmistificar essa concepção sobre a Geografia. A ideia de utilizar recursos pedagógicos pode ajudar a acabar com esse mito e fazer da Geografia uma disciplina interessante, criativa e motivadora. A Música, Estudo de Campo e Charge, são recursos motivadores, pois são elementos do cotidiano e do interesse dos alunos. Sendo assim, propiciaria benefícios para um maior envolvimento dos alunos com a Geografia, no desenvolvimento da criatividade e professores com motivação, satisfação profissional e pessoal. Veremos agora formas de utilizar esses recursos a favor do ensino da Geografia.

2- A música e seus atributos nas aulas de geografia.

A música pode ajudar na construção do conhecimento geográfico quando está relacionada direta ou indiretamente no desenvolvimento da criatividade do aluno, pois a partir dos conteúdos propostos em sala de aula, utilizar a música como recurso de ensino daria um melhor entendimento do assunto através do lúdico em sala de aula.

Uma maneira de trabalhar a música é por meio da utilização da paródia. Esse tipo de música é uma composição feita a partir da mesma melodia, mas com outra letra.

O professor licenciado de Geografia, Leandro Rodrigues de Paula usou como tema da sua monografia a produção musical como recurso didático em aulas de Geografia. A sua pesquisa de campo foi realizada em uma escola pública em Anápolis- GO, no período de 13 de setembro a 09 de outubro de 2004 na turma de 2º ano do Ensino Médio. O mesmo utilizou uma paródia da música Sociedade que é uma crítica à desigualdade social que ocorre no Brasil e a diferença de vida entre “ricos” e “pobres”.

Refrão	Cinco e meia da manhã ele acorda, já vai <u>trabalhar</u> , mal sabe a hora em que vai parar. Vida de <u>pobre</u> não é fácil não, Vai limpo, volta sujo, põe a mão no chão.
	Esse <u>mundo</u> é uma merda! Só rola <u>inflação</u> ! Tinha que rolar porrada! É só <u>corrupção</u> !
	Vida de <u>rico</u> é muito fácil, Acorda dez e meia trabalha até as três. Três mil e oitocentos reais no <u>fim do mês</u> . <i>Refrão...</i>
	A <u>discriminação social</u> é uma porra! Vida de rico é só sorrir e ser feliz, Vida do pobre é só <u>sofrer</u> , <u>chorar</u> e quem sabe até <u>matar</u> . Matar não por <u>maldade</u> e sim por <u>necessidade</u> . <i>Refrão..</i>

Quadro1: Paródia da música Sociedade dos autores Leandro J., Pedro, Julio, Thiago Ferreira, Victor, Mac Giver. Fonte: A produção musical como recurso didático em aulas de geografia.

Na música percebe-se claramente uma crítica às classes sociais, suas diferenças e oposições entre ricos e pobres. De acordo com Rodrigues (2004, pág. 02) analisou a paródia da seguinte forma:

Primeiramente eles mostram como é o cotidiano do "pobre", em relação ao trabalho, dizendo que ele acorda às cinco e meia da manhã, mal sabe a hora em que vai parar e se suja no trabalho braçal. O rico, segundo eles, acorda às dez e meia da manhã, acaba seu expediente às três da tarde e ganha três mil e oitocentos reais no fim do mês. Na terceira estrofe eles demonstram sua indignação em relação as diferenças, utilizando expressões fortes.

Segundo eles, os "pobres" precisam "matar não por maldade e sim por necessidade". Essa afirmação parece extremista, mas revela como estes jovens interpretam o que vêem e ouvem no dia-a-dia: uma sociedade cruel, corrupta, onde se justifica o ato de matar, em cada cena e notícia passadas nos veículos de comunicação.

A música como nova metodologia de ensino da geografia humana.

A música como metodologia didática para melhorar a interação entre aluno e professor. Pois ela como arte popular, sendo utilizada com assuntos relacionados com a Geografia ajudaria na melhor comunicação em sala de aula, tanto no maior envolvimento dos alunos em aprender quanto nos professores em ensinar. Segundo Ferreira (2008, p. 01) “A música, arte de combinar os sons, é uma excelente fonte de trabalho escolar porque, além de ser utilizada como terapia psíquica para o desenvolvimento cognitivo, é uma forma de transmitir ideias e informações, faz parte da comunicação social”.

Portanto a importância da música no ensino de Geografia pode ser tratada quando se fala de assuntos geográficos, da realidade social, questões culturais, socioeconômico, religioso, e até mesmo como incentivo pessoal.

A interação da geografia com outras disciplinas através da música.

Usaremos aqui a música como forma de unir a geografia com outras disciplinas (multidisciplinaridade) “Na Multidisciplinaridade, recorremos a informações de várias matérias para estudar um determinado elemento, sem a preocupação de interligar as disciplinas entre si”. (SILVA pág. 03 ano 2004). De fato, cada disciplina colabora com seus subsídios, relacionado a seu objeto de estudo, sem haver nenhuma conexão entre elas. Assim, quanto aplicamos a música nas ministrações das aulas gera um maior aproveitamento tanto da Geografia como das outras disciplinas. Assim o professor poderá utilizar do recurso da música com os professores de outras disciplinas e realizar uma interação e uma construção de saberes.

Temos como exemplo a música *Wind of Change*. Ela fala sobre a Guerra Fria, portanto poderíamos realizar um trabalho com o professor de Geografia e o de Inglês, cada um realizaria sua função na aula. O professor de Inglês trabalharia com a tradução e o de Geografia sobre o que foi a Guerra Fria com suas causas e consequências. Então aconteceria a multidisciplinaridade entre a Geografia e a Língua Inglesa.

Wind Of Change – Scorpions –Autor Klaus Meine

I follow the Moskva

Down to Gorky Park

Listening to the wind of change

An August summer night

Soldiers passing by

Listening to the wind of change

The world is closing in

Did you ever think?

That we could be so close, like brothers

The future's in the air

I can feel it everywhere

Blowing with the wind of change

Take me to the magic of the moment

On a glory night

Where the children of tomorrow dream away (Dream away)

In the wind of change

Walking down the street

Distant memories
Are buried in the past forever

I follow the Moskva
Down to Gorky Park
Listening to the wind of change

Take (take) me to the magic of the moment
On a glory (glory) night
Where the children of tomorrow share their dreams (Share their dreams)
With you and me (You and me)

Take (take) me to the magic of the moment
On a glory (glory) night
Where the children of tomorrow dream away (Dream away)
In the wind of change (Wind of change)

The wind of change blows straight
Into the face of time
Like a storm wind that will ring
The freedom bell for peace of mind
Let your balalaika sing
What my guitar wants to say

Take (take) me to the magic of the moment
On a glory (glory) night
Where the children of tomorrow share their dreams (Share their dreams)
With you and me (You and me)

Take (take) me to the magic of the moment
On a glory (glory) night
Where the children of tomorrow dream away (Dream away)
In the wind of change (Wind of change)

Quadro 2: Letra da música Wind Of Change. Fonte: <http://letras.mus.br/>

TRADUÇÃO

Vento da Mudança

Eu sigo o Moskva
Até o Parque Gorky
Escuto o vento da mudança

Uma noite de agosto
Soldados caminhando
Escutando o vento da mudança

O mundo está próximo
Você já imaginou
Que poderíamos ser tão próximos, como irmãos?
O futuro está no ar

Posso senti-lo em todo lugar
Soprando com o vento da mudança

Leve-me à magia do momento
Numa noite de glória
Onde as crianças de amanhã sonharão
Com o vento da mudança

Caminhando pela rua
Recordações distantes
Enterradas no passado, para sempre

Eu sigo o Moskva
Até o Parque Gorky
Escuto o vento da mudança

Leve-me à magia do momento
Numa noite de glória
Onde as crianças de amanhã dividirão seus sonhos
Com você e eu

Leve-me à magia do momento
Numa noite de glória
Onde as crianças compartilham os seus sonhos
Com a mudança

O vento de mudanças sopra diretamente
na face do tempo
Como uma tempestade que tocará
A sino da liberdade para a paz da mente
Deixe sua Balalaika cantar
O que meu violão quer dizer

Leve-me à magia do momento
Numa noite de glória
Onde as crianças compartilham os seus sonhos
Com a mudança

Leve-me à magia do momento
Numa noite de glória
Onde as crianças de amanhã sonharão
Com o vento da mudança

Quadro3: Tradução da música Wind Of Change . Fonte: <http://letras.mus.br/>

A música “*Winds of Change*”, fala sobre a Guerra Fria que no seu fim teve a queda do Muro de Berlin e a reforma da União Soviética. É gravada pela Banda alemã Scorpions. O autor da música Klaus Meine, teve como inspiração o que estava acontecendo na Europa. O Grito por mudança “ventos da mudança”. De acordo com Morais (2008, P. 01):

A letra celebra as mudanças políticas ocorridas no Leste Europeu naquela época - como as discussões políticas que levaram a queda do Muro de Berlim, e o retorno da democracia nos países que faziam parte do bloco socialista sob a liderança da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, e o iminente abrandamento e colapso final da Guerra Fria.

O Rio Moskva faz divisa da capital Russa Moscou até o Parque Gorky. Klaus visitou a cidade e inspirou-se para criar a música, observou toda estrutura como “paisagens naturais ou urbanísticas”, e o que na verdade a sociedade sentia na época da guerra.

3- A importância do trabalho de campo no ensino da geografia

Os geógrafos procuram utilizar o trabalho de campo com objetivo de estudar as paisagens, tratando-se de um trabalho empírico, onde o pesquisador utiliza a observação e a experimentação para a coleta de dados e informações, procurando atingir um conhecimento verdadeiro através do contato direto com a realidade. (CALVALCANTI, 2006).

A observação de campo é de fundamental importância, pois desenvolve nos alunos a capacidade compreender e interpretar a realidade observada. Segundo Lima e Assis (2005, p. 112). “Assim, o Trabalho de Campo se configura como um recurso para o aluno compreender o lugar e o mundo, articulando a teoria à prática, através da observação e da análise do espaço vivido e concebido”.

De acordo com Silva (1982), a palavra “campo” confunde-se com o lugar que se percebe e do qual se possa ter vivência cotidiana sendo parte de uma área ou região. Denominam-se então “campo” a região onde o pesquisador vai observar ou descrever, os fenômenos geográficos.

Através da pesquisa de campo o geógrafo entra em contato com a realidade, procurando compreender a sua complexidade, ou seja, o produto da interação entre os elementos do quadro natural modificando e transformado pela dinâmica social, exigindo do pesquisador toda uma fundamentação teórica – conceitual para aprender a totalidade observada (CAVALCANTI, 2006).

Segundo GIL (1995), a observação é o uso dos sentidos para adquirir conhecimentos necessários para o cotidiano, podendo também ser utilizado para fins científicos desde que tenha um objeto de pesquisa formulado.

O trabalho de campo faz com que os alunos desenvolvam a capacidade de observação, ou seja, de investigar o mundo real, a fim de interpretá-lo e compreendê-lo.

O processo de observação está dentro de um contexto maior que é a denominada teoria do conhecimento, sendo a mesma considerada uma das formas de se adquirir conhecimento através da utilização dos sentidos, juntamente com as outras duas que são a razão e a intuição.

Conforme Cavalcanti (2006, P.04). “É através dos sentidos que nos relacionamos com o mundo exterior, sendo a visão um dos principais, dentro os cinco que possuímos”.

É necessário que o aluno antes de realizar o estudo de campo tenha aprendido em sala de aula o conteúdo, para que facilite a compreensão diante da realidade. De certa forma é importante à descrição para que fique registrada a observação.

Segundo Lacoste (2006, p.86) “para a maioria dos estudantes, a experiência da pesquisa se limita a isto; a este exercício suplementar de reprodução de conhecimentos já elaborados sem que tenham tomado consciência das possibilidades que teriam de produzir, por si mesmos elementos de um saber novo”.

Nesta perspectiva, a aula de campo serve para complementar os conteúdos tratados em sala de aula, e compreender as diferenciações entre as paisagens dos livros didáticos e as paisagens vivenciadas em loco.

O trabalho de campo exerce grande influência sobre a Geografia pois os professores por meio da utilização deste recurso didático podem ministrar excelentes aulas. Os professores podem levar os alunos para, por exemplo, observarem mais detalhadamente a cidade onde moram, observando assim a diferença entre centro e periferia, as diferenças encontradas nas condições de vida de pessoas do mesmo município, além de entenderem o crescimento da cidade, o porquê de ruas estreitas e largas, a diferença nas construções civis mais antigas para as mais recentes, etc.

Um pequeno passeio em torno da própria escola pode nos levar a conhecimentos e experiências que talvez nunca tivéssemos adquirido apenas com o estudo do livro didático. A saída a campo, a conversa com moradores, a simples observação do espaço ao redor, é de fundamental importância para a Ciência Geográfica, pois faz com que essa prática desenvolva nos alunos a capacidade de compreender e interpretar o mundo real contribuindo assim para sua formação como cidadãos.

4- Charge no ensino de geografia.

A utilização de charge no ensino da Geografia propicia uma relação de ensino-aprendizagem mediada pela análise questionadora e ainda, pelo interesse demonstrado por parte dos discentes.

A adequada utilização desses materiais, aliada a uma proposta de estudo consistente e bem fundamentada, proporciona uma aprendizagem com maior êxito, reforçada pelo potencial educativo desses recursos.

Observa-se que a maioria dos alunos gosta desse tipo de recurso didático, quando usado de forma complementar aos conteúdos estudados. Motiva a discussão e reflexão, tornando a aula mais receptiva e agradável e, principalmente, estimula uma leitura mais apurada da realidade vivida.

Essa atividade constitui uma maneira de expressar os conteúdos da Geografia, através de algo tão popular como a charge, pois além de ter uma linguagem visual cuja importância ocorre através de uma fácil compreensão do tema abordado, é uma forma de enfatizar o sentido lógico sobre a representação que as charges procuram focar, havendo questionamentos do que representaria para os indivíduos.

No modo geral, as escolas procuram trabalhar com diversas formas buscando subsídios e condições para o uso eficaz da linguagem que pode estar relacionada às ações efetivas do cotidiano, ou seja, na transmissão de informações.

A escola deve mostrar aos educandos que é necessário fazer uma reflexão sobre os problemas da sociedade, atribuindo valores, de diferentes maneiras para a compreensão do conhecimento e esta intervenção pode ser aprendida tanto dentro como fora da escola e pelo meio que o homem atua e se comunica. Desta forma, a interação com o leitor torna a comunicação mais direta, eficiente e dinâmica para a compreensão da mensagem de forma fácil.

Cagnin faz a seguinte afirmativa: “A imagem desenhada é um signo analógico e contínuo. É analógico porque tem íntima relação de semelhança com o objeto representado, dando impressão de uma quase realidade, a sua forma física tem relação direta com o objeto; é motivadora”.

Creemos que suas perspectivas sobre os quadrinhos buscam uma leitura de significados e signos através dos desenhos e suas relações no modo de ver e entender as coisas reais, que envolvem e auxiliam a compreensão do leitor através das imagens representadas.

O objetivo da charge é nos conscientizar dos problemas sociais existentes e que através da sua percepção lógica poderão agir criticamente sobre elas. Segundo Cavalcanti (2002): “Reconhecer, que na relação ensino-aprendizagem é preciso fazer uso de diferentes linguagens e maneiras de se expressar para procurar se aproximar mais da realidade dos educandos”.

Esta relação se constitui nas diversas maneiras onde o processo de ensino-aprendizagem deve ser voltado para a realidade em que os alunos estão inseridos. As charges utilizadas na escola permitem aos estudantes, na opinião de Silva (2004, p.24): “Ampliem a capacidade de observação e de expressão, ao estimular a fantasia, ao despertar o prazer estético, o senso de humor e a crítica, tornando o ato de ler uma atividade prazerosa e contribuindo para estabelecer o hábito saudável da leitura”.

Através dessa atividade adquire-se uma efetiva prática de leitura, buscando sempre novas informações que os tornem alunos com senso crítico para as questões do seu cotidiano e que possam contribuir de forma efetiva para que novas atitudes sejam tomadas.

5- Considerações finais

Segundo visto neste trabalho, a música, a aula de campo e a charge são muito importantes como recursos didáticos, sendo considerados como instrumentos fundamentais para a construção do conhecimento geográfico, pois desenvolve nos alunos a capacidade de compreender e interpretar o mundo real, sendo essencial para o ensino de Geografia. Essas metodologias possibilita que os alunos tenham maior aprendizado, tirando o foco central e único do professor e do livro didático.

Assim sendo, o ensino de Geografia deve propor na sala de aula diversas formas de como produzir, captar os textos e de envolver os alunos tornando a comunicação mais direta e dinâmica para que a mensagem seja compreendida sem dificuldades.

Referências

CAGNIN, Antônio Luiz. **Introdução à análise das histórias em quadrinhos**. São Paulo, 1973. [Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo].

CALVACANTI, A. P. B. **Métodos e Técnicas da Análise Ambiental** (Guia para estudos do meio ambiente). Teresina : UFPI/CCHL/DGH, 2006.

Disponível em <http://biosferams.org/2012/08/disciplinaridades/> Acesso em 05/09/2012

FERREIRA, Reginaldo Elias. **A música em Sala de Aula**. Disponível em <http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/2803/a-musica-na-sala-de-aula> acesso em 07/08/2010

GIL, A. C. **Método e Técnica de Pesquisa Social**. São Paulo : Ed. Atlas S.A., 1995.

LACOSTE, Yves. **A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos**. Seleção de Textos, 11. São Paulo: AGB, 1985.

LIMA, Vanuzia Brito; ASSIS, Lenilton Francisco de. Mapeando alguns roteiros de trabalho de campo em Sobral (CE): uma contribuição ao ensino de Geografia. **Revistada Casa de Geografia de Sobral**. Sobral: v. 6/7, n. 1, 2004/2005.

MORAIS, Edenilson. **Wind of Change Tempos de Mudança no Leste Europeu**. Disponível em <http://mestresdahistoria.blogspot.com/2009/09/wind-of-change-tempos-de-mudanca-no.html>. Acesso em 07/08/2010

PAULA, Leandro Rodrigues de. **A produção musical como recurso didático em aulas de geografia**. Anápolis. Monografia apresentada para a conclusão do Curso de Licenciatura em Geografia em 2004.

SILVA, A. C. **Natureza do trabalho em Geografia Humana e suas limitações**. Revista do departamento de geografia, São Paulo : Universidade de São Paulo, nº 1, p. 99-104, 1982.

SILVA, Eunice Isaias da; CAVALCANTI, Lana de Souza. **A mediação do ensino – aprendizagem de geografia, por charges, cartuns e tiras de quadrinhos**. Boletim Goiano Geografia, nº 2, Goiânia – GO: AGB, 2008. p. 141 – 156.

SILVA, Ítalo Batista da. **Uma Pedagogia Multidisciplinar, Interdisciplinar ou Transdisciplinar para o Ensino/Aprendizagem da Física**. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária Belo Horizonte – 12 a 15 de setembro de 2004.

Referência musical

<http://letras.mus.br/>

MEINE, Klaus. **Wind Of Change**. Scorpions. Alemanha: CrazyWorld.1990.

UMA REFLEXÃO ACERCA DA IMPORTÂNCIA DA UTILIZAÇÃO DA MÚSICA: XOTE ECOLÓGICO ENQUANTO RECURSO METODOLÓGICO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA

M^a Aparecida Dos Santos Silva
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG/CFP
aparecida.silva.geo@gmail.com
Klédson Pinheiro de Sousa
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG/CFP
kledsonpinheiro@hotmail.com
Eliene Damião de souse
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG/CFP
eliene_ufcg@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma breve reflexão acerca da importância da utilização da música: Xote Ecológico enquanto recurso didático no ensino de Geografia, enfatizando os impactos ambientais presentes na referida canção. É importante ressaltar que, a utilização deste recurso metodológico permite ao professor tornar suas aulas mais atraentes, dinâmicas e produtivas, bem como permite ao educando uma melhor compreensão do conteúdo geográfico trabalhado em sala de aula, possibilitando ao alunado a construção e a reconstrução do conhecimento adquirido através dos conteúdos trabalhados no âmbito escolar. Outro aspecto a ser levado em consideração é que o uso da música concede ao discente a construção de conceitos básicos geográficos, além de possibilitar o aprofundamento acerca das categorias geográficas, tais como: Espaço, Território, Região, Lugar e paisagem. Vale salientar que, para que este indivíduo venha compreender o conteúdo abordado é preciso que o educador tenha competências, técnicas e habilidades para trabalhar com este tipo de recurso metodológico, pois o uso inadequado deste recurso poderá tornar a aula cansativa e enfadonha. Neste sentido, a pesquisa foi resultado de levantamentos bibliográficos acerca de metodologias de ensino nas aulas de Geografia, enfatizando como questão central, a exploração deste recurso no contexto geográfico escolar.

Palavras Chave: Ensino de geografia. Metodologia. Música.

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade sabemos que o ensino de Geografia ainda se encontra defasado, pois muitos educadores ainda permanecem por detrás dos muros da escola, ou seja, ainda se encontram arraigados ao método tradicional. Mesmo com as mudanças advindas com o processo da globalização, muitos docentes preferem permanecer no tradicionalismo, não buscando inovar suas práticas, nem suas metodologias em sala de aula.

Pensando melhorar ainda mais o ensino de Geografia, o presente trabalho objetiva propor aulas mais dinâmicas e produtivas, sugerindo assim, o uso de diferentes recursos didáticos em sala de aula, pois, a utilização de distintos auxílios metodológicos permite ao docente desenvolver uma aula produtiva e construtiva. Um dos recursos que auxilia o professor em suas aulas, tornando-as mais atraentes e significativas é a música. A música no processo de

ensino aprendizagem possibilita ao discente aperfeiçoar e aprofundar seus conhecimentos acerca dos conteúdos geográficos.

A música é um recurso metodológico de fácil acesso, como também é aceito por todo o público alvo e em todas as idades. Trabalhar o uso de melodias nas aulas de Geografia permite ao discente navegar na letra e buscar contextualizar juntamente com o professor, os conteúdos estudados no âmbito escolar, fazendo despertar o desejo de ir além da contextualização e problematização dos assuntos abordados. A utilização desse recurso possibilita ao educando a construção e reconstrução dos conteúdos, além de consentir ao aluno o desejo de conhecer de perto as relações sócio espaciais e culturais existentes na sociedade, como questões econômicas e políticas, entre outras.

Neste sentido, abordar a música “Xote ecológico”, composta por Agnaldo Batista e Luís Gonzaga, no ano de 1989, no ensino fundamental, possibilita trabalhar uma temática que traga efeitos positivos no que diz respeito a problemas que atingem o planeta nos dias atuais, como problemáticas relacionadas às questões ambientais, a exemplo do aquecimento global, efeito estufa, bem como a poluição oriunda da produção capitalista gerada pelas indústrias. A metodologia para abordagem dessa temática em sala de aula pode se resultar de um planejamento pedagógico-metodológico, buscando desenvolver uma aula expositiva dialogada para que assim, ocorra uma maior interação entre professor e aluno.

A metodologia adotada para o trabalho em questão partiu de um levantamento bibliográfico sobre a utilização desse recurso em sala de aula, tendo como propósito promover um ensino significativo e uma aprendizagem efetiva partindo de uma reflexão sobre as práticas pedagógicas e aulas mais dinâmicas, que busquem promover uma educação com qualidade na vida dos educandos.

Portanto, o uso da música “Xote ecológico” nas aulas de ensino fundamental tem suma importância, uma vez que permite aos docentes a oportunidade de buscar novos caminhos a serem traçados pelo ensino de geografia, despertando o desejo de aprofundar cada vez mais o conhecimento, ampliando assim, a capacidade de raciocínio e percepção acerca dos conteúdos por parte dos alunos, desenvolvendo em cada um o senso crítico, reflexivo e ideológico, possibilitando aos mesmos suas atuações como verdadeiros agentes críticos e reflexivos, capazes de modificar o espaço no qual encontram-se inseridos.

A MÚSICA NAS AULAS DE GEOGRAFIA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA

Nos dias atuais torna-se evidente as mudanças advindas com o processo da globalização, caracterizado pelo aumento do fluxo de informações e comunicações em praticamente todos os setores da sociedade. Na escola não poderia ser diferente, já que frente às mudanças ocorridas o professor precisa se adaptar a essas transformações e para que isso venha a acontecer se faz necessária uma formação continuada, para que esses docentes possam utilizar os recursos tecnológicos presentes nas escolas, buscando desenvolver metodologias inovadoras, tornando as aulas mais produtivas e prazerosas.

Nesta perspectiva, visando uma nova proposta metodológica que venha contribuir de forma construtiva nas aulas de Geografia, busca-se desenvolver um trabalho que trate da música como um instrumento eficaz para o processo de ensino-aprendizagem nessa disciplina.

Para Passini (2007):

A música pode ser um complemento auxiliar das atividades desenvolvidas para interação com os alunos nos trabalhos de ensinar e aprender Geografia. O professor não precisa conhecer nem compartilhar as preferências dos gêneros musicais de seus alunos, mas pode propor que eles façam um levantamento das músicas que tratem do tema em estudo (PASSINI 2007, p.107).

Neste sentido, a música permite além da contextualização, a construção e reconstrução de conceitos básicos geográficos, despertando no aluno, por meio das habilidades do professor, o desejo de ir além do conteúdo abordado em sala. Sendo assim, o docente exerce um papel fundamental na busca pela construção do conhecimento geográfico, podendo ter como suporte a metodologia mencionada anteriormente, onde vise não somente a utilização da música como divertimento, mas como um instrumento de ensino-aprendizagem no âmbito escolar.

Contudo, é preciso que o professor, juntamente com os alunos, realize uma seleção criteriosa das músicas, relacionando as letras das canções aos conteúdos que serão trabalhados no ambiente escolar, buscando não fugir do assunto que será discutido em sala de aula, permitindo assim, o desenvolvimento de uma aprendizagem mais efetiva, através da participação dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, a partir do diálogo e da interação entre professor e aluno.

Pensando nessa questão Barbosa (2000) ressalta que as músicas:

São selecionadas em função dos temas das aulas ao longo do planejamento para o ano letivo. Devem ser previamente analisadas com muito cuidado sob todas as nuances e, portanto, se faz necessário ouvi-las repetidas vezes,

repeti-las incansavelmente, dissecá-las nos mínimos detalhes e não perder de vista o conjunto da obra (BARBOSA, 2000, p. 37).

As composições musicais tornam-se importantes no ensino porque muitas das vezes retratam situações vividas na sociedade, ao mesmo tempo expressam características relacionadas ao regionalismo, meio ambiente, urbanização, população, economia, política, etc. permitindo um leque de possibilidades para a construção do saber geográfico. Pensando nisso Passini (2007) afirma que:

Diferentes interpretações podem ser discutidas sobre a música, seu ritmo, sua harmonia, principalmente quando contextualizadas no momento histórico de sua elaboração. Toda arte é também expressão política e a música tem igualmente o seu lado histórico a ser explorado e sentido. (PASSINI 2007, p.107.)

Desse modo, a música além de poder apresentar características e elementos geográficos, também pode refletir sobre um dado momento histórico, apresentando a realidade vivenciada pela sociedade em tempos de outrora. A música também representa uma linguagem de expressão artística, cultural e simbólica, na medida em que possibilita ao ouvinte a percepção de diferentes culturas e costumes existentes em distintas regiões do planeta, possibilitando conhecer aspectos diferenciados de cada lugar da superfície terrestre. Sobre esta perspectiva Correa (2012) esclarece que:

Muitas letras de canções possuem uma explícita referência espacial, constituindo-se em verdadeiras celebrações de lugares ou , ao contrário , em contestações referenciadas às condições de vida em determinados lugares . Do ponto de vista da melodia , há nítida correlação entre música e região (CORREA, 2009, p. 13).

Portanto, o uso da música nas aulas de Geografia permite ao aluno desenvolver um conhecimento efetivo a partir da construção e reconstrução de conceitos, já que o uso deste recurso possibilita ao aluno conhecer a realidade que vivencia, partindo do local para o global, evidenciando mais ainda a presença da Geografia em seu cotidiano, assim como também contribui para o desenvolvimento de um olhar crítico e reflexivo dos estudantes, sobre o espaço em que estão inseridos.

A MÚSICA “XOTE ECOLÓGICO” NAS AULAS DE GEOGRAFIA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA

O ensino de Geografia, na maioria das vezes é realizado utilizando-se apenas de aulas expositivas, tendo em muitos casos, o livro didático como o recurso mais utilizado em sala

de aula, tornando a aula cansativa e enfadonha, não despertando, pois, o interesse dos alunos pelas aulas dessa disciplina. Pensando nessa conjuntura, propomos a utilização de músicas no ensino de Geografia, tendo como exemplo a música “Xote Ecológico”, composta em 1989, por Aguinaldo Batista e Luiz Gonzaga. Assim, buscou-se pensar em como utilizar esta composição no espaço escolar, correlacionando a canção com os conteúdos geográficos nela contidos.

Visando uma metodologia que tragam resultados positivos, a música “Xote Ecológico” permite discutir temas relacionados ao meio ambiente, destacando a questão da poluição atmosférica, da água e do solo, bem como as causas e consequências das mesmas para o meio natural. No tocante às causas, pode-se discutir em sala as interferências realizadas pelo homem na natureza, mostrando que o ser humano tem o poder de modificar o espaço geográfico, com o intuito de atender as suas necessidades.

Partindo de uma metodologia por meio de uma aula expositiva dialogada, o docente pode utilizar a composição em sala, abordando tais problemáticas: a questão do lixo, destacando os aspectos referentes às origens, classificações, disposição final e problemas ambientais resultantes da geração e acúmulo de resíduos; a coleta seletiva e suas vantagens; a reciclagem e sua contribuição para a redução do lixo e a preservação do meio ambiente; etc. Vale salientar que a melodia ainda permite abordar as transformações impostas ao espaço geográfico, pelo modo de produção capitalista, influenciando o hábito do consumismo e da produção industrial em massa, tendo como consequência a intensificação dos impactos ambientais, provenientes das atividades industriais. Assim, torna-se evidente a atuação do homem como agente modificador do espaço, provocando impactos positivos e negativos no planeta.

Como forma avaliativa podemos propor que os discentes façam um levantamento de como é feita a disposição final do lixo nos seus bairros, sugerindo também que eles reflitam como as produções em pequenas indústrias nas adjacências podem contribuir para o aparecimento de impactos positivos ou negativos nas circunvizinhanças. Além disso, os estudantes ainda podem discorrer sobre as contribuições de cada cidadão para a melhoria da qualidade ambiental de suas localidades.

IMPACTOS AMBIENTAIS PRESENTES NA MÚSICA “XOTE ECOLÓGICO”

A música “Xote Ecológico” destaca a questão ambiental no âmbito da degradação provocada pelo homem ao meio natural, bem como os impactos resultantes da poluição

atmosférica, hídrica e do solo. A referida canção foi composta em 1989, por Aguinaldo Batista e Luiz Gonzaga. A escolha da música em questão deve-se ao fato da mesma retratar os diversos problemas ambientais existentes, os quais pode-se destacar: a poluição do ar, da água e do solo e suas consequências ao meio ambiente.

O trecho a seguir tem o objetivo de demonstrar uma das formas de degradação provocadas pelo ser humano ao meio natural: a poluição do ar.

“Não posso respirar”

Para um melhor entendimento deste tipo de problema ambiental, torna-se necessário definir de forma clara o conceito de poluição atmosférica, assim como também destacar os principais agentes causadores da mesma. De acordo com Thielke (1977, p.171): “A poluição atmosférica pode ser definida como a presença na atmosfera de substâncias causadoras de dano material ou prejudiciais à saúde, ou ainda que interfiram no gozo normal da vida e da propriedade”.

A poluição do ar é provocada pela emissão de gases tóxicos na atmosfera, como por exemplo: o monóxido de carbono (CO), o óxido de nitrogênio (NO), o dióxido de carbono (CO₂), o dióxido de enxofre (SO₂), hidrocarbonetos, entre outros. Estes gases por sua vez, são eliminados pelas indústrias e automóveis, através da queima de combustíveis fósseis, como o petróleo e o carvão. São provenientes também da incineração de lixo doméstico, industrial e hospitalar, assim como também resultam das queimadas realizadas em florestas, pastagens e lavouras.

Segundo Sewell (1978), a poluição atmosférica representa grande risco à saúde e ao bem estar humano, pois a concentração de poluentes no ar pode provocar no homem distúrbios respiratórios, alergias, algumas lesões degenerativas no sistema nervoso e em órgãos vitais, e a ocorrência de doenças como bronquite, asma, rinite, pneumonia, ataque do coração, câncer, entre outras.

No entanto, é importante destacar que este tipo de poluição não é considerado apenas prejudicial ao ser humano, mas também ao meio ambiente, podendo provocar modificações climáticas no mesmo, como por exemplo: intensificação de fenômenos naturais como o efeito estufa, ocorrência de chuvas ácidas e a diminuição da camada de ozônio.

No que se refere ao efeito estufa, este é um fenômeno natural, porém, a grande quantidade de gases lançados na atmosfera pelas indústrias, queimadas e também pelos automóveis, podem intensificar este fenômeno, pois parte do calor que deveria ser transportado para o espaço se acumula na atmosfera, provocando um aumento excessivo da temperatura do planeta, que por sua vez, irá favorecer o derretimento de geleiras, resultando assim, na

elevação do nível do mar. De acordo com Vernier (1994), os principais gases responsáveis pelo efeito estufa são: o vapor de água, o gás carbônico, o metano, os CFCs e o protóxido de azoto.

Com relação às chuvas ácidas, elas são decorrentes da concentração na atmosfera, de dióxido de enxofre (SO₂) e óxidos de nitrogênio (NO, NO₂ e N₂O), liberados na combustão de petróleo e carvão mineral. Esses óxidos reagem com a água, resultando em ácido sulfúrico (H₂SO₄) e ácido nítrico (HNO₃), que se precipitam com a chuva ou a neve. Este tipo de chuva ocorre com mais frequência em grandes concentrações urbanas e afeta o entorno da fonte de emissão (geralmente indústrias que não empregam filtros), quando lançam na atmosfera resíduos da atividade industrial. As chuvas ácidas podem provocar a destruição de várias florestas, o aumento da acidez de rios, lagos e solos e a perda de nutrientes dos solos, como por exemplo: o potássio, o cálcio e o magnésio, causando assim, graves danos à vegetação e aos animais.

No que diz respeito à camada de ozônio, esta fica localizada na estratosfera e nos protege contra a alta intensidade dos raios solares ultravioleta. No entanto, o que se tem percebido atualmente é que alguns gases lançados para a atmosfera vêm provocando a diminuição desta camada, favorecendo assim, a ocorrência de câncer de pele e danos à visão do homem e também prejudicando alguns animais e vegetais, através da diminuição da fotossíntese. Vernier (1994) esclarece que os grandes responsáveis pela diminuição da camada de ozônio são os CFCs (clorofluorocarbonetos), muito utilizados pelo homem em gases de refrigeração, em aerossóis, nas espumas plásticas, em embalagens para comida, entre outras formas.

O trecho seguinte da música demonstra outra forma de deterioração ambiental pela ação do homem: a poluição da água.

“não posso mais nadar”

De acordo com Guimarães (1977) dentre as principais fontes de poluição das águas podem-se citar: a contaminação por esgotos domésticos e industriais, a poluição pelo lixo sólido e por fim, a poluição resultante da utilização de práticas agrícolas.

Com relação aos esgotos domésticos citados anteriormente, estes são ricos em nutrientes, tais como: o fósforo, o nitrogênio, o carbono, etc. que podem causar a fertilização das águas, levando a um processo denominado de eutrofização. Este processo ao atingir certo grau, torna propício o desenvolvimento excessivo de algas, sendo que estas ao morrerem se decompõem acelerando a desoxigenação das águas, podendo até levar em certos casos à

morte de várias espécies de peixes. Ainda se tratando dos esgotos domésticos, é importante ressaltar que os mesmos são nocivos à saúde humana, já que são compostos por fezes e urinas.

No que diz respeito aos esgotos industriais, estes podem ser lançados nas águas através de ações diretas ou via esgotos urbanos, concentrando grandes números de poluentes tóxicos (chumbo, mercúrio, cianeto, etc.), dos quais alguns apresentam-se nocivos à saúde humana, no caso de ingestão direta da água poluída ou indireta, através da alimentação por parte das pessoas de espécies aquáticas contaminadas, gerando com isto doenças como: febre tifoide, hepatite infecciosa, cólera, etc.

É preciso também destacar aqui outro problema proveniente de atividades industriais que provocam efeitos maléficos em algumas espécies. O problema em questão refere-se à poluição térmica, sendo esta resultante devido à água dos sistemas de refrigeração industrial ou efluentes aquecidos de certas indústrias, porém, tendo como fonte mais importante as águas de resfriamento de usinas termoelétricas ou atmoelétricas . Sobre este aspecto Guimarães (1977, p.240) ressalta que : “A elevação da temperatura das águas receptoras , conforme sua intensidade pode trazer efeitos grandemente danosos à biota aquática da área atingida”.

A poluição da água através do lixo sólido resulta do despejo inadequado destes resíduos, alterando as características do ambiente aquático, através da percolação na água, do líquido gerado pela decomposição da matéria orgânica presente no lixo.

No caso das práticas agrícolas, é necessário sabermos que estas atividades podem acarretar problemas de poluição e contaminação da água. Isto se dá pelo uso de adubos que trazem consigo grandes quantidades de cargas orgânicas e de nutrientes, que por sua vez, são arrastados através das águas da chuva e de irrigação até os rios , lagos, oceanos, etc. podendo assim ser responsáveis pela diminuição de oxigênio nos cursos d’água . A contaminação através destas práticas dá-se também pela utilização crescente de pesticidas e herbicidas, à base de produtos sintéticos orgânicos, gerando alguns casos de toxidez e envenenamento da água e das espécies aquáticas que a incorporam.

O seguinte trecho retirado da música representa outra forma de degradação ao meio ambiente, através da ação antrópica: a poluição do solo.

“A terra está morrendo, não dá mais pra plantar

Se planta não nasce se nasce não dá

Até pinga da boa é difícil de encontrar”

Nos dias atuais, a preocupação com a degradação do solo vem crescendo cada vez mais, pois a contaminação gerada pelas atividades humanas tem comprometido o estado natural do mesmo, provocando problemas como: a intensificação da erosão, a desertificação e a perda da sua fertilidade. É importante ressaltar, que todos estes problemas antes mencionados dificultam a prática do plantio, pois para que as plantas se desenvolvam se faz necessária a presença de alguns nutrientes que apresentem condições essenciais para o desenvolvimento desta atividade.

Dorst (1973) ressalta que os processos degradativos do solo estão ligados ao uso frequente de componentes químicos na lavoura, como: adubos e agrotóxicos, à devastação das florestas por meio de desmatamentos e queimadas, à inadequada disposição do lixo, à contaminação do solo devido ao derramamento de petróleo, entre outros.

Como exemplo da contaminação do solo pode-se citar o uso intenso de adubos químicos e agrotóxicos na lavoura, modificando as suas propriedades naturais e levando-o à infertilidade, como já foi ressaltado anteriormente, podendo também provocar o envenenamento dos alimentos, a consequente morte de agricultores e consumidores e a contaminação do lençol freático.

O trecho abaixo mostra de forma clara a degradação do meio natural, por meio da poluição do ar, da água e do solo, todas estas resultantes das atividades antrópicas que, por sua vez, exercem influências negativas no comportamento dos ecossistemas naturais, provocando a morte de várias espécies vegetais e animais e comprometendo, portanto, a biodiversidade como um todo.

“Cadê a flor que estava aqui?

Poluição comeu.

E o peixe que é do mar? Poluição comeu

E o verde onde que está?

Poluição comeu”

No último trecho da música, o cantor e compositor Luiz Gonzaga, o famoso rei do baião, e Agnaldo Batista, prestam uma homenagem a Chico Mendes, um dos grandes defensores do meio ambiente. Este grande protetor da natureza foi assassinado injustamente, enquanto lutava pela conservação dos recursos naturais.

“Nem o Chico Mendes sobreviveu”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa desenvolvida, constatamos que a música se constitui como uma ferramenta fundamental na construção do conhecimento geográfico, possibilitando múltiplos olhares sobre o espaço, permitindo entender a complexidade das relações que se estabelecem no mesmo. Além disso, a utilização de músicas no ensino de Geografia promove o desenvolvimento cognitivo do discente, permitindo a construção do senso crítico do mesmo, a partir do desenvolvimento da noção de cidadania, necessária para a construção do espaço geográfico. Espaço este, que se modifica de forma frequente, mediante as relações sociais que se constituem no meio.

Diante da análise da música “Xote Ecológico” , podemos perceber a importância de se preservar o meio ambiente, pois a utilização de uma única prática humana pode provocar uma série de impactos capazes de desequilibrar o meio natural, bem como as espécies que o incorporam. Desta forma, torna-se necessário sensibilizar a população que a poluição do ar, da água e do solo pode resultar em graves consequências para as espécies da fauna e da flora, assim como também para o homem, comprometendo, portanto, a biodiversidade como um todo.

Por fim, pode-se concluir que a análise de músicas, através do acompanhamento das letras musicais torna a aula mais dinâmica, interativa e participativa. Portanto, esta atividade prática de ser utilizada pelos professores no ambiente escolar, como forma de tornar a aula mais interessante, além de permitir um olhar crítico e reflexivo do estudante sobre o espaço geográfico.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Rejane Abreu. **O ensino de geografia através da música: uma proposta metodológica.** Revista paraibana de geografia, UFPB, V. 2, n. 1, p. 27- 40, ago. 2000.

CORREIA, Marcos Antonio. **Representação e ensino a música nas aulas de geografia: emoção e razão nas representações geográficas.**2009.116 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) -- Programa de pós graduação em geografia mestrado/doutorado, UFP, Curitiba, PN, 2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/GEOGRAFIA/Dissertacoes/correia_versao_final.pdf>. Acesso em: 15 set. 2014.

DORST, Jean. **A destruição das terras pelo homem.** In: Antes que a Natureza morra. 1º ed. São Paulo: Edgard Blucher, 1973. p. 132-197.

GUIMARÃES, Fausto Pereira [et.al]. **Poluição das águas**. In: Recursos Naturais Meio Ambiente e Poluição. 2º ed. Rio de Janeiro: Supren, 1977. p. 209-287.

PASSINI, Elza Yauko. **Recursos didáticos: do quadro-negro ao projetor, o que muda?**. In: Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado. São Paulo: Contexto, 2007.p. 101-116.

SEWELL, Granville Hardwick. **A importância da poluição do ar**. In: Administração e Controle da Qualidade Ambiental. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1978. p. 161-178.

THIELKE, John [et.al]. **Dados necessários à análise da poluição do ar**. In: Recursos Naturais Meio Ambiente e Poluição. 2º ed. Rio de Janeiro: Supren, 1977. p. 171-203.

VERNIER, Jacques. **O Ar**. In: O Meio Ambiente. 2º ed. Campinas, SP: Papirus, 1994. p. 29-51.

XOTE Ecológico. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br>> Acesso em: 15 de setembro de 2014.

GT 7. ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A PRÁTICA NA FORMAÇÃO DOCENTE

PAINÉIS

RELATOS DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA IV: EXPECTATIVAS E DESAFIOS

FRANCISCA DAS CHAGAS SILVEIRA LACERDA UFCG
franciscasilveiral@hotmail.com

JAKELINO DE SOUSA ALMEIDA –UFCG
Jakelino_943@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O referido texto tem como objetivo central o relato de experiência no estágio curricular supervisionado em Geografia IV, visto que o estágio nos possibilita uma melhor compreensão do funcionamento da sala de aula e quais as metodologias adotadas pelos professores.

O estágio é uma das etapas mais importantes da formação docente, que proporciona ao futuro professor refletir a cerca das questões didático-pedagógicas que norteiam o docente de ensino e aprendizagem. Tendo em vista, que o mesmo mantém contanto direto como seu futuro local de trabalho e pode pensar o planejamento de ações a partir da análise da realidade em que está inculcida seu público alvo.

De acordo com Pimenta (2006, p. 75). “o estágio deve ser um momento de síntese dos conteúdos, das matérias de ensino, das teorias de aprendizagem e das experiências pessoais, bem como deve constituir-se em um processo de reflexão-ação-reflexão [...]”, sendo assim podemos compreender que o estágio vai além da teoria e da pratica o estágio se torna um campo de pesquisa para os estagiários.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

O nosso estágio se desenvolveu da seguinte maneira o primeiro foi à parte de observação posteriormente ocorreu o desenvolvimento das aulas o tema proposto foi os aspectos físicos e naturais da região nordeste, especificamente a sub-região sertão. No desenvolvimento das aulas usamos recursos como data show, quadro, pincel, livro didático e notebook, de inicio utilizamos o notebook para mostrar os mapas referentes à localização do

estado da Paraíba e imagens da Caatinga de autoria própria, com intuito de apresentar as características da vegetação da caatinga em seguida os alunos foram indagados sobre a sua localização pra assim termos uma percepção.

Posteriormente foi discutido a classificação das sub-regiões do Nordeste e os tipos de vegetação existente, com ênfase na Caatinga. A aula apresentada foi expositiva e dialogada, tendo a participação de toda a turma, pois eles mostraram interesse no conteúdo, uma vez que, a discussão do tema tinha como base o cotidiano dos alunos, e assim facilitou a compreensão do assunto tendo como resultado uma aprendizagem satisfatória. O segundo encontro, foi iniciado com uma explanação sobre a aula anterior relacionado com o tema que foi discutido nesse dia, o qual se refere às características climáticas e a interação destes com os solos do sertão nordestino.

Buscamos com a turma construir o conceito de clima, e a partir disso, proporcionar o entendimento do clima predominante na sub-região do sertão nordestino, isto é, o clima semiárido, e as características deste, citando exemplos de precipitações ocorridas na cidade em que a escola esta inserida, possibilitando o reconhecimento do clima e o modo como este influência na vegetação.

Posteriormente, fizemos uma análise sobre as características do solo, visando desmitificar o mito de que o solo da Caatinga não é produtivo, para que os alunos entendam que a improdutividade presente no solo é resultado do clima e não da especificidade do solo na exposição dessa aula a professora fez uma intervenção fazendo algumas ponderações sobre o assunto em questão reforçando o que se tinha falado.

No terceiro encontro a aula foi expositiva e dialogada teve a utilização do data show, em que foi apresentado algumas imagens de autoria própria dos rios e açudes existentes no município o qual os alunos estão inseridos e imagens do Rio São Francisco retirada do Google imagens. E como a hidrografia é um tema relevante, também explanei sobre a definição e exemplos de rios perenes e intermitentes no Nordeste, especificamente na sub-região Sertão. No entanto o planejado seria a explanação dos relevos locais, porém não foi possível, devido à interrupção da aula para uma palestra.

Diante disso, o quarto e último encontro explicamos sobre os relevos locais, e logo depois indagamos a fim de saber se estes tinham dúvidas sobre os conteúdos explicados durante o projeto, nessa discussão podemos verificar que a turma conseguiu assimilar os

conhecimentos explanados, pois a maioria indagava, apresentava suas opiniões próprias quanto aos conteúdos, demonstrando assim que aprendizagem foi efetivada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dessa experiência vivenciada no estágio, é importante destacar que no primeiro encontro, na função de professores ficamos um pouco ansiosos e nervosos ao deparáramos com a turma de ensino médio, pois o comportamento do mesmo é um pouco diferente dos do ensino fundamental, mas quando começamos a ministrar a primeira aula todo aquele receio que sentíamos antes tinha passado estava confiante e seguros no que fazia. Com isso percebemos o que Pimenta e Lima (2012, p. 103) quiseram dizer em “um dos primeiros impactos é o susto diante da real condição das escolas e as contradições entre o escrito e o vivido, o dito pelos discursos oficiais e o que realmente acontece.”.

E nesse momento enquanto docentes em formação deveram exercer uma postura crítico e reflexivo quanto às práticas pedagógicas aplicadas em sala de aula, pois sabemos que estamos inseridos em um mundo globalizado, que vive em constante transformação, e por isso o professor deve sempre refletir seu trabalho em sala de aula para que consiga um ensino de qualidade, como também a criação de novos meios que proporciona outras possibilidades de ensino-aprendizagem.

De acordo com Passini (2011) na prática de Ensino e Estágio Supervisionado estão presentes em todos os cursos de licenciaturas, e devem ser considerados como a instrumentalização fundamental no processo de formação profissional de professores. Assim, são segmentos importantes na relação entre trabalho acadêmico e aplicação das teorias, representando a articulação dos futuros professores com o espaço de trabalho, a escola, a sala de aula e as relações a serem construídas.

Sem sombra de duvida podemos dizer que o estagio é de fundamental importância para a nossa formação acadêmica e para a utilização de novas metodologias fugindo assim das tradicionais, utilizando assim recursos novos para melhora na qualidade da educação e da aprendizagem, pois como podemos observa o professor tem um papel importante para a sociedade.

Palavras chaves: estágio, formação de professores, região.

Referências:

PASSINI Elza Yasuko, Romão Passini, Sandra T. Malysz, (organizadores).**Prática de ensino de geografia e estagio supervisionado**– 2. Ed. 1º reimpressão.- São Paulo: contexto, 2011.

PIMENTA Selma Garrido, 1943. **O estágio na formação de professores: unidade teórica e prática**.- 3. Ed.- São Paulo: Cortez, 2006.

TRABALHOS

A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA OS CURSOS DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Cicera Hildervânia Torquato. UFCG-CFP
chtorquato.geo@gmail.com

Ana Cristiane Ferreira Neta. UFCG-CFP
Cristiane_ana22@hotmail.com

Eliziana dos Santos Oliveira UFCG-CFP
oliveira.eliziana64@gmail.com

RESUMO

Refletir sobre a importância do estágio supervisionado em Geografia, é relevante devido o significativo papel que o mesmo desempenha nos cursos de formação de professores e também para que se possa perceber qual o significado que a Geografia como disciplina possui no contexto educacional atual. Através da observação do que ocorre no ambiente escolar cada estagiário pode formar sua própria concepção sobre essa prática docente, e assim perceber a função da mesma no curso de formação. Nesse sentido esse trabalho faz uma abordagem geral sobre esses assuntos a partir das observações de um estagiário do curso de Licenciatura em Geografia, onde o mesmo ao relatar suas experiências também às relaciona com a real função do estagio no processo de formação do professor e, além disso, mostra a atual situação do ensino de geografia. Análises que sem dúvida colocam o presente artigo como uma significativa contribuição para a educação como um todo e principalmente

para a Geográfica. Assim como também alertam para uma necessidade de um novo olhar sobre as formas como os estágios estão ocorrendo desde a preparação dos estagiários nas universidades ao desenvolvimento dos mesmos, de modo a detectar falhas a serem corrigidas na atuação destes futuros professores.

Palavras-chave: Estágio, Ensino de Geografia, Formação de professores.

INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado tem como principal finalidade, agregar experiências ao processo de formação do aluno, futuro professor, e considera para isso o campo de atuação (escola e sala de aula), como objeto de análise e interpretação crítica. Ao mesmo tempo procura mostrar ao estagiário o papel do professor de geografia no processo educacional e qual a relevância do estágio na sua formação.

Ao dar ao aluno a possibilidade de conhecer o ambiente escolar e as relações que se dão no mesmo, finda por provocar uma familiarização desse estagiário com o seu futuro lugar de trabalho. A partir desse contato ele pode tanto passar a amar muito mais o exercício da docência, como chegar à conclusão que não é a profissão que ele quer realmente exercer.

Além disso, nesse primeiro contato com o provável futuro ambiente de trabalho é possível pensar sobre todas as questões e relações que se desdobram no ambiente observado, inclusive o desenvolvimento do ensino da Geografia, de modo que se perceba como ele se dá como é entendido pela escola e qual a relação existente entre universidade e instituição escolar.

Por essas questões a universidade exerce um papel relevante na preparação do aluno estagiário, possibilitando que o graduando possa ser preparado de forma a entender o dinamismo do espaço escolar, bem como sua consolidação no mercado de trabalho, como profissional atuante, de maneira que sua preparação na graduação lhe forneça bagagem para as experiências que viram com a prática do exercício da profissão.

As experiências proporcionadas pela prática em sala de aula admitem que, se possa ser impostas opiniões conflituosas e divergentes com relação a nossos pensamentos, sobre o que é mesmo o exercício do estágio, quais as experiências expectativas e os conhecimentos que vão ser adquiridos no exercício dessa prática.

O estágio é uma disciplina de fundamental importância seja pra qual for a área de conhecimento, repensar o mesmo será sempre indispensável, por que se deve estar atento às

mudanças no contexto educacional e social, por isso as reflexões críticas sempre são imprescindíveis para que haja uma adequação a realidade atual.

A prática do estágio é extremamente necessária em todos os cursos de licenciatura e devem ser vistos como um instrumento de fundamental valor no processo de formação de professores. Afinal, apenas a teoria não é suficiente, pois deve haver ainda um contato maior com o funcionamento de uma sala de aula para que o aluno possa buscar a partir de observações prévias, suas próprias maneiras de desenvolver as aulas e os conteúdos pré-estabelecidos.

Para fundamentar esse trabalho tomou-se como base o estágio supervisionado II, oferecido pelo Curso de Licenciatura em Geografia na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). O mesmo foi realizado no 7º ano A da Escola de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Vicente Bezerra, que está situada na Rua Cel. José Leite S/N, Bairro Araçá, Aurora-CE, sob dependência administrativa do estado e atendendo a séries finais do ensino fundamental bem como também do ensino médio. Num período de 05 à 20 de agosto de 2013, o que compreende duas aulas de observação e quatro de regência.

O ESTÁGIO E A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA

De acordo com Pimenta (2008), o estágio auxilia o aluno no processo de construção da sua própria maneira de atuar em sua profissão e de resolver os impasses pertinentes a mesma. Ou seja, na construção da sua identidade, saberes e posturas, mesmo sabendo que essa identidade não é construída apenas no processo de formação, mas também durante o exercício da docência. Isso é possível porque o estágio é um espaço de reflexão sobre o que é feito, como é feito e como poderia ser feito.

Por ter tamanha relevância na formação docente ao passo que dá ao aluno a vivência das relações no cotidiano da escola torna-se inaceitável que o estágio seja realizado apenas como mais uma disciplina do currículo, pois antes disso se deve entender que é nela onde tudo se concretiza, onde tudo que foi teorizado pode ser colocado em prática, ou não. Enfim, esse é um momento de testar capacidades, onde o aluno vai poder estar avaliando não só o contexto do ambiente escolar, mas a si próprio e assim, aprendendo a ser crítico de sua própria atuação.

No período de regência tomado como base para esse trabalho o Tema geral desenvolvido nas aulas foi a Região Nordeste, que pode ser considerado muito importante para os alunos por se tratar da região que eles fazem parte, onde tiveram a oportunidade de

conhecer um pouco mais sobre ela e demonstrarem também seus conhecimentos prévios, que na sua maioria reflete o censo comum.

Assim então um dos principais objetivos foi acabar com a ideia de que o Nordeste é apenas seco, e que seu solo e estrutura é pobre, devido a escassez de chuva, obrigando assim sua população a migração para outras regiões mais ricas do país para garantir sua sobrevivência.

Com as aulas foi possível mostrar aos educandos que se deve valorizar a região Nordeste, pois a mesma já deu muitas riquezas para o Brasil e que ele tem condições de manter os nordestinos, sem ser preciso que eles migrem, porém esclarecendo que isso só será possível quando as políticas públicas conseguirem realmente chegar até quem precisa.

Isso foi feito a partir do conhecimento sobre a história da colonização, dos ciclos econômicos, da decadência, das subdivisões e do porque delas serem feitas, da transposição do Rio São Francisco, políticas Públicas para o Nordeste etc. Dessa forma despertando um censo crítico e deixando claras as reais causas da pobreza dessa região. Afinal o papel do professor também é formar sujeitos críticos da sua própria realidade a partir da análise e leitura do que os rodeia.

Nessas aulas foi possível aplicar algumas ideias debatidas na universidade. Uma delas é a importância de desenvolver os conteúdos a partir do conhecimento prévio dos alunos e voltando-se sempre para a realidade local. Apesar do tema Região Nordeste já esta se referindo ao local de vivência, existem alguns fatos que eles não têm acesso pelo fato de não lerem jornais ou revistas e muito menos assistirem a noticiários.

Pode ser tomado como exemplo o ponto referente às subdivisões do Nordeste, onde se detecta que eles têm pouco conhecimento sobre sua própria região e muito menos de outras como a zona da mata por exemplo. De modo que todos são nordestinos, porém alguns têm a mesma visão de pessoas de outras regiões do Brasil, ainda acreditam que aqui só existe seca, que as características climáticas impedem o desenvolvimento, e desconhecem as riquezas da fauna e flora.

Outro ponto a ser destacado é a necessidade de desenvolver aulas de Geografia que sejam mais dinâmicas e que atraiam a atenção da turma. Nessa perspectiva nas primeiras aulas houve o debate sobre o conteúdo a partir de aulas expositivo-dialogadas e para finalizar foi proposta a realização de um jogo de perguntas e respostas sobre o tema trabalhado anteriormente.

Com isso constatou-se que a maior parte dos estudantes estava realmente atenta às aulas e que se interessa por trabalhos diferentes e também pela disciplina. Daí entende-se

que o estágio mostra que o professor tem a liberdade de escolher a metodologia a ser desenvolvida, no entanto a mesma deve se adequar a turma. De modo que é nesse espaço que se encontra as possibilidades de tarefas a serem abordadas.

Análise Geral

Durante o exercício do estágio o aluno de graduação pode vir a observar agora na posição de professor as diferentes situações e problemáticas que atingem a educação, que o mesmo não “enxergava” ocupando a posição de aluno, situações essas que trazem saldos positivos bem como também negativos para o currículo escolar brasileiro.

Durante o estágio Supervisionado é possível observar-se a realidade de uma sala de aula e do ambiente escolar em sua totalidade, seus impasses e suas contradições. Onde se tem a possibilidade de relacionar a base teórica adquirida na universidade com o desenvolvimento da prática começando assim a criar uma identidade própria a partir das experiências adquiridas.

Uma significativa contribuição do estágio é esclarecer não só o que ocorre dentro dos muros da escola, mais também fora dela, ou seja, muda-se a forma de analisa-la. Nesse caso por ser uma escola que está situada no bairro mais carente do município é evidente que nela se encontre características de tal local, do modo de vida daquela população e da sua realidade social.

Daí, a escola deve sempre estar atenta a perceber o porquê de certas atitudes dos alunos e onde está a raiz desse problema, que na maioria das vezes esta na família, na convivência e nos exemplos que eles têm em casa.

Certifica-se, portanto, que essa disciplina realmente tem esse poder de mostrar a realidade como ela é, e não como a Universidade muitas vezes mostra de forma “ilusória”, além disso, revela que não é fácil relacionar e quebrar a dicotomia existente entre teoria e prática, já que isso requer uma mudança na forma de ver e desenvolver o processo educativo.

Assim, “Um dos primeiros impactos é o susto diante da real condição das escolas e as contradições entre o escrito e o vivido, o dito pelos discursos oficiais e o que realmente acontece” (Pimenta, 2008). Muito do que se escuta nas aulas teóricas ao longo de um curso inteiro é facilmente derrubado em apenas um dia de regência ou até mesmo observação, que comprova a distância que existe entre Universidade e Escola.

Distância essa que se multiplica quando não há planejamento e o estagiário vai pra escola sem acompanhamento, ou seja, sem supervisão, o que não deveria acontecer já que se está falando de Estágio Supervisionado. Sendo essa uma realidade que acarreta danos não só para o estagiário como pra educação no geral, pois é ele quem estará atuando como professor futuramente.

Como realizar o estágio sem um planejamento? E aí como formar um bom profissional sem acompanhá-lo e sem avaliá-lo? Será que tudo que esse estagiário está desenvolvendo no seu estágio é correto é eficaz e não precisa de correções ou ajustes?

A teoria muitas vezes não é comprovada na prática, porém ela também é necessária nos cursos de licenciatura.

“A relação teoria e práxis é para Marx teórica e prática; prática na medida em que a teoria, como guia da ação, molda a atividade do homem particularmente revolucionária; teórica na medida em que essa relação é consciente.” (Vasquez, 1968, p.117).

A relação entre as duas é essencial ao passo que teoria e prática não podem ser vistas de forma isolada, pois uma complementa a outra e nada as substituem, já que deve se ter consciência do que se faz e como se faz. Afinal, como um professor vai pra uma sala sem nenhuma base teórica? O que ele vai desenvolver nessa turma? Que cidadão ele vai formar?

Deve haver sempre uma reflexão sobre a teoria que pode ser aplicada nas diferentes realidades. Na universidade aprende-se que o professor deve seguir a corrente crítica e deixar de lado o tradicional, porém o que não é dito é que nem sempre isso será possível porque vai depender de um conjunto de fatores que envolvem não só sua formação, mas também a força de vontade do professor, mas também da realidade da turma e da escola como um todo.

Isso porque no contato com a regência em alguns momentos percebe-se que mesmo quando o professor tenta trazer novas metodologias para as aulas, ele esbarra em alguns empecilhos como a estrutura física, a direção da escola, ou até mesmo os próprios alunos. Esses alunos que se reclamam das aulas de geografia, que são muito “chatas”, são os mesmos que não se endereçam em participar de aulas mais dinâmicas.

O que muitas vezes é listo é que embora o aluno nesse espaço escolar já reconhecido por todos e cada um deles vem de uma realidade diferenciada, estimular e mostrar a eles que a geografia pode envolver seu cotidiano e sua realidade próxima é ensiná-los que a geografia

é algo de seu interesse, já que os envolvem todos os dias e que a vivemos todos os dias essa geografia.

A geografia tem que formar cidadãos investigativos e participativos para que essa venha a se tornar uma disciplina essencial para a formação profissional, o que se quer hoje é formar indivíduos críticos sociais assim como também atuantes na sociedade assim a geografia vem a ser a base dessa formação.

Porém, como dito anteriormente há exceções, pois na sala em questão, quando foi proposta uma atividade diferente a maioria participou. Porém encontram-se alguns impasses como o grande número de alunos na turma que finda por limita os trabalhos, juntamente com o espaço da sala consideravelmente pequeno, e o curto tempo de uma aula isolada não favoreceram na organização e no andamento da dinâmica.

Um fato influencia o outro, pois, se falta espaço para o desenvolvimento de aulas mais dinâmicas o professor fica impossibilitado de realizar uma infinidade de tarefas e assim, muitos alunos não se sentem atraídos por essas aulas. Enfim, não há apenas uma causa para as dificuldades visualizadas, e sim uma correlação de fatores que não podem ser considerados de forma isolada.

Voltando para o assunto das aulas isoladas é visível que isso prejudica o processo de ensino aprendizagem e revela a falta de reconhecimento que a disciplina de Geografia tem hoje na educação. O que se vê é que ela serve apenas para preencher os espaços entre as disciplinas tidas como mais relevantes. Como desenvolver uma aula em apenas quarenta e cinco minutos, quando a maior parte desse tempo, o professor passa fazendo frequência e pedindo a atenção da turma? Será que dessa forma os temas geográficos são bem desenvolvidos?

Aqui se encontra uma das grandes questões enfrentadas pela Geografia que é firmar a sua indispensável parcela de contribuição para o ensino e para a formação dos sujeitos. Para isso ela precisa deixar de ser vista como uma disciplina decorativa e sem irrelevante. Pois, como bem destaca Lacoste (1988) conduzir os homens a aquisição de consciência crítica é uma das tarefas do educador em Geografia que antes de tudo se preocupa com a construção da cidadania e democracia.

Outra questão que não pode deixar de ser destacada e o que entristece qualquer cidadão que vê na educação e na escola a solução para muitos problemas na sociedade são o desinteresse e a desatenção dos alunos, o que ficou claro até no questionário socioeconômico que lhes foi proposto.

Talvez por preguiça eles não se ocupem nem em ler as perguntas e dão respostas totalmente sem nexos e os que respondem são quase unânimes em dizer que não gostam de Geografia e muitos deles não conhecem nem o objeto de estudo da mesma.

O descompromisso também acontece com a solução dos exercícios propostos, onde eles colocam qualquer resposta apenas com o interesse de ganhar mais um visto no caderno e no fim do bimestre o ponto na média. No estágio, a observação dos problemas é necessária, porém junto a isso deve haver também uma reflexão.

“O reducionismo dos estágios às perspectivas da prática instrumental e do criticismo expõe os problemas na formação profissional docente. A dissociação entre teoria e prática aí presente resulta em um empobrecimento das práticas nas escolas [...]” (Pimenta 2008, p.41).

Ele não tem por finalidade apenas detectar deficiências, fazer uma investigação ou apenas recriminar o que há de errado, mas também procurar os porquês dos mesmos e entendê-los, tendo como foco principal a busca por soluções.

Essas que devem ser buscadas não só dentro dos muros da escola como também na sociedade na qual ela está inserida, que por sua vez tem um papel considerável dentro de toda essa estrutura. Afinal, o que acontece na sociedade reflete na escola e no processo de ensino aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o exposto a prática do estágio primordial para o contato com o ambiente escolar, ajuda a devolver a identidade do futuro profissional docente. Lidar com o cotidiano escolar com as diferentes situações que surgem, não é tarefa fácil, mais também não é impossível, de se trabalhar.

Através desse primeiro contato com uma sala de aula, não mais como aluno e sim como professor, podem ser adquiridas aprendizagens sobre quais teorias estudadas na universidade circulam nas práticas da escola, onde não mais se pode conceber o estágio apenas como um ato de observação onde se apontam problemas, sem “proceder a uma análise crítica fundamentada teoricamente e legitimada na realidade social em que o ensino se processa” (PIMENTA p.36).

O estágio, apesar de ser apenas uma das fases da formação de um professor é imprescindível, pois é nele onde se dá um primeiro passo na criação da personalidade de um

profissional, que é fruto do reconhecimento do papel social da profissão, ou seja, os laços de admiração e respeito para com a profissão. Daí o aluno já pode refletir sobre o importante papel do professor na sociedade e se ele vai querer cumpri-lo ou não.

Diante das dificuldades encontradas na chegada a escola, adaptação ao espaço escolar bem como também os anseios e medos, o estagiário deve acima de tudo perceber que seu papel é desempenhar a postura de um aluno adquirindo experiência profissional, já que muitas vezes a escola tende a confundir-lo já como profissional, esperando e cobrando desse uma experiência e bagagem de profissional formado.

Estabelecer uma dinâmica e boa comunicação entre estagiário e escola é função que envolve a comunidade escolar, o aluno estagiário e a Universidade, já que a importância dessa comunicação vai bem além do simples receber o aluno universitário, dessa parceria podem se surgir projetos e crescimentos para todos os lados envolvidos.

Toda experiência que se adquire num estágio é importante para o aluno e pode contribuir na sua formação. Até porque muitos deles nunca estiveram em sala de aula como professores e ao se depararem com uma turma o medo é inevitável, assim como a dúvida sobre o como proceder.

Afinal, a realidade muitas vezes pode ser desestimulante e se não houver uma paixão pelo ensino, o estágio também pode ser o ponto em que ocorra a desistência. Por outro lado pode ser um desafio estimulante para quem gosta e admira a profissão.

Portanto é adequado que se debata na universidade sobre o significado do estágio para os cursos de licenciatura como um todo. Isso dá uma contribuição imensurável também para o ensino de geografia, de forma que o estagiário pode desenvolver uma das finalidades da sua formação que é refletir sobre a realidade de forma crítica e procurar soluções para os problemas pertinentes não só a profissão de professor como também a disciplina geografia e o espaço que a mesma esta tendo na educação brasileira.

Essas reflexões na universidade são importantes porque as mudanças referentes ao ensino de geografia só serão possíveis a partir de melhoras nos cursos de formação, até porque é lá que se instruem os professores que são os primeiros que devem valorizar a disciplina visto que reconhecem a importância da mesma.

Contudo a experiência do estágio foi válida e muito interessante para pensar a profissão dos anseios a realidade, sendo bastante positiva para reafirmar a vontade de lecionar e de aplicar maneiras diferentes no ensino dos conteúdos.

REFERÊNCIAS:

LACOSTE, Y. A geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria do Socorro Lucena, Estágio e Docência. São Paulo: Cortez, 2008.

VÁSQUEZ, Adolfo S. Filosofia da práxis. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

Cícera Cecília Esmeraldo Alves - Universidade Federal de Campina Grande/ceciliaesmeraldo@gmail.com

Alvino Pereira da Silva Neto - Universidade Federal de Campina Grande alvinoneto3@hotmail.com

Cícera Gomes de Andrade – Universidade Federal de Campina Grande ceciliacpt@hotmail.com

RESUMO

O Estágio Curricular Supervisionado proporciona aos futuros docentes a realização de atividades práticas, quando poderão exercer de forma crítica/reflexiva os conhecimentos visando uma melhor formação educacional profissional. Objetivou-se despertar a reflexão dos alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA a importância da coleta seletiva dos resíduos sólidos urbanos. A metodologia utilizada foi aula expositiva dialogada, utilizando materiais didáticos e educativos, bem como, aula de campo no meio escolar. Nas aulas de Geografia também, trabalhou-se a importância da coleta seletiva para o meio ambiente saudável, onde houve uma considerável aceitação e participação dos discentes despertando os mesmos a importância de um ambiente saudável. Assim, além da experiência do estágio supervisionado (momento de suma importância para a formação docente do discente), a Educação Ambiental é um componente essencial no processo de formação e educação permanente, com uma abordagem direcionada para a resolução de problemas e contribui para o envolvimento ativo do público.

Palavras - Chave: Estágio Curricular. Educação Ambiental. Resíduos Sólidos.

INTRODUÇÃO

O Estágio Curricular Supervisionado (ECS) não pode ser considerado apenas como uma instrumentalização técnica, visto que sua finalidade deve ir além do ensino de conteúdos e técnicas a serem aplicadas nas situações reais, bem como prepara o futuro profissional para o exercício de suas atividades com responsabilidade, ética, liderança, capacidade de

comunicação e tomada de decisões. Representa também o momento que os acadêmicos terão a oportunidade de executar técnicas, desenvolver habilidade, competências e identifica-se com a realidade profissional (PIMENTA, 2004).

O Estágio Curricular Supervisionado (ECS) é o momento de aproximação com a realidade escolar, onde o aluno, futuro professor, vai poder praticar as teorias aprendidas ao longo da academia, buscando sempre uma relação entre a teoria e a prática. Esse momento, então, é o de conhecer o ambiente em que irá atuar. O estágio servirá para que o aluno se localize e reconheça o espaço escolar como seu futuro campo de atuação e para que comece a formar sua identidade docente. O curso, as disciplinas e as experiências adquiridas ao longo da graduação, tudo isso, deve convergir para o ECS, é o momento de se colocar na posição de professor, de deixar de lado as incertezas e partir para a ação docente.

Segundo PIMENTA (2006) “o estágio deve ser um momento de síntese dos conteúdos, das matérias de ensino, das teorias de aprendizagem e das experiências pessoais, bem como deve constituir-se em um processo de reflexão-ação-reflexão...” Portanto, no momento do ECS o estagiário deve usar todos os seus conhecimentos, articulando sempre a teoria com a prática.

O Estágio curricular¹ é fundamental para a formação dos futuros profissionais, pois, é o momento em que o discente dispõe para refletir e intervir no seu campo de atuação profissional sob a supervisão de profissionais já formados e com experiência suficiente para a discussão e orientação. Assim, a prática do estágio supervisionado demanda uma série de atividades que, em conjunto, permitem ao aluno construir experiências significativas de aprendizagens e relacionar teoria e prática em situações reais de ensino (XAVIER; FERNANDES; CERIBELLI, 2002).

1 Segundo Saiki; Godoi (2013, p.26-27) “A prática de ensino e o estágio supervisionado são significativos nos cursos de licenciatura, e não deveriam ser realizados apenas como um cumprimento da grade curricular, mas sim contextualizados e comprometidos com a transformação social, unindo formação profissional e pessoal, responsabilidade individual e social. Deveríamos exercitar nosso profissionalismo na construção do conhecimento individual e coletivo, como professores e alunos, ambos cidadãos responsáveis e participantes. A nossa prática nos estágios deve incluir, além das reflexões e discussões sobre as metodologias de ensinar e aprender Geografia, o conhecimento do espaço escolar e as relações de produção dos sujeitos nos projetos diferentes momentos do calendário letivo: Planejamento, reuniões, conselhos de classe.

Devido à visível degradação do ambiente escolar (interno e externo), percebe-se que a educação ambiental ainda é pouco discutida, entre outros problemas observados na escola,

com isso, cria-se diversas estratégias para solucioná-las. Para tal, a função do acadêmico no estágio é proporcionar informações que sensibilizem o aluno local da importância da coleta seletiva para a conservação da ambiência escolar. Desta maneira, pretende-se que seja feito um esforço conjunto entre o aluno em estágio do curso de Geografia e os alunos da Educação de Jovens e Adultos, esforço este que pode obter resolutividade satisfatória para todos.

Nesse sentido, o problema ambiental é pertinente à geografia, pois desde a geografia clássica, essa ciência tem como objeto de estudo a relação entre o homem e o meio, entendendo-se o meio como sinônimo de natureza. O homem ao mesmo tempo em que é considerado um ser natural é oposto à natureza promovendo profundas mudanças a ela. Portanto, pensar o meio ambiente em geografia é considerar a relação entre a natureza e a sociedade uma associação complexa e conflituosa, que resulta do longo processo de socialização da natureza pelo homem (SUERTEGARAY, 2006).

Nas discussões geográficas em sala de aula, ao expor as causas e consequências da produção e disposição do lixo, buscou-se um entendimento mais amplo dessa questão e não somente uma segmentação sob um determinado aspecto, quer seja ele técnico, econômico, social, de saúde pública ou ambiental. Sendo assim, a educação ambiental necessita de um processo contínuo, para que as pessoas desenvolvam o respeito pela preservação do ambiente natural, com isso, formar cidadãos mais conscientes que contribuam para a formação dos futuros agentes deste país. Então, é preciso a criação de ações pedagógicas direcionadas a educação dos jovens, possibilitando ao homem mudar sua forma de pensar e de agir o meio ambiente (SILVA, 2012).

É fundamental, se analisar a questão ambiental sob o ponto de vista geográfico, já que esta ciência, juntamente com outras áreas do conhecimento, mantém em uma preocupação constante em resgatar o equilíbrio entre a natureza e a sociedade, no intuito de desenvolver formas de uso e ocupação do espaço e dos recursos como forma de contrapor às ações e comportamentos nocivos ao equilíbrio ambiental. Nesse sentido, movimentos sociais e ambientalistas se organizam para mostrar incoerências do sistema de produção, chamar atenção para os problemas tanto da escassez quanto da poluição e degradação dos recursos naturais, buscando incorporar na sociedade premissas do desenvolvimento sustentável e preservação da vida e do bem comum (SANTOS 1997).

Tendo em vista o tema em questão, se faz necessário uma reflexão dos problemas relacionados à degradação do ambiente, que muitas vezes acontece por falta de conhecimento ou por ignorância. Deve-se então, levar em consideração a falta de

informação que as pessoas não tiveram na ambiência escolar. Então é preciso a criação de ações educacionais que possibilitem ao homem mudar sua forma de pensar e de agredir o meio ambiente.

A educação ambiental na escola necessita de um processo contínuo, para que o aluno desenvolva o respeito pela preservação do ambiente escolar e natural, com isso, formar cidadãos mais sensibilizados que contribuam para a formação dos futuros cidadãos destes pais. Com isso, se faz necessário a criação de ações pedagógicas direcionadas a educação dos jovens.

Neste contexto, o sentido de ensinar Geografia é fazer com que o aluno compreenda o mundo em que vive e busque sua transformação, utilizando-se da tecnologia, visando a qualidade de vida ambiental e humana, sendo usuário das linguagens necessárias à interpretação geográfica, com destaque para a visual. Os conhecimentos geográficos o ajudarão a tomar decisões diante de situações concretas, demonstrando sua capacidade de percepção e de estabelecimento de relações com a vida cotidiana, numa perspectiva interdisciplinar (SANTOS 1997).

Assim a coleta seletiva² pode ser entendida como um sistema de recolhimento de materiais recicláveis: papéis, plásticos, vidros, metais e orgânicos, previamente separados na fonte geradora e que podem ser reutilizados ou reciclado. A Coleta Seletiva é de extrema importância, pois, faz com que todos os resíduos sejam encaminhados para reciclagem ou destinação final, pois o resíduo separado corretamente deixa de ser lixo. Então, torna-se imprescindível reduzir o lixo, reaproveitar tudo o que for possível, e depois reciclar. A coleta seletiva de lixo é importante para a sociedade, pois, serve de fonte de renda para várias pessoas, como de economia para as empresas, também significa uma grande vantagem para o meio ambiente, uma vez que permite a diminuição dos impactos ambientais provenientes da má administração desses resíduos (FIGUEIREDO, 1995).

Segundo Padilha; Silva; Sampaio (2006) um grande problema quanto ao aumento significativo dos resíduos coletados e destinados e a sua crescente multiplicação, relacionando-os à sua inevitabilidade e a limitação quanto a destinação final aliada a inexistência de uma política técnico-administrativa e ao não-cumprimento da legislação existente sobre o assunto.

Portanto, a reversão dos impactos ambientais, pode ser atribuída à intensificação do docente ao lecionar a sua disciplina, à implantação e implementação da coleta seletiva nas escolas, pois, através desta, os alunos podem entender sobre o espaço geográfico e encontrar as

melhores formas de organizar o patrimônio escolar para diminuir os impactos ambientais e perceber que isso é um problema de todos que estudam ou trabalham no mesmo.

Esse estudo baseia-se nos problemas que os resíduos sólidos urbanos causam ao meio ambiente, com isso, mostra o grande desafio a ser enfrentado na busca de soluções para melhorar a vida da população brasileira e que as diversas alterações causadas na ambiência urbana, provocam os problemas ambientais os quais são de difíceis resolutividade e, que para melhorar a vida da população é necessário que se busque uma melhor relação entre o homem e a natureza, almejando que as pessoas entendam e vejam que o principal poluidor do meio ambiente é o homem.

O estudo também trata, de colocar em prática os conhecimentos teóricos e habilidades adquiridos nas diversas disciplinas curriculares em situações do cotidiano profissional, bem como refletir sobre a realidade social e buscar transformação da mesma, através de ações educativas, objetivando a produção de novos conhecimentos. É necessário abordar acerca da necessidade de sensibilização e mudanças de valores e comportamentos para que os discentes venham inserir no seu cotidiano. Para tanto, será utilizada uma metodologia direcionada a alcançar os objetivos propostos e consequentemente os alunos serão avaliados durante todo o processo de desenvolvimento deste projeto.

Neste contexto, o estágio inerente à disciplina “Estágio Curricular Supervisionado em Geografia II”, foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Crispim Coelho, situada na cidade de Cajazeiras-PB, com os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), no período noturno, durante cinco semanas, nos dias correspondentes as aulas de geografia da referida escola, onde foi desenvolvido o projeto “IMPORTÂNCIA DA COLETA SELETIVA PARA O AMBIENTE ESCOLAR”, com o objetivo de despertar a reflexão dos alunos da EJA da importância da coleta seletiva dos resíduos sólidos urbanos, bem como verificar o conhecimento dos discentes acerca da importância da relação entre a geografia e a coleta seletiva para a ambiência escolar, construir conceitos acerca dos resíduos sólidos e da coleta seletiva, identificar os resíduos sólidos através da análise de paisagem, envolver os alunos na prática da coleta seletiva dos resíduos sólidos e estabelecer a diferença entre separar, reciclar e reutilizar.

Os discentes que participaram do estágio, na sua maioria, residem na zona urbana, cajazeirenses, são do sexo feminino, visto que as mulheres estão sendo inseridas cada vez mais no mercado de trabalho e assim buscam uma formação para obterem um crescimento profissional favorável. São adultos jovens, pois, encontravam-se na faixa etária de 19 a 45

anos, os quais na sua maioria moram com sua família ou membros da família, com renda familiar entre um a cinco salários mínimos.

METODOLOGIA

A metodologia é entendida como o conjunto detalhado e sequencial de métodos e técnicas científicas a serem executadas, de modo que se consiga atingir os objetivos inicialmente propostos e, ao mesmo tempo, atender aos critérios de menor custo, maior rapidez, maior eficácia e mais confiabilidade de informações (FIGUEIREDO, 2007).

Neste sentido, a metodologia utilizada foi a aula expositiva dialogada, a qual permite a interação de discentes e docente (acadêmico) para a melhor compreensão da temática abordada. Foram utilizados materiais didáticos e educativos, e uma aula de campo no meio escolar, verificando o conhecimento dos alunos da EJA da importância da coleta seletiva dos Resíduos Sólidos Urbanos (lixo) para melhoramento da ambiência escolar, despertando-os e motivando-os de tal importância e identificando a forma correta da utilização dos coletores apropriados para a coleta seletiva, bem como estimulá-los e envolvê-los à prática.

Primeiramente, foi abordado através de uma análise dialogada acerca do assunto, compartilhado os conhecimentos, produzidos conceitos corretos sobre o tema, expondo-os no quadro e posteriormente, fundamentados de acordo com a literatura pertinente por meio de data show, onde foi exposto conceitos acerca do lixo e seus tipos, coleta seletiva, e a importância desta para o meio ambiente, e relacionados com a geografia. Em seguida foi apresentado imagens com presença de resíduos sólidos, por meio de data show, para que os discentes identificassem e classificassem de acordo com as cores dos coletores apropriados.

No decorrer das aulas foi apresentado um vídeo acerca da reciclagem de lixo e coleta seletiva, e posteriormente um debate acerca do entendimento dos discentes sobre o mesmo, bem como se estabeleceu a diferença entre separar, reciclar e reutilizar os resíduos sólidos o significado das cores dos coletores e o material correspondente e quanto tempo na natureza os materiais a serem reciclados demorariam a se deteriorar.

Assim, esta revisão foi importante para ajudar no processo de ensino aprendizagem, onde em sequencia foi realizada uma aula de campo na ambiência escolar, para perceber a disposição dos resíduos sólidos em vários locais da escola, objetivando envolver os discentes a praticarem a mudança de hábitos, com a coleta seletiva onde detectaram os resíduos sólidos expostos, coletaram e faram a disposição nos coletores apropriados existentes na escola, bem como despertar a reflexão acerca da importância desta para o meio

ambiente saudável e por fim os discentes foram avaliados individualmente através da participação nas discussões dos conteúdos em sala de aula, a qual funciona como um mecanismo onde oferece ao professor a oportunidade de criar condições para que o aluno participe e apresente argumentos ativamente nas aulas, bem como através da produção de um texto onde neste foi solicitado que discorram sobre “a importância da coleta seletiva dos resíduos sólidos para ambiência escolar, como também para o meio ambiente”.

Após as atividades realizadas desenvolveu-se uma pequena avaliação para refletir o conteúdo, a temática da reciclagem e a sistematização construída pelo aluno. Sendo bem significativa a metodologia trabalhada.

RESULTADOS

O Estágio Curricular Supervisionado (ECS) teve resultado satisfatório, pois mesmo com a evasão dos discentes e/ou a falta de interesse, podendo ser justificado por serem pessoas inseridas no mercado de trabalho, tornando-se cansativo e estando na sala de aula apenas para conclusão dos estudos, houve uma considerável aceitação e participação dos discentes durante as aulas do estágio.

Constatou-se que a metodologia inovadora utilizada (data show, vídeo, aula de campo) atraiu a atenção dos alunos, motivando-os à participação, bem como a uma avaliação favorável, pois os discentes refletiram acerca da importância da coleta seletiva dos resíduos sólidos urbanos, demonstrando a relação da geografia com a coleta seletiva para o ambiente escolar, construíram conceitos acerca dos resíduos sólidos e da coleta seletiva, identificando os resíduos sólidos através da análise de paisagem, bem como os discentes envolveram-se na prática da coleta seletiva dos resíduos sólidos na instituição de ensino, estabelecendo a diferença entre separar, reciclar e reutilizar, obtendo-se uma avaliação favorável.

Diante da vivência do Estágio Supervisionado, percebeu-se que houve a sensibilização dos discentes acerca da importância da coleta seletiva para o ambiente saudável, bem como a Educação Ambiental como um importante instrumento e alternativa para educar a população.

Nessa perspectiva, a Educação Ambiental tem a finalidade de produzir e disseminar informações e promover a sensibilização às pessoas, fomentando processos de participação comunitária, e despertando um sentimento de luta em prol da causa ambiental, levando em consideração as dimensões políticas, econômicas, sociais e culturais. A Educação Ambiental não se limita apenas a mera transmissão/aquisição de conteúdos. Ela deve ser questionadora

do status e contribuir para uma intensa sensibilização, através da crítica aos padrões e comportamentos estabelecidos, possibilitando uma atuação social.

Conforme Plotzki (2000) a escola deve estar apta a formar um novo cidadão, com uma nova consciência ecológica e humanística, menos antropocêntrica, conforme os postulados da Educação Ambiental, visto que ela se propõe a rever os aspectos da cultura, especialmente a ocidental, que mantém homem e natureza como pólos excludentes, que fundamenta e mantém a ideologia capitalista do lucro pelo lucro e que tem fortalecido, com sua teoria de “satisfação das necessidades humanas”, um consumismo irracional e imediatista, indiferente às consequências para o meio natural e às futuras gerações humanas.

A escola é considerado um espaço privilegiado na implementação de atividades que propiciem a reflexão acerca da temática ambiental, pois isso necessita de atividades de sala de aula e atividades de campo, com ações orientadas em projetos e em processos de participação que levem à autoconfiança, a atitudes positivas e ao comprometimento pessoal com a proteção ambiental implementados de modo interdisciplinar (DIAS, 1992).

A escola é o espaço social onde os alunos serão sensibilizados para as ações ambientais e fora do âmbito escolar ele será capaz de continuar ao seu processo de socialização. Comportamentos ambientalmente corretos devem ser aprendidos na prática, no cotidiano da vida escolar, contribuindo para a formação de cidadãos responsáveis.

Neste sentido, a Educação Ambiental, é um componente essencial no processo de formação e educação permanente, com uma abordagem direcionada para a resolução de problemas, contribui para o envolvimento ativo do público, tornando o sistema educativo mais relevante e mais realista e estabelece uma maior interdependência entre estes sistemas e o ambiente natural e social, com o objetivo de um crescente bem estar das comunidades humanas (EFFTING, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio Curricular Supervisionado (ECS) foi um importante elemento na formação do professor, este trouxe elementos importantes para a prática do futuro profissional. É no momento do estágio supervisionado que vai se tornar possível, para o estagiário, utilizar os conhecimentos teóricos na prática, sempre buscando fazer uma reflexão após cada aula, em buscar melhorias e mudanças ao longo deste período, deste modo, o estágio fortalece a relação teoria e prática baseado na metodologia de que o desenvolvimento de competências profissionais implica em utilizar conhecimentos adquiridos, quer na vida acadêmica,

profissional e pessoal. Sendo assim, o estágio constitui-se em importante instrumento de conhecimento e de integração do aluno na realidade social.

A partir das experiências adquiridas enquanto professor estagiário de Geografia adquiriu-se uma nova postura em desenvolver um novo olhar crítico sobre a importância do trabalho deste profissional que é essencial para o bom funcionamento de qualquer unidade de ensino. É fundamental que o professor, adote medidas metodológicas que possam atrair a atenção do alunado para melhor compreensão dos temas abordados e do desenvolvimento do processo ensino aprendizagem.

Discutir a temática dos resíduos sólidos e toda a problemática ambiental relacionando com os temas ambientais, despertou no alunado outra percepção sobre a ciência geográfica, pois, o seu objeto de estudo o espaço geográfico é influenciando diretamente com os problemas ambientais decorrentes dos resíduos sólidos e, que estes devem receber todo o tratamento e, a reciclagem pode proporcionar e amenizar tal problema.

Portanto, considera-se de fundamental importância para o acadêmico de licenciatura em geografia, ter suas experiências práticas, visto que, somente o conteúdo teórico em si, não capacita o indivíduo para a realidade e adquirir habilidades para gerenciar as diversas situações que surgem em sala de aula.

REFERÊNCIAS

DIAS, G. F. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. São Paulo, Gaia, 1992.

EFFTING, T. R. **Educação Ambiental Nas Escola Públicas: Realidade E Desafios**. Paraná, 2007.

FIGUEIREDO, P. J. M. **A sociedade do lixo: os resíduos, a questão energética e a crise ambiental**. 2.ed.Unimep: Piracicaba, 1995.

FIGUEIREDO, N. M. A. **Método e metodologia na pesquisa científica**. 2ª ed. São Paulo. 2007.

PADILHA, A. C. M., SILVA, T. N., SAMPAIO, A., **Desafios de Adequação à Questão Ambiental no Abate de Frangos: O caso da Perdigão Agroindustrial** – Unidade Industrial de Serafina Corrêa – RS, Teoria e Evidência Econômica, Passo Fundo, v. 14, Ed. Especial, 2006.

PIMENTA, S. G. **O estágio e a docência**. São Paulo: Cortez. 2004.

PIMENTA, S. G. **O Estágio na Formação de Professores – Unidade Teoria e Prática?** São Paulo: Cortez, 2006.

PLOTZKI, A.M. **Educação Ambiental no ensino fundamental - Desafio ou utopia?** Estudo de caso em Escolas Públicas de Presidente Prudente-SP. Presidente Prudente, 2000. (Dissertação de Mestrado).

SAIKI, Kim; GODOI, Francisco Bueno de. **A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado.** In: PASSINI, Elza Yasuko; MALYSZ, Sandra T.(Orgs.). Prática de Ensino de Geografia e Estágio Supervisionado. 2ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço Técnica e Tempo. Razão e Emoção.** 2. ed. Hucitec: São Paulo, 1997.

SILVA, F. S. Geografia e meio ambiente: uma análise da legislação dos resíduos. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental.** v(5), n°5, p. 670 - 681, 2012.

SUERTEGARAY, D. M. A. **A problemática ambiental.** In: SILVA, J. B.; LIMA, L. C.; DANTAS, E. W. C. (Orgs). Panorama da geografia brasileira II. São Paulo: Annablume, 2006.

XAVIER, I.M.; FERNANDES, F.D., CERIBELLI, M.I.P.F. **Diretrizes curriculares: articulação do texto e contexto: breve comentário.** São Paulo. 2002.

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A FORMAÇÃO DO DOCENTE EM GEOGRAFIA

Micaela da Silva Targino

Graduanda em Geografia

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG/CFP

kltargino0808@gmail.com

RESUMO

O Estágio Supervisionado, componente curricular teórico-prático, oportuniza a aprendizagem discente na formação em licenciatura. Este trabalho apresenta experiências realizadas na disciplina Estágio Supervisionado em Geografia II e reflexões sobre o Estágio Supervisionado, sua importância para a formação docente, no curso de Licenciatura em Geografia do Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, situada em Cajazeiras - PB, período 2014.1. Apresenta reflexões acerca do Estágio Supervisionado realizado na turma de 6º Ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Manoel Manguera Lima, neste município, no período de abril a agosto de 2014. As metodologias utilizadas foram questionários, entrevistas, observações diretas com alunos e a professora da Turma. O artigo apresenta: a-

importância do estágio para a formação do docente em geografia; b- o local e os sujeitos da pesquisa e da realização do Estágio: a escola, a professora e os alunos; c- abordagem da temática, metodologias e os resultados alcançados no estágio; d- o estágio docência da teoria a prática e a conclusão sobre a importância do estágio. Os resultados obtidos demonstram resultados positivos na aprendizagem dos alunos e na nossa formação.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Estágio Supervisionado. Formação Docente.

1 – INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado consiste numa atividade curricular obrigatória e de preparação do aluno em processo de formação em cursos de licenciaturas, momento em que é acompanhado por um professor orientador, o qual avalia o desenvolvimento e a aprendizagem vivenciados pelo aluno, durante a realização do estágio.

Segundo Santos (apud Oliveira, 2013, p.59) “O estágio supervisionado possibilita um aprendizado imperativo para que os licenciados possam refletir acerca da docência, teorizando sobre o seu objeto de estudo e de ensino na perspectiva da realidade que vivenciará na condição de docente”. Ou seja, deverá servir como visão da realidade profissional, aproximando os conhecimentos acadêmicos das práticas a serem desenvolvidas no processo ensino-aprendizagem.

Ainda sobre a visão de Santos (apud Oliveira, 2013, p.59) “Compreender o que representa o estágio para a formação inicial é uma questão fundamental para vivenciá-lo na prática do cotidiano educacional, ou seja, para a profissão docente”. Partindo desse princípio o estágio é considerado um fator indispensável no processo de formação do docente, na qual exercitará a teoria vista em sala de aula.

O presente trabalho busca apresentar os resultados da experiência no ensino de geografia realizada na turma do 6º ano do ensino fundamental da escola de rede pública Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Manoel Mangueira Lima, localizada na Rua José Leite de Oliveira, bairro Pôr do Sol, na cidade de Cajazeiras/PB, como atividade prática da disciplina de Estágio Supervisionado em Geografia II, do curso de Licenciatura em Geografia na Universidade Federal de Campina Grande/UFCG, no período de abril a agosto do ano de 2014.

O texto se apresenta em quatro partes, incluindo a introdução e os resultados finais, sendo a primeira parte a importância do estágio para a formação do docente em geografia; a segunda, uma breve contextualização sobre o local e os sujeitos da pesquisa e da realização do Estágio: a escola, a professora e os alunos; a terceira, refere-se a abordagem da temática e as metodologias; finalizando com ao estágio docência: da teoria à prática.

2 – Importância do Estágio para a Formação Docente em Geografia

Ao analisar o processo de formação do professor de geografia, veremos que esta inclui desde a formação teórica acadêmica, até a prática vivenciada nas escolas. O estágio é, portanto a base para que o graduando se depare com a realidade, perceba que há desafios e limites pelo caminho, e, que se torne capaz de atuar profissionalmente no futuro.

A experiência do estágio é essencial para a formação integral do aluno, considerando que cada vez mais são requisitados profissionais com habilidades e qualificações. Ao chegar à universidade o aluno se depara com o conhecimento teórico, porém muitas vezes, é difícil relacionar teoria e prática se o estudante não vivenciar momentos reais cotidianos.

O Estágio Supervisionado é uma experiência em que o discente estagiário mostra sua criatividade, independência e ética. Além do cumprimento de exigências acadêmicas, ele oportuniza crescimento pessoal e profissional, além de constituir-se como importante instrumento de integração entre a universidade, a escola e a comunidade.

O Estágio Supervisionado é muito importante para a aquisição da prática profissional, pois durante esse período o aluno pode colocar em prática todo o conhecimento teórico que adquiriu durante a graduação. Além disso, o estudante aprende a resolver problemas e passa a entender a grande importância que tem o educador na formação pessoal e profissional de seus alunos. Afirma Buriolla (2001):

O estágio é concebido com um campo de treinamento, um espaço de aprendizagem do fazer concreto, onde um leque de situações, de atividades de aprendizagem profissional que se manifestam para o estagiário, tendo em vista sua afirmação.

A cada dia de estágio o estagiário se aperfeiçoa ainda mais para a sua vida profissional, visto que, está aprendendo a todo instante situações novas com o alunado, estando assim aperfeiçoando seus conhecimentos a partir da realidade em sala de aula com os estudantes.

3 – O Local e os Sujeitos da Pesquisa e da Realização do Estágio: Escola, Professora e Alunos

O Estágio Supervisionado realizou-se na turma do 6º ano do Ensino Fundamental da escola de rede pública Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Manoel Mangueira Lima, localizada na Rua José Leite de Oliveira, bairro Pôr do Sol, na cidade de Cajazeiras/PB, como atividade prática da disciplina de Estágio Supervisionado em

Geografia II, do curso de Licenciatura em Geografia na Universidade Federal de Campina Grande/UFCG, no período de abril a agosto do ano de 2014.

Foto01: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Manoel Mangueira Lima



Fonte: Saraiva, 2014.

A escola dispõe de considerável estrutura física, pois dispõe de uma diretoria, oito salas de aula, uma secretaria, uma biblioteca, uma sala para os professores, um laboratório de informática, uma quadra esportiva, uma cantina com um pátio para refeições e, três banheiros. Ainda dispõe de recursos como TV, DVD, data show, entre outros. Encontra-se arborizada em seu interior e realiza coleta seletiva de resíduos.

Durante o estágio fomos acompanhados/orientados pela professora da sala de aula, na escola, a senhora Maria Girleide Ramalho, Licenciada em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba, Especialista em Análise Regional do Nordeste, também pela Universidade Federal da Paraíba e, em Geopolítica e História pela Faculdade Integrada de Patos (FIP). Atualmente, a referida Professora trabalha como docente da disciplina

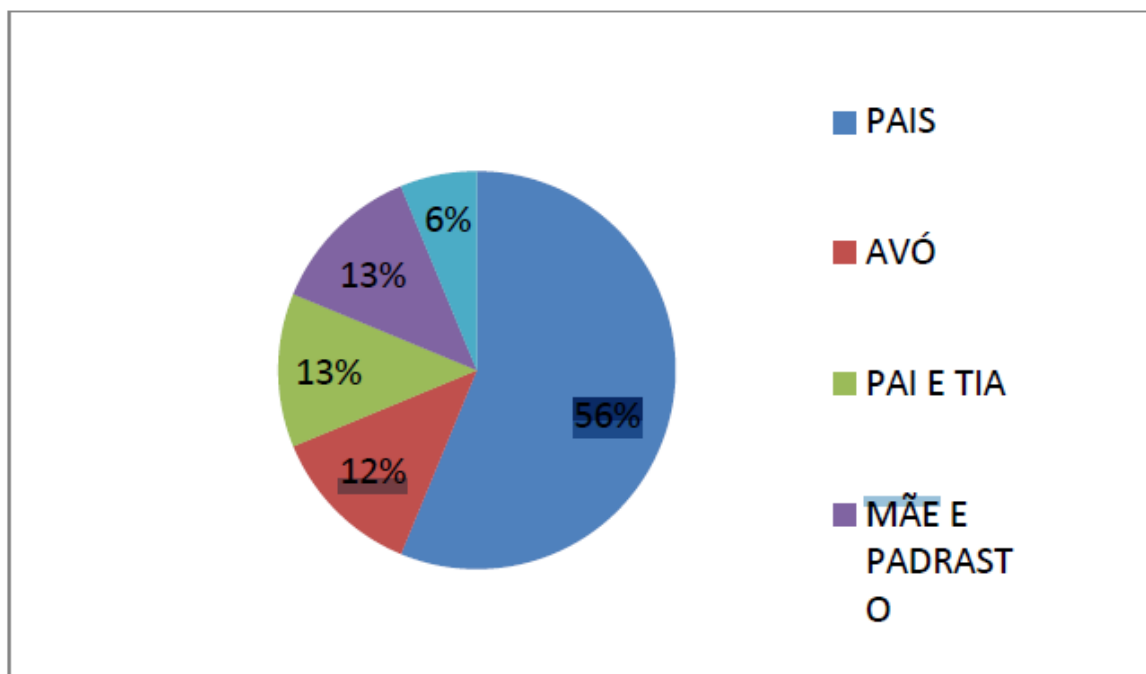
Geografia, na Escola Estadual de Ensino Médio e Fundamental Professor Manoel Manguera Lima.

Em entrevista realizada com a Professora, no dia 14 de julho de 2014, a professora afirmou-nos que as principais dificuldades que enfrenta para trabalhar com os alunos são a falta de responsabilidade e de vontade de estudar por parte dos alunos. Como sugestão para a melhoria das aulas, considerando a construção dos saberes geográficos, a professora propôs que gostaria de ter a família do aluno como parceria, algo que estimule os alunos a gostar de estudar, ter salas com recursos tecnológicos e, que houvesse transportes para trabalhar com aulas de campo.

Os alunos atendidos na escola, especificamente na sala onde realizou-se o estágio, são dezesseis alunos, os quais residem na cidade, apresentando faixa etária entre 12 e 16 anos, sendo 56% são do gênero masculino e, 44%, do sexo feminino.

Através de questionários os alunos foram entrevistados e nos afirmaram que pertencem a famílias de composições distintas, dentre os quais, os pais, os avós ou outros familiares, conforme demonstramos a seguir.

Gráfico 01: Composição Familiar dos Alunos



Fonte: Targino 2014. Pesquisa direta, questionário aplicado junto a 16 estudantes.

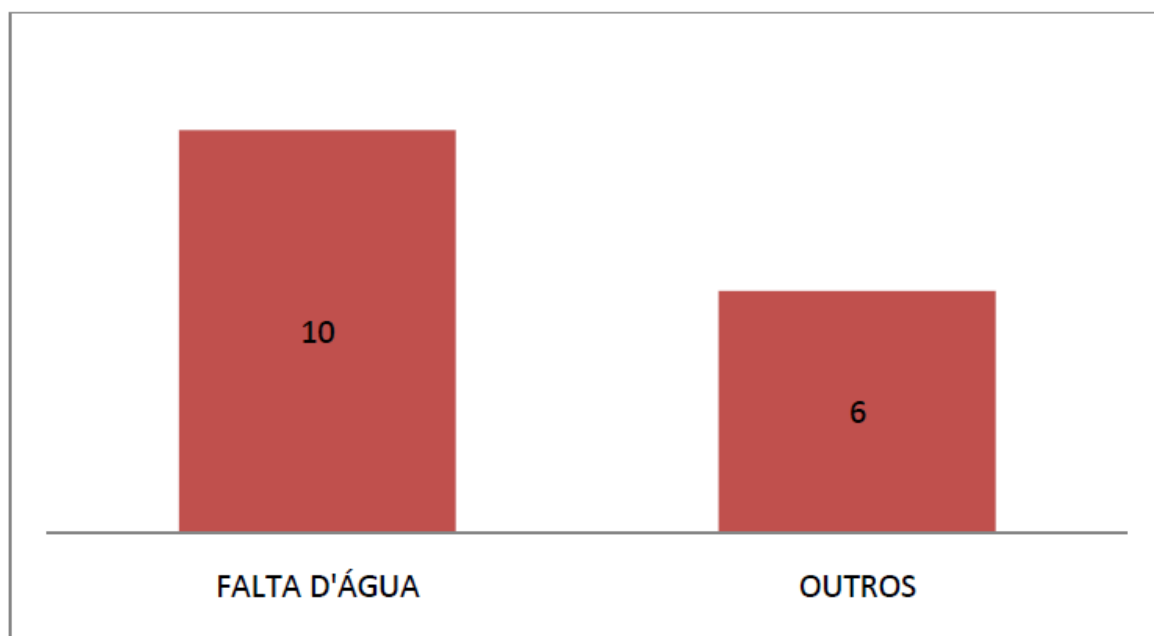
Os responsáveis pelos alunos exercem atividades econômicas como: pedreiro, técnica de enfermagem, costureira, lojista, doméstica, motorista, moto-táxi, lavador de carro, advogado, gesseiro, vendedor, e empresário.

4 – Análises da Temática e a Metodologia Apropriada

Analisando alguns temas relevantes para a sociedade observamos os questionários respondidos pelos alunos, os quais enfatizaram a problemática da falta de água que está se agravando cada dia. Por esse motivo, decidimos desenvolver as aulas trabalhando sobre conscientização ambiental: “Falta d’água” com o objetivo de levar ao conhecimento dos alunos os prejuízos causados por essa falta de água, acreditando que estes possam contribuir na preservação do meio ambiente, considerando-se que a água é essencial para a nossa sobrevivência.

O tema das aulas proposto a partir do projeto de estágio intitulado “O Problema da escassez de água” se deu a partir das respostas aos questionários pelos próprios alunos, os quais afirmaram que a escola sofre a falta d’água como principal problema enfrentado pela escola, conforme demonstrado no Gráfico 2.

Gráfico 02: O que Mudaria na Escola



Fonte:Targino 2014. Pesquisa direta, questionário aplicado junto a 16 educandos.

O processo metodológico se deu a partir de aulas expositivas dialogadas, com apresentação em slides, através do data show, construção de cartazes com a utilização de cartolinas, lápis colorido, cola, fita, tesoura e lápis, e interpretação de música que aborda o tema, momento em que nos utilizamos também de computador, caixas de som, lápis e caderno.

5 – Estágio Docência: da Teoria à Prática

Ser professor na disciplina de geografia não é uma tarefa fácil nos dias atuais, considerando que a sociedade não vê a matéria importante para a vida social, por esse motivo cabe ao professor despertar nos alunos o interesse pela disciplina, mostrando-lhes que a geografia vai muito além da teoria, da decoreba, das aulas chatas. A ciência geográfica é um processo de conhecimento que adquirimos todos os dias e por essa razão temos que instigar no alunado a curiosidade de aprender e entender essa disciplina.

Conforme Oliveira (1997, p.217):

Ensinar é provocar situações, desencadear processos e utilizar mecanismos intelectuais requeridos pela aprendizagem, que permitirá aos professores empregarem métodos ativos, para engendrar a ação didática em bases sólidas, evitando tentativas ensaios e práticas infrutíferas, demasiadamente perigosas, sobretudo quando as ações são exercidas sobre crianças e adolescentes.

No desenvolvimento do docente é essencial ver novas teorias acerca dos conteúdos, dessa forma trabalhamos na universidade assuntos que nos ajudaram a compreender o processo de formação como futuro profissional, e como trabalhar de maneira qualitativa visando o aprendizado dos alunos.

Partindo desse princípio fomos preparados para irmos às escolas observarmos os métodos de ensino, como também outras práticas lá exercidas. Em seguida, fomos até a instituição solicitar permissão à Coordenação escolar para estagiarmos na referida escola. Após a permissão a diretora da escola alertou-nos que, “a turma era muito trabalhosa, que às vezes ocorria brigas entre os próprios estudantes, e que por isso, tivesse pulso firme com eles”.

O posicionamento da diretora em relação a turma demonstrou por um lado, uma atitude estigmatizada em relação aos alunos, e, por outro, a relação conflituosa existente, demandando a necessidade de providências em relação à autoridade do estagiário. Nessa perspectiva alerta Souza (2013, p.110) acerca da autoridade dialogada, mas não autoritária:

É papel do professor o exercício da autoridade, porém, há de ser uma autoridade dialogada, que respeite as diferenças, que considera o aluno como em ser fundamental para o grupo,

que encante o aluno em seu processo de construção do conhecimento. Enfim, não se controla mais o aluno pelo medo, pela força, nem pela prova e ou pelo castigo.

As palavras ditas pela diretora são expressivas, porém não há conceito formado para definir uma „turma trabalhosa“ segundo ela afirmou. Reverter o quadro conflituoso da turma pode acontecer através de métodos e recursos utilizados para ministrar uma aula, contribuindo para que os alunos tenham interesse pela disciplina oferecida.

Seguindo nossa observação, o segundo passo foi observar como funcionavam as regras dentro do espaço escolar, como também analisar as aulas da professora, seus métodos de ensino, como também todo o ambiente que envolvia a escola. Entre as observações realizadas foi constatada a falta de indisciplina dos professores quanto à pontuação, visto que os mesmos faltam muito às aulas, logo os alunos ficam com aulas vagas o que vêm a prejudicá-los na vida estudantil.

O terceiro passo foi desenvolver os questionários junto aos alunos e a professora. Por meio desses questionários obtivemos resultados que nos ajudaram na escolha do tema a ser trabalhado, além de conhecermos um pouco sobre a realidade de cada um, facilitando, portanto a estudar possíveis metodologias e métodos para desenvolvermos a regência em sala de aula.

Conhecendo um pouco da realidade da escola, dos alunos e do professor, passamos a discutir a temática, a partir da qual elaboramos os planos de aula, para posteriormente efetuar a prática. Contudo, sabemos que não há fórmulas prontas para se trabalhar a educação e o ensino de geografia, podendo deparar-se com futuras eventualidades no processo de ensino. Preparamos então três planos de aula, sendo dois para 90 minutos de aula e, o terceiro para 45 minutos.

No primeiro dia de estágio conversamos com os alunos sobre qual tema seria importante discutirmos, partindo das respostas dos questionários. Assim, perguntamos-lhes sobre o porquê da escolha do tema, a água e os mesmos afirmaram estar relacionado a constante falta de água na escola.

Para discussão da temática utilizamos o computador e o data show como recursos didáticos e a aula foi expositiva dialogada com apresentação de slides para explicar o conteúdo.

Apresentamos o conceito da temática abordada que segundo Miranda(2004, p, 17) “é uma substância química composta de hidrogênio e oxigênio, sendo essencial para todas as formas conhecidas devida na Terra, cobrindo cerca de 71% da superfície”, e em seguida a importância que tem a água para as nossas vidas, e juntos identificamos quais os principais motivos ou registros de desperdícios de água ocorridos na escola, os mesmos citaram vários

casos, sendo eles: torneira do bebedouro aberto, lavar pátio da escola três vezes no dia, entre outros.

No segundo momento da aula, explicamos a necessidade de conservação da água, e a partir daí refletiu-se sobre as consequências dos atos humanos na conservação da água. Avaliamos através da participação e do entendimento dos alunos acerca do tema abordado. Ao término da aula solicitamos que todos trouxessem para a aula seguinte recortes de revistas que ilustrassem desperdícios de água.

Na semana seguinte retornamos a escola para mais um momento do estágio. Ao adentrar a sala observamos que a turma estava um pouco mais agitada que na aula passada. Sensibilizamos a turma e os mesmos foram aos poucos se acalmando. Revisamos o conteúdo da última aula e sugerimos que construíssem cartazes sobre como evitar o desperdício d'água.

Percebemos que nenhum aluno havia trazido os recortes solicitados, quando partimos para o desenho em cartolinas. A atividade improvisada gerou entusiasmo, e os alunos foram orientados a formarem quatro grupos para a confecção dos cartazes.

Os resultados obtidos na produção dos trabalhos foram positivos, visto que todos se empenharam para cumprir o que foi pedido.

Foto 02: Construção de Cartazes pelos Alunos



Fonte: Targino, 2014.

Porém, enquanto os estudantes realizavam o exercício, a professora chamava alguns alunos para conversar sobre determinados problemas que estavam acontecendo 9

com eles na vida pessoal, com a intenção de aconselhá-los a ir para melhores caminhos. Diante disso, foi muito interessante a atitude tomada pela professora, visto que, às vezes, os educando chegam até a escola revoltados, despercebidos as disciplinas, com modos impróprios, quando na verdade estão passando por questões próprias, precisando apenas de atenção, atenção essa que não recebem em casa da família.

Esse acontecimento ocorrido em sala no período de estágio foi muito significativo, considerando que o professor precisa estar preparado para trabalhar com os estudantes, logo problemas inesperados sempre podem aparecer e lidar com eles não é tarefa fácil, sendo assim com a experiência obtida na aula foi positiva e a avaliação foi dada através da produção dos cartazes, na qual por meios desses os alunos demonstraram o aprendizado.

Chegado o terceiro e último dia de estágio,houve-se a necessidade de avaliá-los, a partir de reflexões sobre a importância de evitar o desperdício da água e as conseqüências para a permanência da vida no planeta, mais uma vez foi discutido algumas estratégias para mitigar o desperdício da água. Em seguida, os alunos concentraram-se ouvindo a música Terra Planeta Água na voz de Sandy e Júnior, e fizeram a análise da música em forma de desenho.

Foto 03: Interpretação da Música em Forma de Desenho



Fonte: Targino, 2014.

Observamos no momento da música que todos os estudantes ficaram atentos a letra da canção, fato interessante, visto que a diretora definiu a turma como trabalhosa. Mais uma vez cabe-se perguntar: será mesmo que há turma trabalhosa, ou será a falta de novos métodos a se trabalhar que torna os estudantes desinteressados pelas aulas? Os estudantes afirmaram a escolha do recurso usado muito interessante, sendo que não 10

havia trabalhado com a música antes, e disseram que com novos métodos de ensino utilizados seria mais fácil a compreensão dos conteúdos.

Com base na realidade vivenciada na escola, é fato que a teoria é vista de uma maneira muito básica, e somente na prática adquirimos o verdadeiro conhecimento que precisamos para o processo de docente. O professor precisa estar preparado para lidar com possíveis eventos não planejados, assim como aconteceu no momento da aula, em que a professora conversou com alunos sobre a vida pessoal dos mesmos.

Segundo Callai (apud Pontuschka, 2012, p. 255) “É de importância inequívoca que o professor conheça tanto de sua ciência, como os fundamentos que lhe deram origem, assim como do pedagógico, do que significa aprender, no sentido de construir um conhecimento próprio”. É com base na prática, que cada educador desenvolve seu método de ensinar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das observações realizadas no estágio tanto quanto à execução das aulas, foi de extrema importância para a formação como futura docente, pois a cada dia foram adquiridas novas experiências, e novas formas de pensar em como trabalhar na prática com os alunos, visando à realidade dos mesmos. Dessa forma, ficou claro que planejar a aula é preciso, porém, nem sempre é possível obter a execução do planejamento, nesse caso, o principal objetivo esperado é o aprendizado dos alunos.

Assim, é necessário, que o professor esteja sempre se aperfeiçoando de forma contínua devendo ser consciente que ele é um agente transformador, buscando conhecimento para poder criar e recriar novas técnicas que possam contribuir para aprendizagem dos educandos, e que estes possam ser aprendizes e construtores do conhecimento através da mediação do professor.

Portanto, o Estágio supervisionado, contribuiu de forma eficaz para nossa formação profissional, como também nos proporcionou o contato social através da interação com os alunos e professor, onde podemos perceber os problemas que afligem a educação e principalmente o ensino de geografia por fazer parte do currículo com uma carga mínima para serem trabalhados com os alunos do ensino fundamental. Assim, o estágio foi de grande relevância, pois adquirimos experiências que servirão de reflexão para nossa prática docente enquanto futuros professores de geografia.

Os resultados alcançados foram satisfatórios, no ponto de vista que os alunos interagiram uns com os outros, debateram alguns pontos como o desperdício e a forma de economizar a

água, e se comportaram bem no sentido de ouvir com atenção a explicação para depois colocarem as devidas opiniões. Além disso, os planejamentos das aulas foram executados com sucesso, no devido horário e nesse sentido ficou claro que compreenderam o assunto, tornando assim o trabalho de estágio proveitoso.

REFERÊNCIAS

ALBQUERQUE, Maria Aldaiza Martins de. FERREIRA, Joseani Abílio de Souza. **Formação, pesquisa e práticas docentes: reformas curriculares em questão**. Editora Mídia. João Pessoa, 2013. p.59.

BURIOLLA, Marta A. F. **O estágio supervisionado**. São Paulo: Cortez, 2001.

MIRANDA, Evaristo Eduardo de. **A água na natureza e na vida dos homens**, Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2004.

OLIVEIRA, Lívia de. **Estudo metodológico e cognitivo do mapa**. Tese de livre-docência. Rio Claro: IGGE/ UNESP, 1997.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. 4. Ed- São Paulo : Contexto, 2012.

SOUZA, Vanilton Camilo de. **O processo de construção do conhecimento geográfico na formação inicial de professores**. Goiânia: IESA/ UFG, 2009. Tese de Doutorado. Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Goiás.

DESAFIOS DO ESTÁGIO DOCÊNCIA: DO PLANEJAMENTO À SALA DE AULA

Maglandyo da Silva Santos

magdanca@gmail.com

Graduando da Universidade Federal de Campina Grande (CFP/UFCG)

RESUMO

O estágio supervisionado é uma etapa obrigatória dos cursos de formação de professores, tanto por questões legais, quanto por sua importância na formação inicial dos futuros profissionais da educação, uma vez que possibilita ao estagiário as vivências necessárias para a formação acadêmico-docente. Desse modo, este trabalho objetiva apresentar os

resultados das discussões realizadas na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Geografia II, referentes aos pressupostos de uma Educação por Competência Cidadã (SILVEIRA, 2010) e as experiências vivenciadas no Estágio docência, no período entre maio e agosto de 2014, desde o planejamento à concretização das aulas. O artigo compreende cinco partes, incluindo introdução e considerações, quais sejam: a- A educação por competências em foco e a formação de educadores em Geografia; b- O ambiente escolar e o ensino de geografia; c- o Estágio docência e as práticas de ensino em Geografia. Finalmente, posicionamo-nos acerca do Estágio Docência como atividade indispensável à formação docente quando o profissional apreende outros conhecimentos para além da teoria desenvolvida na Academia, especialmente quando parte de um projeto de educação contextualizada, cujos significados refletem-se na formação de sujeitos libertos e emancipados.

Palavras-chave: Estágio docência – Ensino de Geografia – Educação por Competência Cidadã.

INTRODUÇÃO

Primeiramente, este trabalho nasce na perspectiva da obtenção de nota para a conclusão da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Geografia II, no curso de Licenciatura em Geografia, oferecido pela Universidade Federal de Campina Grande, situada na cidade de Cajazeiras PB, mesorregião do Sertão Paraibano. Parte das discussões ocorridas na Academia com o objetivo de preparar os estagiários para as futuras experiências do estágio supervisionado e para a carreira na educação.

Partindo para a prática docente, o estágio foi desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Crispim Coelho, situado na cidade de Cajazeiras PB. Ocorreu no período de maio a agosto do ano corrente, tendo como turma assumida o 6º ano B da instituição de ensino.

Foi-nos proposto pela professora da disciplina de Estágio II, professora Dr. Iveralda Dantas Nóbrega Di Lorenzo, a aplicação de um projeto de estágio que viesse concretizar as discussões realizadas em sala sobre Educação por Competência Cidadã (SILVEIRA, 2010) numa turma do Ensino Fundamental, Anos Finais. Este projeto foi construído a partir da temática “Clima”, assunto que seria desenvolvido pelo professor titular da turma, seguindo o currículo oficial da escola e a sua programação de aulas.

Seguimos as seguintes etapas: o período mínimo de um dia de observações da escola e da turma, a aplicação de questionários com os alunos e uma entrevista com o professor (entrevista gravada) para só então, aplicarmos o projeto em 6 aulas. Tomamos como metodologia principal a aula expositiva dialogada e os recursos utilizados foram o quadro branco, projetor multimídia, globo terrestre, cartaz, vídeos, música e um instrumento

musical (pandeiro). A avaliação ocorreu na observação do desempenho da turma em resolver problemas e questionamentos realizados em sala acerca da temática “Clima”, em consenso com seus conhecimentos prévios.

Fica explicitado no decorrer do trabalho como ocorreram as vivências do estágio docência: o que foi proposto e planejado para fazer que pode ser concretizado e o que não foi conseguido, os desafios, os resultados positivos e os pontos a crescer; enfim, faremos uma avaliação da experiência do estágio e o que ele refletiu/refletirá da formação acadêmica dos Graduandos em Geografia.

1. A EDUCAÇÃO POR COMPETÊNCIAS EM FOCO E A FORMAÇÃO DE EDUCADORES EM GEOGRAFIA

A Educação vem passando por intensas mudanças ideológicas e estruturais no que diz respeito os objetivos aos quais ela almeja alcançar, sendo a educação a esfera da sociedade que compete instruir seus membros para a realidade onde vivem. Hoje buscamos superar, de um modo geral, a Educação Tradicional (ainda presente no dia a dia escolar) e propor uma educação libertadora e que acompanhe as mudanças da sociedade atual.

LIBÂNEO (1994, p. 18) contribui nesta discussão ao afirmar que a educação seria socialmente determinada, pois “a prática educativa, e especialmente os objetivos e conteúdos do ensino e o trabalho docente, estão determinados por fins e exigências sociais, políticas e ideológicas”. Ou seja, ao passo que a sociedade evolui, a educação tende a sofrer alterações para conseguir atender às demandas atuais desta sociedade e de seus grupos hegemônicos.

Isso reflete no tipo de Geografia que vamos aplicar em sala de aula e na sociedade a qual vamos inserir nossos alunos, preparados ou não para às novas dinâmicas sociais do trabalho. Para superar a educação tradicional já citada, precisamos então pensar e promover, segundo Silveira (2010) uma Reforma Curricular que compreenda os seguintes contextos atuais: o *espaço-temporal*, o *epistemológico*, o *cultural-educacional* e o *jurídico-legal*.

Segundo a autora, fazendo tal reforma estamos cumprindo com as finalidades escolares atuais de *socialização cultural* por uma educação como patrimônio universal: um bem primeiramente político e não mercantilizável. Pontuschka e Oliveira (2004, p. 218) atestam que:

O ensino/aprendizagem da Geografia deveria ser planejado no todo,

compreendendo os diferentes níveis de ensino, atendendo às diferenças, aos interesses e às necessidades das diversas clientela, considerando o desenvolvimento intelectual e visando a formação de uma cidadania responsável, consciente e atuante.

O ensino de Geografia aqui é entendido de uma forma mais global e horizontal, levando em conta não apenas “*o que ensinar*” aos alunos, mas o “*como ensinar?*” e o “*para que ensinar?*” determinados conteúdos. Por isso que para pensar uma nova Geografia, faz-se urgente pensar uma nova Educação: uma *Educação por Competência Cidadã*. Este pressuposto de educação por competência busca, além disso, mobilizar saberes em situações reais e contextualizadas; contemplar a escolaridade que vá além de ensinar a ler, escrever e contar; e conceber o processo de ensino a partir da Ética para o Outro (SILVEIRA, 2010).

Creemos que esse projeto de educação precisa ser posto em prática no dia a dia de sala de aula, em todas as suas esferas: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio; Educação do Campo, Quilombola e Indígena; Educação de Jovens e Adultos (EJA), Educação Inclusiva e no Ensino Superior. Nesta última, a Educação por Competência Cidadã torna-se ainda mais urgente nos cursos de licenciatura: os futuros profissionais que ali se formam, carecem tomar partido desta postura educacional e têm eles no estágio supervisionado, o ambiente para colocá-la em prática. Santos (2013, p. 59-60) contribui:

O estágio supervisionado possibilita um aprendizado imperativo para que os licenciandos possam refletir acerca da docência, teorizando sobre o seu objeto de estudo e de ensino na perspectiva da realidade que vivenciará na condição de docente. [...] Compreender o que representa o estágio para a formação inicial é uma questão fundamental para vivenciá-lo na prática do cotidiano educacional, ou seja, para a profissão docente.

O estágio tem esse e outros objetivos a cumprir: é uma experiência de aprendizado muito importante para um futuro educador. Portanto, seguindo tais concepções de educação, partimos para o estágio docência na EEEFM Professor Crispim Coelho com o objetivo principal de fomentar o ensino-aprendizagem significativo de nossos alunos. Acreditando neste pressuposto, realizamos o estágio e apresentamos a baixo as experiências obtidas.

3. O AMBIENTE ESCOLAR E O ENSINO DE GEOGRAFIA



Imagem 01 – EEEFM Professor Crispim Coelho. Portão de entrada da instituição, local onde os alunos esperam o horário de entrar na escola e lá, professores, alunos e demais funcionários, estacionam suas motos e carros. Foto: Acervo pessoal.

O estágio teve início no dia 19 de maio do ano corrente com a observação da escola escolhida. A chamada Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Crispim Coelho (**imagem 01**) é localizada na Avenida Pedro Moreno Gondim (s/n), bairro dos Remédios, município de Cajazeiras - PB, mesorregião do Sertão Paraibano.

A instituição funciona semanalmente, durante os três períodos há 53 anos nos níveis de Ensino Fundamental II, Ensino Médio e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Segundo a própria Direção da escola, ali também funciona aos sábados os cursos de graduação em Serviço Social, Educação Física e Administração de Empresas, por meio do Centro de Formação Técnico e Superior em Extensão (CETECS BRASIL). Sua estrutura física tem uma área de 9.471 m², espaço para estacionamento, 12 salas de aula, sala de vídeo, sala dos professores, coordenação, miniauditório e uma cozinha com dispensa.

A turma na qual será realizado o estágio docência é a do 6º ano B, composta atualmente por 13 alunos: conforme nos informou o professor titular, 10 alunos haviam sido remanejados

recentemente em função da defasagem idade-série para um programa de aceleração da aprendizagem para conclusão do Ensino Fundamental no período de um ano.

No dia 26 de maio foi observada a aula do professor da turma, Leandro Gonçalves Moraes, graduado em Geografia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) no ano de 2008 e pós-graduado em nível de Especialista em Geografia pela mesma universidade, no ano de 2009. Durante a aula (de temática “Água”) ele utilizou-se dos recursos quadro branco e o globo terrestre, e como metodologia a aula expositiva. A aula centrava-se na fala do professor, mas nas poucas vezes que os alunos eram chamados a atenção, acontecia breves relatos acerca de algum fato de suas vivências cotidianas relacionadas à água.

No dia 02 de junho propomos um questionário para a Turma e este foi prontamente respondido pelos 09 alunos presentes (69,2%). Constatamos inicialmente serem 06 alunos do sexo feminino e 03 do sexo masculino na faixa etária entre os 11 e 13 anos. Observou-se que 07 deles são nascidos na cidade de Cajazeiras (os outros dois são das cidades de Barbalha-CE e de São Paulo-SP) e que a renda familiar é essencialmente baixa (entre 01 e 05 salários mínimos), como mostra a **tabela 01**:

ALUNOS	RENDA FAMILIAR MENSAL
02	Abaixo de 01 salário
05	Entre 01 e 05 salários
01	Entre 05 e 10 salários
01	Não sabe

Tabela 01 – Renda familiar. Aqui os alunos responderam o quanto todos os membros da família arrecadam dentro de um mês de trabalho para atender as suas necessidades básicas FONTE: Pesquisa Direta. Questionário aplicado junto a 09 educandos no dia 02 de junho de 2014.

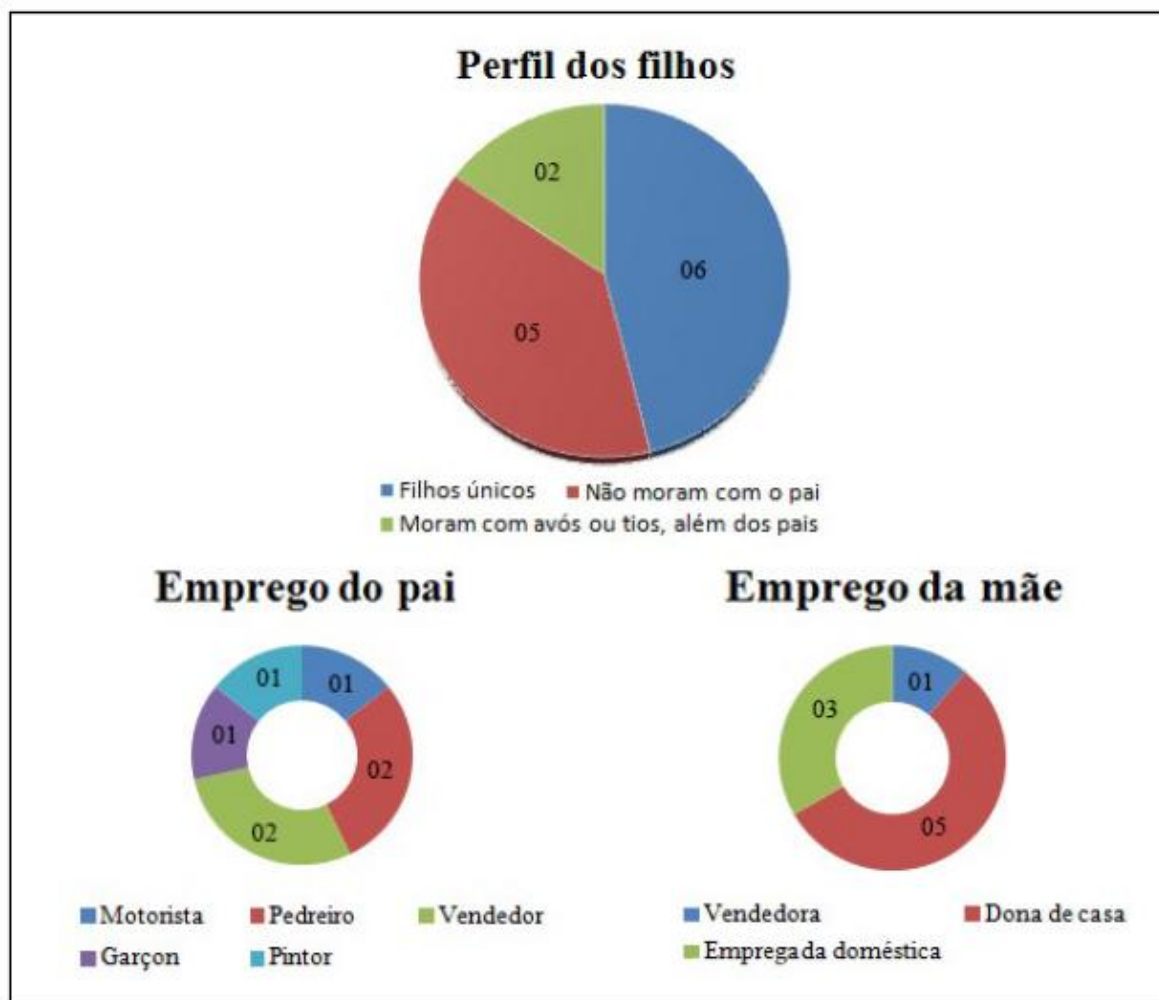


Gráfico 01 – Perfil familiar. Neste gráfico estão representados as companhias dos alunos em casa (irmãos, pais e outros membros que convivem com eles), além dos empregos de seus pais. FONTE: Pesquisa Direta. Questionário aplicado junto a 09 educandos no dia 02 de junho de 2014.

Ainda sobre o perfil de suas famílias, notamos que os membros que as constitui (pai, mãe, filhos e outros), além das atividades trabalhistas dos membros que sustentam a família são bem diversificadas, como fica demonstrado do **gráfico 01** (apresentado acima).

Referente ao ensino oferecido pela escola, 07 alunos afirmam gostar da instituição em virtude da qualidade das aulas, mas também falam que ela ainda precisa de uma reforma em sua estrutura física, além de necessitar providências em sua estrutura curricular e pedagógica para diminuir a violência.

PREFERÊNCIAS DOS ALUNOS PELAS DISCIPLINAS		
Disciplinas	Gostam	Não gostam
PORTUGUÊS	02	05
MATEMÁTICA	04	05
GEOGRAFIA	07	02
HISTÓRIA	04	01
CIÊNCIAS	08	01
INGLÊS	02	03
ARTES	03	01
ENSINO RELIGIOSO	02	01
EDUCAÇÃO FÍSICA	01	00

Tabela 02 – Preferências dos alunos pelas disciplinas. FONTE: Pesquisa Direta. Questionário aplicado junto a 09 educandos no dia 02 de junho de 2014.

Quando perguntados sobre as suas preferências quanto às disciplinas escolares (**tabela 02**) tivemos como resultado inicial que as duas disciplinas que eles mais apreciam são Ciências e Geografia, já as que eles menos gostam são Português e Matemática. Vale ressaltar que a pergunta era subjetiva, logo os alunos citavam apenas as disciplinas que *mais gostavam* ou *menos gostavam*, por isso nem todas foram citadas, refletindo no baixo resultado de algumas delas, a exemplo, Ensino Religioso. Perguntamos também se eles gostavam da forma com o professor de Geografia ensinava e tivemos uma resposta positiva: 07 educandos disseram gostar de seus métodos, inclusive os avaliativos.

Ainda sobre a disciplina, foi perguntado o que a Geografia estuda (**gráfico 02**): as respostas demonstram que conteúdos da Geografia Física (ainda que superficialmente) foram mais lembrados pelos alunos que os da Geografia Humana, ou seja, a turma pareceu apreciar a disciplina de Geografia, mais pela atuação do professor (já que afirmam gostar das aulas) que pelas questões levantadas pela disciplina em si.

Avaliando as respostas dadas ao item presente no gráfico acima, foi possível verificar que os alunos apresentam pouco aprofundamento nas discussões e temáticas geográficas: as reflexões feitas pelo alunado (surgidas nas dúvidas que foram comentadas com o estagiário) para conseguirem dar suas respostas (e as próprias respostas) são ainda bastante simplificadas.

Estavam direcionadas apenas ao conhecimento das dinâmicas físicas do planeta, em detrimento das discussões sociais e ecológicas, nenhuma vez foram citadas no questionário.

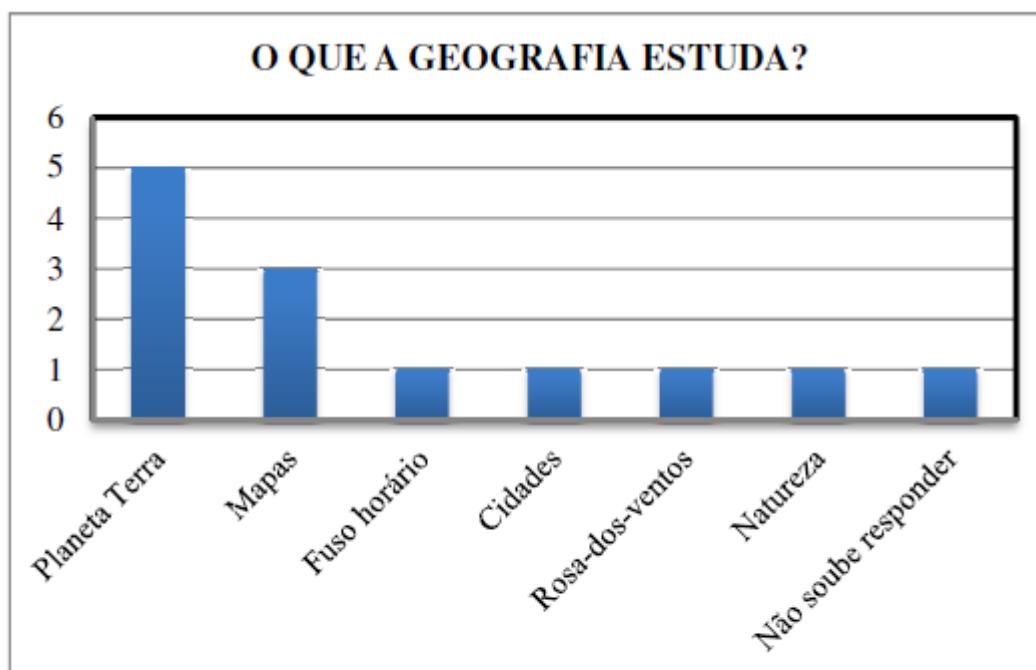


Gráfico 02 – Resposta dos alunos para o que a Geografia estuda. FONTE: Pesquisa Direta. Questionário aplicado junto a 09 educandos no dia 02 de junho de 2014.

Quanto ao professor Leandro, foi realizada uma entrevista de forma gravada, em que ele consentiu de pronto neste mesmo dia 02 de junho. Perguntamos inicialmente seu tempo de docência e o que o levou ao curso de Geografia; o que o fez escolher esta área profissional: ele respondeu que já leciona há 08 anos a disciplina Geografia que o fez escolher esta área profissional e que “entrou de paraquedas” na profissão (nestes termos!), já que terminou sua graduação e teve êxito em dois concursos do estado, mas que com o tempo se identificou com a profissão.

Entre várias questões importantes levantadas pelo professor no decorrer de sua fala, ele aponta que enfrenta um problema com as turmas nas quais leciona (tanto do Ensino Fundamental ou do Médio) referente à falta de interesse de muitos alunos pelas temáticas geográficas e da indisciplina. Afirmou que nem todos os alunos se interessam pela disciplina e que os pais são pouco presentes na escola e no acompanhamento à vida escolar dos filhos (a que si apontar que essa resposta vai de encontro com o que os alunos responderam nos questionários).

O professor relatou posteriormente sobre a dificuldade de realizar certas atividades, tais como estudos de campo, atividades no laboratório de informática, sala de vídeo ou o uso do único projetor da escola: afirma que falta apoio técnico para a manutenção da sala de informática, capacitação dos professores quanto às tecnologias e apoio financeiro e logístico para a execução de atividades extras (ele cita a grande dificuldade de conseguir um ônibus para sair a campo com os alunos).

Então, analisamos até aqui que a principal dificuldade a ser vencida nesta Turma seria a falta de um aprofundamento dos alunos nos conhecimentos geográficos, fazendo a aliança entre o gosto pela disciplina com a construção da Competência Cidadã. Contudo, não podemos de pronto afirmar ser esse um problema unilateral, onde os alunos são responsáveis: vimos a carência de recursos tecnológicos e logísticos da escola (computadores e transporte para estudos extraclasse) para tornar as aulas de Geografia mais atrativas e produtivas.

Um ponto marcante de sua entrevista foi a resposta sobre o seu modelo de aula e de avaliação: ele diz utilizar vários recursos (globo terrestre, mapas e projetor multimídia) dentro de suas aulas expositivas, buscando sempre que possível, aliá-los com a realidade dos alunos.

Quanto à avaliação, ela é feita sempre em forma de trabalhos para casa ou numa prova com o auxílio da pesquisa, pois ele percebeu que a prova por si só não apresenta os resultados mais satisfatórios do aprendizado dos alunos. Contudo, posteriormente completa: tem esse método avaliativo, mas quando alguma turma dá muito trabalho em sala de aula, faz avaliações sem pesquisa como forma de castigo.

Depois de terminados os questionários e a entrevista com o professor Leandro, ficam algumas reflexões: cabe ao professor, ainda que existam as dificuldades citadas anteriormente, buscar utilizar em sala de aula, métodos inovadores que visem despertar nos alunos o interesse pelas discussões que envolvem o cenário geográfico, bem como atribuir sentido à disciplina e aos seus respectivos conteúdos no cotidiano de cada um deles,

driblando as adversidades que ainda estão presentes no sistema educacional público. Parte dessas adversidades é vencida pela postura no profissional da educação de buscar dar o melhor em suas aulas, inovar, ter uma formação continuada e constantemente, se auto avaliar.

Dentro desse contexto, torna-se necessário que ocorra uma integração entre os conteúdos da disciplina Geografia e a prática em sociedade. Nesse sentido, propomos neste estágio uma abordagem dinâmica da temática referente ao *Clima* (seguindo deste modo o cronograma de aulas do professor titular), sem deixar de lado a iniciativa de fomentar a compreensão do tema determinado, a partir de uma Educação por Competência Cidadã. O objetivo é ultrapassar a formalidade de estudar apenas para obtenção de conhecimentos (aluno receptáculo), fazendo aqui a reflexão dos usos destes saberes escolares em nosso dia a dia.

3. O ESTÁGIO DOCÊNCIA E AS PRÁTICAS DE ENSINO EM GEOGRAFIA

A aplicação da temática “Clima” foi planejada para ocorrer em seis aulas, dispostas em três dias (duas aulas diárias de 45 minutos cada).

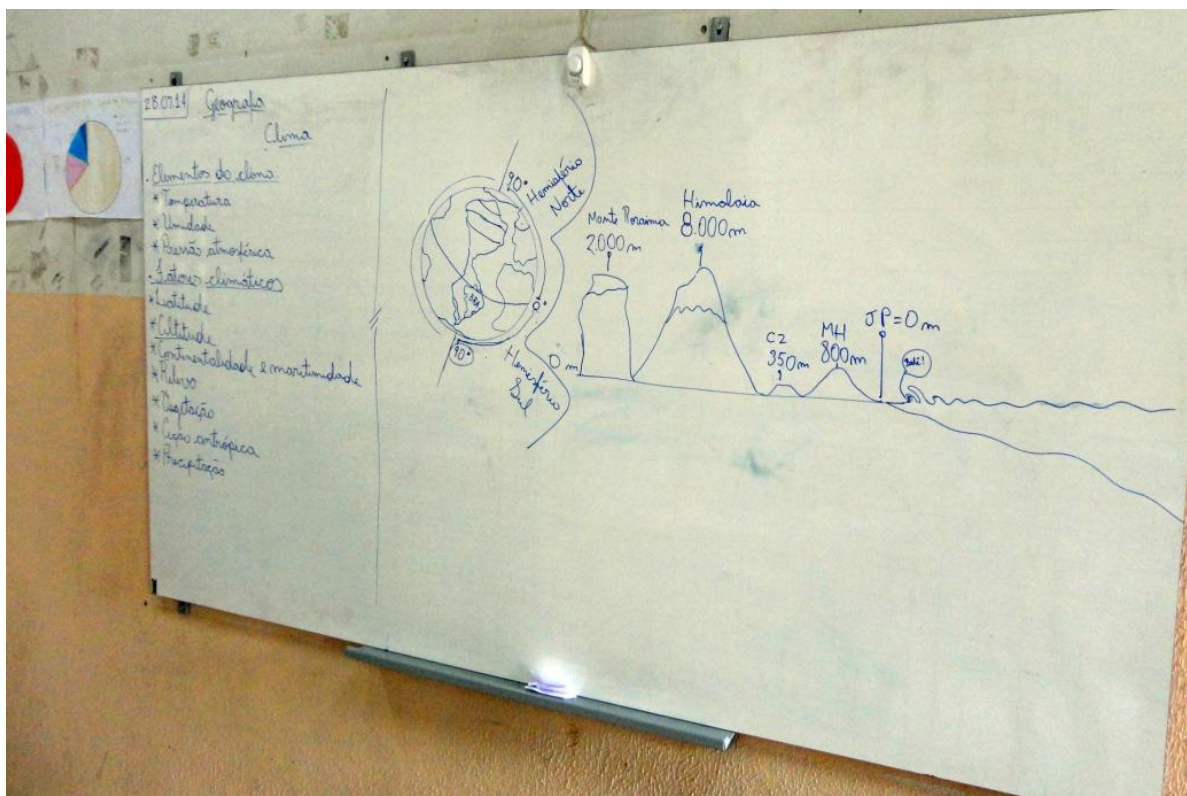


Imagem 02 – Recurso metodológico (quadro branco) da aula inicial. Buscando uma forma mais lúdica de explicar alguns pontos do conteúdo da aula, propomos a utilização dos desenhos que ilustram dados fenômenos geográficos, mais facilmente abstraídos e internalizados pelos alunos. FONTE: Acervo pessoal.

Já no primeiro dia de aula (22 de julho), tentamos unir a teoria com a prática cotidiana: antes de dissertar sobre o conteúdo presente no livro didático (TORREZANI, 2012), de uma forma mais interativa, perguntamos a cada um dos alunos o que eles entendiam de Clima.

Estimulamos a fala dos discentes e pudemos notar que isso os aproximou do conteúdo e o mesmo pode então ser explanado a partir da aula expositiva dialogada com o uso do quadro branco (**imagem 02**).

Nem todo o conteúdo planejado para essa aula inicial pode ser apresentado à turma. Logo, na aula do dia 28, relembramos o que havia sido iniciado e discorremos então sobre o conteúdo seguinte. Nesta data, falamos sobre os fatores do clima e num deles (o fator antrópico), dedicamos maior tempo e discussão.

Além do quadro (já utilizado na aula anterior), integramos de forma relacionada o globo terrestre e o projetor multimídia, presentes na escola. Com o globo terrestre explicamos questões como Latitude, Maritimidade e Continentalidade. Já o projetor foi aproveitado na passagem de um pequeno vídeo sobre a ação antrópica na degradação da natureza e suas consequências climáticas (**imagem 03**).

Depois de passado o vídeo, os alunos tiveram a oportunidade de falar o que viram e qual(s) a(s) mensagem(s) passadas nesta mídia e suas experiências cotidianas. O estagiário mediou os comentários dos alunos ao conteúdo referente ao Clima, contudo, o objetivo também era sensibilizar quanto à degradação ambiental ocasionada pelo ser humano.



Imagem 03 – Utilização do projetor multimídia em sala. O recurso foi bastante importante para a demonstração das questões ambientais e climáticas relacionadas ao consumo dos recursos naturais pelo Homem. FONTE: Acervo pessoal.

No terceiro dia (29 de julho), utilizamos o quadro e o projetor multimídia para caracterizar os climas do Brasil a partir do uso de imagens representativas e algumas informações climáticas. Os alunos demonstraram-se muito atentos: ficaram curiosos quanto as características dos outros climas e pelas tradições culturais das outras regiões brasileiras, mas ficaram mais ativos quando falávamos do Clima Semiárido: eles reconheceram várias das imagens e descreveram como seus, alguns dos cenários ali mostrados. Podemos exemplificar essa situação na fala de dois alunos: “já vi essa planta no sítio” e “tem uma cisterna dessas na casa da minha avó”.



Imagem 04 – Cantando e tocando. A música é uma das opções para tornar mais lúdicas as aulas de Geografia: aliada ao uso de um instrumento musical torna-se ainda mais prazeroso, tanto para o aluno quanto para o professor. FONTE: Acervo pessoal.

Como fixação do conteúdo e finalização das atividades do último dia de estágio, pregamos na parede da sala um cartaz referente aos climas do Brasil e como conclusão do assunto, cantamos e tocamos com os alunos uma paródia sobre os climas do Brasil utilizando um pandeiro e as palmas dos alunos (**imagem 04**). Terminada a cantoria, permanecia na sala todos os 10 alunos presentes neste dia e já havia formado uma pequena plateia na porta da sala. Depois disso, nos despedimos dos alunos (já havia tocado para o fim da aula) e tiramos algumas fotos para recordação destes dias juntos.

CONSIDERAÇÕES

Findo este estágio, ficam como resultado muitas experiências e reflexões acerca da prática de sala de aula, dos planejamentos anteriores a esta etapa, a perspectiva de educação que se pretende seguir e o que foi posto em prática no período descrito neste trabalho.

Vivenciamos uma dificuldade relacionada ao tempo: planejamos as aulas diárias, mas nem sempre foi possível aplicá-las por completo por N motivos: o transporte escolar que atrasa, o grupo que quer sair mais cedo, o próprio andamento da aula que pede explicações maiores para dúvidas dos alunos, além dos momentos de descontração. A situação se torna um desafio, mas não deve ser levada como uma corda amarrada no pescoço do professor: o plano de aula é flexível e pode sofrer alterações para o melhor andamento da aula.

Outra dificuldade foi a indisciplina: um aluno que desafia a autoridade do professor, seja com piadas ou comentários que queiram demonstrar um controle sobre a turma, precisa ser entendido como um ser sociocultural, dentro das relações de Poder. SOUZA (2013, p. 110) cita que “não se controla mais o aluno pelo medo, pela força, nem pela prova e ou pelo castigo”, pois a paciência e o diálogo são as melhores soluções para este entrave, pois algo está incomodando este aluno com comportamento conflitante: cabe a investigação.

No mais, acreditamos ter sido bastante significativa a experiência do estágio na Turma do 6º ano B, tanto para o estagiário que pode sentir como as teorias aprendidas na Academia poderiam ser aplicadas e pode desenvolver atividades diferenciadas na aula; quanto para os educandos que num geral, depois de desafiados pelo estagiário para as discussões de sala, foram participativos e curiosos (relatavam suas vivências, questionavam e perguntavam como determinados fenômenos citados na aula aconteciam).

Propondo uma educação significativa para os sujeitos que aprendem, buscamos neste estágio docência que os alunos, entre as paredes na sala de aula, fossem capazes de pensar suas próprias realidades cotidianas, fora dessas paredes. Esta não é uma tarefa fácil, mas precisa ser realizada a cada instante, em cada aula, que o resultado será construir uma um processo educativo que realmente acontece de forma cidadã e emancipatória.

REFERÊNCIAS

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática** – São Paulo: Cortez, 1994, p. 15-29. (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor).

PONTUSCHKA, Nidia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (org.) **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

SANTOS, Maria Francineila Pinheiro dos. O estágio supervisionado na formação na formação dos professores de geografia. In: **Formação, pesquisas e práticas docentes: reformas curriculares em questão**. ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de;

FERREIRA, Joseane Abílio de Sousa (orgs.). – João Pessoa: Editora Mídia, 2013, p. 59-86.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. Uma reforma curricular em um contexto de muitas mudanças. In: GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA. **Referenciais Curriculares do Ensino Fundamental: ciências humanas, ensino religioso e diversidade sociocultural**. Secretaria de Educação e Cultura / Gerência Executiva de Educação Infantil e Ensino Fundamental. João Pessoa: SEC/Grafset, 2010, p.11-37.

SOUZA, Vanilton Camilo de. Desafios do estágio supervisionado na formação do professor de Geografia. In: **Formação, pesquisas e práticas docentes: reformas curriculares em questão**. ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de; FERREIRA, Joseane Abílio de Sousa (orgs.). – João Pessoa: Editora Mídia, 2013, p. 105-130.

TORREZANI, Neiva Camargo. **Vontade de saber geografia**. 6º ano, 1. ed. – São Paulo: FTD, 2012.